Abril

Editora ABRIL
edição 2777 - ano 55 - nº 7
23 de fevereiro de 2022

veja

www.veja.com

O INÍCIO DO FIM

Depois de dois anos, existem claros indicadores de que a pandemia se encaminha para o seu epílogo. Nos Estados Unidos e na Europa, cidades inteiras suspendem o uso de máscaras em ambientes fechados. No Brasil, o número de novos casos cai drasticamente. A vacina vai vencer a Covid-19

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editora Executiva: Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Augusto Fernandes Conconi, Bruno França Ribeiro, Diogo Vassao Magri, Eduardo Gonçalves, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Lellis, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luisa Purchio Haddad, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sabrina Gabriela de Brito, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Letícia de Luca Casado, Rafael Moraes Moura ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Caio Sartori Gavazza, Carolina Barbosa da Silva, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Kamille Maria Viola de Azevedo Cunha, Paula Freitas Monteiro Autran, Ricardo Antonio Casadei Chapola, Ricardo Ferraz de Almeida **Estagiários:** Eduarda Gomes Silva, Eric Cavasani Vechi, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Nathalie Hanna Georges Alpaca **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Dora Kramer, Fernando Schüler, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

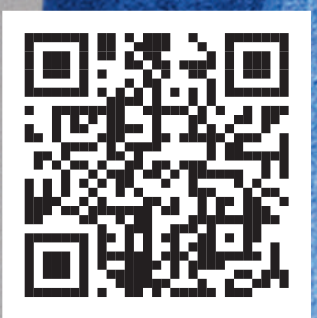
Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 777 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 7. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

IVC | ANER | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

RAFAEL DALBOSCO/FUTURA PRESS

PICADAS PARA O FUTURO Vacinação infantil contra a Covid-19: a última etapa para a volta do país à normalidade

O PONTO DE INFLEXÃO

DESDE O INÍCIO da pandemia, em março de 2020, a sociedade brasileira — de mãos dadas com uma angústia mundial — buscava boias de esperança na lida com a Covid-19. Houve momentos de alívio, como entre agosto e novembro de 2020 e entre setembro e novembro de 2021, em que as curvas apontavam queda consistente do número de casos e mortes de uma doença que, até aqui, ceifou 640 000 vidas no Brasil. As portas se abriam, havia alguma luz, mas rapi-

damente se fechavam com frustração e a retomada do ritmo de contaminações. Foi assim, novamente, na virada para este ano, com a explosão da variante ômicron — comprovadamente menos letal, mas com maior poder de disseminação.

Vive-se atualmente uma expectativa de um novo ponto de inflexão — e tudo indica que, agora sim, caminhamos para o começo do fim da pandemia. Na semana passada, a média móvel de casos sofreu a maior queda em cinquenta dias no país — embora, reafirme-se com tristeza e luto, as mortes continuem em patamar elevado (mas, com certeza, vão cair nas próximas semanas). Em países como Dinamarca, Itália e mesmo os Estados Unidos — onde os óbitos também permanecem altos — há determinações claras de relaxamento,

o que pressupõe até mesmo o abandono das máscaras em recintos fechados. Há a fadiga de dois anos de vaivém, de quarentenas, o cansaço natural de tanto confinamento e a necessidade de a vida prosseguir. Mas o crucial nas nações que começam a flexibilizar o controle é que todas as decisões foram baseadas na matemática e na ciência (não em opiniões políticas sobre o surto).

Revelou-se, sem surpresa alguma por sinal, a relevância capital das vacinas nessa retomada. Elas, de fato, funcionam. Um estudo do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, de São Paulo, mostra que 82% das mortes em decorrência de Covid-19 são de pessoas que não se imunizaram — e não se imunizaram, infelizmente, porque assim decidiram. Porcentuais semelhantes ocorrem em quase todas as unidades

de saúde do Brasil e do mundo. Por aqui, estamos chegando a um estágio que permite passos mais ousados nesta fase da pandemia. Mais de 80% da população tomou ao menos uma dose da vacina e 71% já completaram o ciclo de dose única ou duas doses. É uma taxa muito boa — poderia ser ainda mais elevada, vale ressaltar, se houvesse um direcionamento claro do governo federal, como sempre houve em relação à pólio e ao sarampo, para ficar em apenas dois exemplos.

Graças à vacinação, o fim deste pesadelo está próximo (e já não era hora). Precisamos, com urgência, enfrentar os colossais desafios da economia — geração de empregos e desigualdade social, entre outros — que impedem o crescimento de um país que parece ser sempre o de um futuro que

nunca chega. Desde a eclosão da Covid-19, havia uma trilha sensata para sair da crise com mais rapidez e segurança — bastaria que o governo fizesse o óbvio. Houve, no entanto, uma permanente aposta no negacionismo, com a defesa de medicamentos ineficazes, apesar de insistentes alertas, inclusive de aliados políticos. O presidente Jair Bolsonaro, porém, fez ouvidos moucos, preferindo espalhar *fake news* e teorias alucinadas. Resta a ele, nas eleições de outubro, saber como o povo brasileiro avaliará essa postura. ■

EUGENIO NOVAES

"FUI ALVO DO ÓDIO"

O ex-presidente da OAB que peitou Bolsonaro afirma que o Judiciário tem sido vital para frear excessos, que Moro peca pela vaidade e que, sim, concorrerá ao governo do Rio de Janeiro

CAIO SARTORI E **MONICA WEINBERG**

EX-PRESIDENTE nacional da OAB, o advogado Felipe Santa Cruz confirma que está prestes a se lançar candidato ao governo do Rio de Janeiro. Para isso, ainda tem de desatar dois nós: ser um nome pouco conhecido fora do meio jurídico e alinhavar alianças políticas de peso. Com esse objetivo, assinará em março a filiação ao PSD, do prefeito Eduardo Paes, que foi quem lançou seu nome como candidato. Mas Santa Cruz, 49 anos, está confiante de que vai superar os obstáculos e diz que a resistência mais forte vem de seus quatro filhos. “Comandar o Palácio Guanabara tem sido um voucher para o presídio de Bangu”, brinca. Uma fonte de preocupação é a ampliação dos ataques digitais — já foi alvo deles durante embates com Jair Bolsonaro e seus seguidores. O presidente abriu uma ferida ao insinuar que seu pai, um estudante de direito que militava contra a ditadura, não havia sido torturado e morto pelo Estado. Nesta entrevista, Santa Cruz fala sobre conversas com Lula, analisa a Lava-Jato e dispara contra Sergio Moro.

À frente da OAB, o senhor entrou em permanente rota de colisão com o presidente Bolsonaro. Ficaram sequelas? Tomei posse em janeiro de 2019 e já havia uma campanha contra mim nas redes, capitaneada por uma milícia digital muito bem articulada. Como tinha pedido antes a cassação de Bolsonaro, pela apologia ao Brilhante Ustra, um torturador, e ainda por cima sou filho de um político que lutou contra a ditadura, os bolsonaristas não perdoaram e partiram com tudo para cima de mim, fazendo circular fotos falsas, xingando. E aí veio o

presidente e disparou uma frase que me feriu profundamente. Disse: “Um dia eu te conto como seu pai morreu, você nem vai querer saber”. E insinuou que havia sido eliminado por guerrilheiros, e não pelo Estado. Foi como um segundo assassinato dele. A violência, estranhamente, me libertou, porque tive naquele momento a verdadeira compreensão sobre Bolsonaro.

Acha que o presidente estava por trás da campanha nas redes contra o senhor? Não tenho dúvida de que o tiroteio saía do chamado gabinete do ódio, de dentro do Palácio do Planalto, onde se instalou uma máquina poderosa e hiperfinanciada. Aliás, o Supremo ainda está devendo esta resposta: quem, afinal, sustenta tamanha engrenagem?

Qual a importância atual do Judiciário para frear tais excessos? Sabe que ninguém critica tanto o Judiciário quan-

“Bebianno, então homem de confiança do presidente, me confidenciou que estava em marcha uma iniciativa que poderia acabar com a OAB, casa do comunismo para Bolsonaro”

to os advogados, que conhecem bem seus vícios, sua falta de celeridade, o exagero no formalismo. Mas nestes últimos anos é inegável que ele representou um pilar maior do estado democrático de direito. Só para dar um exemplo, foi o STF que, depois de analisar uma ação da OAB, acabou por descentralizar as decisões sobre a pandemia, dando autonomia a estados e municípios e poupando centenas de milhares de vidas. E assim, ao longo desses anos, as batalhas iam sendo travadas. Sei que, desde o início, o que Bolsonaro queria mesmo era extinguir a Ordem.

É impressão ou informação? Tive três conversas com o Gustavo Bebianno *(apoiador, morto em 2020, que se tornou desafeto de Bolsonaro),* que me confidenciou, ainda antes da posse, que estava em marcha uma iniciativa que poderia acabar com a OAB, retirando a obrigatoriedade do exame da Ordem. Ele, com quem sempre me dei bem, disse: “Temos de evitar isso”. Aí o Bebianno cai e a artilharia começa. Bolsonaro vê a OAB e outros órgãos que compõem o caldo institucional brasileiro como casas do comunismo, uma visão tacanha que não combina com o jogo democrático.

Qual sua avaliação sobre a Operação Lava-Jato? É irrefutável que o país pela primeira vez deu relevância à luta contra a corrupção, mas há problemas sérios nos métodos com que a operação transcorreu. Se não aprimorarmos os mecanismos para dar ampla defesa aos

acusados, sem delações frágeis, estaremos fragilizando o combate à impunidade. Sergio Moro deve ser o campeão mundial de sentenças anuladas, pois desvirtuou as regras e viciou os próprios processos. A sensação pós-Lava-Jato é de que a liberdade para a prática da corrupção voltou. Alguém duvida que esse orçamento secreto vai virar escândalo?

E o juiz Marcelo Bretas, braço da Lava-Jato no Rio, cometeu os mesmos erros? Sem dúvida. Estive com Nythalmar Ferreira, advogado que teria pré-combinado as delações de seus clientes com Bretas, e ele me narrou fatos gravíssimos do ponto de vista processual. Defino Bretas como um sub-Moro, um Moro brega, deslumbrado.

O senhor vai mesmo sair candidato ao governo do Rio? Sim, tomei essa decisão, em parceria com o prefeito Eduardo Paes.

Seu grupo e o PDT encaminharam a formação de uma aliança no estado. Isso pode prejudicá-lo, visto que o pedetista Rodrigo Neves também é pré-candidato? De maneira alguma. Continuo candidato. O que há é um passo importantíssimo com a união de duas grandes forças da política fluminense. Na hora certa, teremos a maturidade para montar uma chapa vencedora com a formação apropriada para disputar o pleito.

Paes disse que Lula não teria relevância para a eleição do Rio, mas voltou a se encontrar com ele na última terça. Seu grupo quer ou não o apoio do ex-presidente? Política é diálogo. Este momento é rico para isso e assim deve ser. Essa articulação está além das nossas fronteiras, depende de fatores que não controlamos regionalmente, mas sempre disse que nosso palanque será o mais forte contra o bolsonarismo no Rio.

Sua mãe e seu padrasto ajudaram a fundar o PT e o senhor mesmo tentou ser vereador em 2004 pelo partido. Subirá ao palanque com Lula? Vou estar com o candidato do meu futuro partido, o PSD. Mas não teria nenhum problema em caminhar com Lula, assim como me associaria a qualquer representante do campo democrático. O importante é haver uma frente consistente anti-Bolsonaro.

Como foram seus últimos encontros com Lula? Falamos sobre o Judiciário, sobre o processo dele, que aliás lhe causou e causa muito sofrimento. Lula guarda fortes mágoas em relação ao desenrolar da Lava-Jato, ao modo como ele pousou em Curitiba, com a PF na escolta para não ser linchado. Mas, em um desses bate-papos, Lula ponderou: “Pera lá, um homem de 76 anos e apaixonado não tem o direito de cultivar rancor”.

O que faz alguém querer comandar um estado afundado em dívidas, atolado nas mazelas da segurança pública e

com seis governadores afastados ou presos? É exatamente o que os meus filhos me perguntam. Eles sabem que ser governador do Rio é quase que um voucher para o presídio de Bangu. Mas isso é para quem escolhe trilhas que não as minhas. Acho o desafio irrecusável, não tenho medo. E estamos falando do Rio, que eu adoro. Quando é para ir para Brasília, entro no avião chorando.

Já esboçou algum programa de governo? Ele ainda será construído. O que vejo é que o Rio se transformou naquela família rica decadente, que já foi milionária e passou anos vivendo de aparência. Aí quando vende seu último quadro, no caso a Cedae, e vê o preço do barril do petróleo subindo, a família endividada volta a comer caviar até que, um dia, precisa ir morar na casa de uma tia. São muitos os problemas. Fui a uma reunião com empresá-

“O Rio se transformou em uma família rica decadente. Vende seu último quadro, a Cedae, o barril do petróleo sobe e aí fica comendo caviar. Um dia, precisa ir morar na casa da tia.”

rios em São Paulo, junto com o Eduardo (*Paes*), e ouvi: "A segurança do Rio é um território perdido".

E é? Claro que não. Mas não é com programas como o Cidade Integrada, recém-lançado, sem nenhum planejamento, que o Rio vai deixar esse buraco. A gente sabe que é início de ano eleitoral e que o governador Cláudio Castro, hoje no PL, o partido do presidente, está fazendo a campanha dele. Agora, é um equívoco gastar dinheiro assim. Perguntei recentemente ao vice-presidente Mourão se seria mesmo candidato ao Palácio Guanabara. Resposta: "Meu filho, estou lendo os relatórios da segurança aqui e acho que não tenho mais idade para enfrentar o que está acontecendo". Temos um claro atraso nessa área, regredimos.

É verdade que o PSDB o sondou para sair candidato pelo partido no Rio? Sim. Recebi um recado do Doria via Bruno Araújo, o presidente do partido, de que eles gostariam de me ter como candidato. Meu diálogo com o governador de São Paulo é o melhor possível, um cara gentil, cuidadoso, embora muita gente não o veja desse jeito. Qualquer passo nessa direção, porém, só poderia ser dado em uma costura que envolvesse o meu grupo político. Estamos conversando também com setores do PDT e do próprio PT.

E como o senhor avalia a candidatura de Moro à Presidência? Trata-se de uma sublegenda do bolsonarismo. Na

ditadura não tinha divisões, tipo Arena do A e Arena do B? Para mim, é mais ou menos a mesma coisa: o autoritarismo da toga *versus* o autoritarismo militarizado. Quando Moro aceitou o convite para ser ministro de Bolsonaro, ele preenchia os pré-requisitos, havia passado por um concurso difícil de juiz federal e tinha um trabalho a apresentar. Mas cometeu um grande erro ao levar o patrimônio simbólico do combate à corrupção para dentro de um governo, que é conjuntural por definição. Acho que foi movido por um misto de vaidade e despreparo. Ele fez uma leitura equivocada de seu papel ao se ver como um super-herói.

A caneta do presidente exerce uma grande influência sobre o Judiciário? Às vezes, ela influencia, sim. É poderosa. Até porque há figuras no Judiciário que alimentam expectativas de promoção. Também não há dúvida de que a Polícia Federal está aparelhada. Nesse ponto, o doutor Sergio Moro está falando a verdade. Só me pergunto por que ficou calado no governo. Há um trabalho silencioso de demolição das instituições.

A mesma caneta beneficia os filhos do presidente? Não conheço os processos contra eles no detalhe, portanto não posso me pronunciar juridicamente. Mas tudo indica que existia um esquema de enriquecimento familiar em seus gabinetes. Basta olhar para a evolução do patrimônio do clã. Eles têm dificuldade de separar o público do privado,

assim como seus assessores, que circulam sem cerimônia nas esferas do poder representando os interesses da família. O presidente pode ser acusado de qualquer coisa, menos de não ser um bom pai. ■

NA SERRA, UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA

OS PRIMEIROS alertas e pedidos de socorro, em vídeos compartilhados nas redes sociais, já davam a dimensão da tragédia que estava por vir: ruas transformadas em rios, pessoas se agarrando onde podiam para não serem arrastadas, balcões e produtos de lojas boiando e carros sendo levados por cachoeiras de lama. **Petrópolis,** a Cidade Imperial, situada na movediça Região Serrana

CARL DE SOUZA/AFP

fluminense, foi devastada na tarde da terça-feira 15 por um temporal que deixou impressionante rastro de destruição e desespero. Em apenas 24 horas contabilizaram-se 80 mortos, entre eles doze corpos recolhidos na Rua do Imperador, no centro da cidade. Na encosta do **Morro da Oficina,** um rasgo coalhado de escombros marcava a trilha do deslizamento de terra que engoliu casas e até um prédio de quatro andares, soterrando moradores. Durante seis horas, a chuva concentrada no município registrou um acúmulo de 259 milímetros, mais do que o esperado para fevereiro inteiro. Decretado estado de calamidade pública, Petrópolis recebeu o reforço de bombeiros de outras localidades e mobilizou doações de todo o Brasil. O presidente Jair Bolsonaro, criticado no fim do ano por não interromper as férias enquanto a Bahia padecia com as enchentes, anunciou uma ida ao local assim que voltar de viagem à Europa. Mas, sem um trabalho sério e contínuo de prevenção, nem visitas nem promessas de ajuda emergencial vão resolver o drama que as chuvas de verão reprisam ano após ano em várias partes do Brasil. ■

Sofia Cerqueira

“AINDA ACHAM QUE SOU O RAJ”

Famoso como o astrofísico indiano de *The Big Bang Theory*, o ator interpreta o suspeito de um crime no drama *Suspicion*, da Apple TV+, e fala sobre os estereótipos que aceitou para ter lugar em Hollywood

DA COMÉDIA AO DRAMA Kunal: “Abri as portas para muitos indianos na TV”

BRIAN DE RIVERA SIMON/GETTY IMAGES

Quais desafios enfrentou na transição de uma sitcom de popularidade estrondosa para o drama policial *Suspicion*, no qual você é um especialista em tecnologia entre os suspeitos de um crime? O sucesso de *Big Bang Theory* marcou minha vida. Assim, sempre existirão os que acham que aquele gênero é tudo o que sei fazer, que sou só um comediante. Não quero parecer ingrato ou pedante, foi uma experiência maravilhosa, e a sitcom me abriu portas. Mas, para garantir a longevidade da minha carreira, devo explorar os mais diferentes tipos, e *Suspicion* me deu a chance disso.

Acredita então que não ficou marcado pelo astrofísico Raj? É curioso o modo como algumas pessoas me enxergam. Ainda acham que sou o Raj. *The Big Bang Theory* era uma sitcom gravada diante de uma plateia ao vivo, com gente rindo e aplaudindo, e com um roteiro que trazia uma ou duas piadas a cada três frases. Por doze anos, foi uma série vista em casa, à noite, com a família. Então, gradualmente, seu personagem se torna parte daquela família.

***The Big Bang Theory* estreou em 2007. Perto do fim, em 2019, havia críticas ao modo estereotipado como Raj era retratado. O que pensa disso hoje?** Quando a série começou, eu tinha 25 anos e precisava de um emprego. Hoje, tenho 40 e posso ser seletivo, pois o dinheiro não é problema. Eu sabia que era um indiano tentando um espaço em Hollywood. Não me via na missão de quebrar es-

tereótipos e mudar a indústria, nem na obrigação de chamar a atenção para minha etnia ou cultura.

Qual era, então, sua missão? Eu só queria provar que era um bom ator. Pois tinha a certeza de que merecia um lugar na TV. Ao fazer isso, sei que abri as portas para muitos indianos.

Você já disse que sacrificou tempo com sua família na Índia durante a sitcom, gravada em Los Angeles. Isso interfere agora nas suas escolhas? Quanto mais velho você fica, mais precisa estabelecer limites. Hoje, quero personagens diferentes do Raj, como o Aadesh de *Suspicion*, mas o que mais conta é o tempo que vou ficar longe da minha família (ele é casado com a modelo indiana Neha Kapur, miss Índia 2006) e o equilíbrio entre as demais áreas da minha vida. Não é uma ciência exata, nem sempre dá para conciliar tudo, porém tenho tentado. ■

Raquel Carneiro

TUDO O QUE HAVIA POR TRÁS DO ÓBVIO

DUPLO Jabor: carreira dividida entre filmes sensuais e as críticas ácidas como jornalista

PAULO VITALE

O carioca **Arnaldo Jabor** seguiu trilha semelhante a de seus pares da *nouvelle vague* francesa como François Truffaut e Jean-Luc Godard, que começaram a vida como jornalistas, na posição de críticos, e depois migraram para o cinema — a diferença é que o brasileiro, atropelado pelo vergonhoso descaso do governo de Fernando Collor com a cultura, no início dos anos 1990, teve de abandonar as câmeras para voltar a escrever. Jabor, mais conhecido como ácido comentarista da Rede Globo e do jornal *O Globo*, uma das vozes mais inteligentes e ferinas contra os desmandos do PT na Presidência da República, merece ser lembrado por seus filmes, indeléveis.

Toda Nudez Será Castigada, obra-prima de 1973, é a mais competente adaptação de Nelson Rodrigues para as telas, retrato amargo do moralismo bocó de parte da classe média. Poucos cineastas sabiam lidar simultaneamente e tão bem com o ritmo, a montagem e a edição musical de seus trabalhos — além de ter domínio total dos atores, como maestro. Não por acaso, Fernanda Torres recebeu o prêmio de melhor atriz em Cannes por seu papel em *Eu Sei que Vou Te Amar*, de 1986. *Eu Te Amo*, de 1981, era uma ode à sensualidade à flor da pele, com Sonia Braga. Ao alinhavar as duas pontas de sua carreira, ele disse: "As coisas que eu escrevo têm algo do cinema. Porque eu sou meio ator de televisão também. Tem uma coisa de cinema no sentido de que é a tentativa de captar o que é que está por trás da notícia óbvia". Jabor morreu em 15 de fevereiro, em São Paulo, aos 81 anos, em decorrência de um AVC.

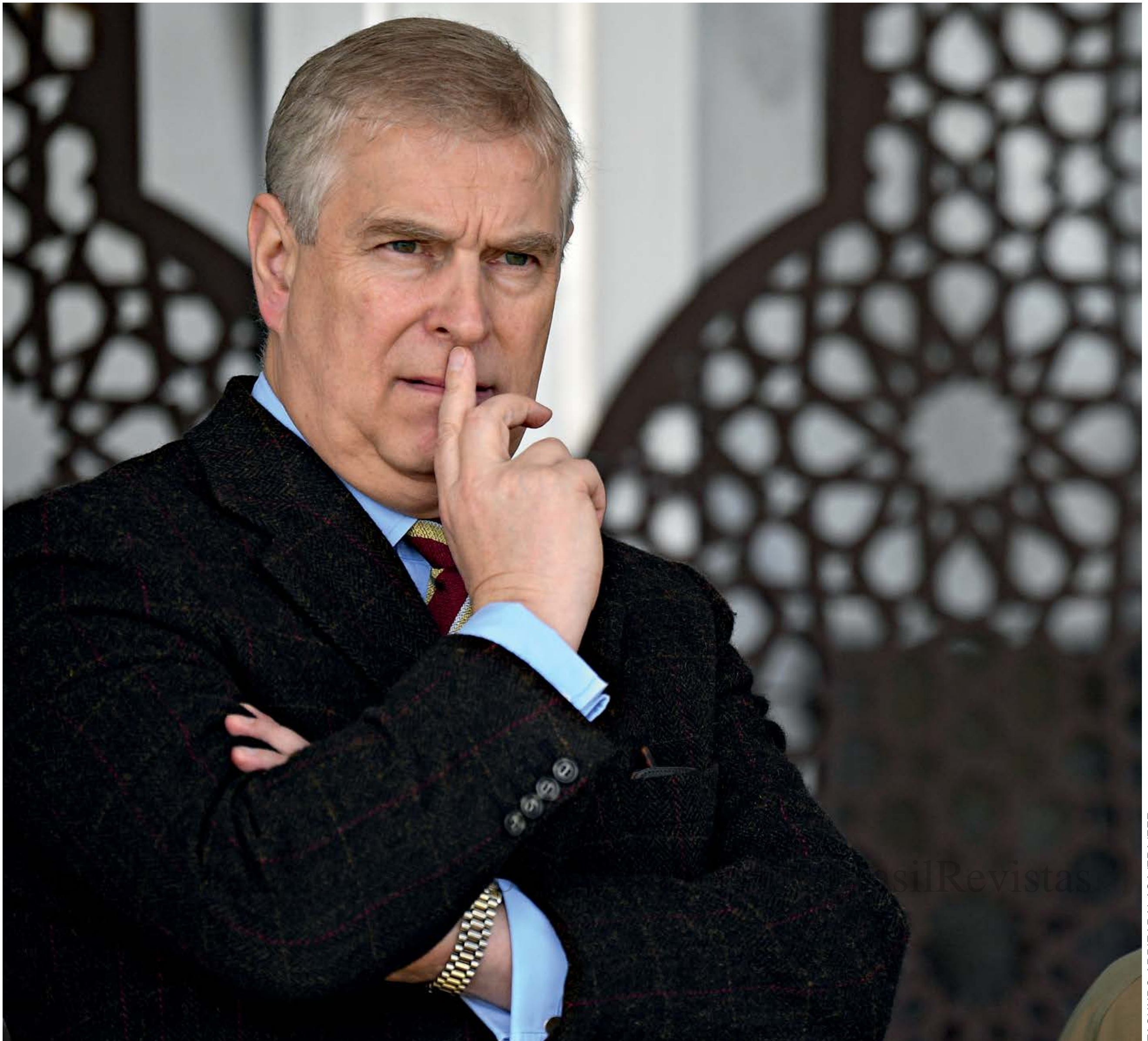
PAUL HARRIS/GETTY IMAGES

HUMOR Reitman: a graça inovadora de *Os Caça-Fantasmas,* clássico de 1984

O RISO NAS TELAS

Quem não se divertiu à beça e vibrou como criança com os filmes do diretor americano **Ivan Reitman** devia estar no mundo da lua — ou então sofria de mau humor incurável. *Os Caça-Fantasmas*, de 1984, praticamente inventou um gênero de comédia — a um só tempo discreta e abilolada, de gargalhar. São dele outros pequenos clássicos do cinema, como *Irmãos Gêmeos* (1988) e *Um Tira no Jardim da Infância* (1990), nos quais pôs o improvável e fortão Arnold Schwarzenegger em postura delicada e sensível. Reitman morreu em 12 de fevereiro, em Montecito, na Califórnia, aos 75 anos, de causas não reveladas. ■

Edição: **LIZIA BYDLOWSKI**

FACUNDO ARRIZABALAGA/EPA/EFE

“O príncipe Andrew lamenta sua associação com Epstein e admira a coragem de *(Virginia)* Giuffre e outras sobreviventes de agir em prol de si mesmas e das demais.”

DECLARAÇÃO que acompanha o anúncio de que o filho da rainha Elizabeth e a moça que o processa por estupro, facilitado pelo abusador Jeffrey Epstein, chegaram a um acordo financeiro. Ela vai receber, supostamente, 10 milhões de libras

“O Brasil, o que está sinalizando? No longo prazo, que o Brasil está tranquilo, está bem com esse projeto euroasiático russo chinês.”

ERNESTO ARAÚJO, ex-ministro das Relações Exteriores sempre atento a conjuminâncias diabólicas, condenando a viagem de Jair Bolsonaro à Rússia

“Continuo muito reticente em relação à política.”

JOAQUIM BARBOSA, ex-ministro do STF e eterno presidenciável, que se desfiliou do PSB e, “em princípio”, não será candidato este ano

“Não sei bem o que é esse projeto.”

LUÍS ROBERTO BARROSO, ministro do STF, que ameaça suspender a atuação do aplicativo Telegram no país por se recusar a dificultar a divulgação de desinformação

“A mensagem é: se quiserem manter sua situação legal, têm de se comportar bem, ficar caladas, não criticar nada, não analisar nada.”

ERNESTO MEDINA, ex-reitor da Universidade Autônoma Nacional da Nicarágua, condenando a ameaça de Daniel Ortega de intervir nas faculdades — o último reduto de oposição ao governo — por supostas dívidas

“O ar tem mais capacidade de absorver a água do solo, da vegetação, das plantações, das florestas.”

JULIE COLE, cientista do clima, comentando a descoberta de que o aquecimento globawl agravou a megasseca que assola o Sudoeste americano, a mais intensa em 1 200 anos

“Sou profundamente abortista. (...) Nós homens, aliás, temos pouco a dizer a respeito.”

PEDRO ALMODÓVAR, cineasta, para quem só a mulher deve decidir sobre seu corpo

“Não sou contra a vacina, mas sempre defendi a liberdade de escolher o que colocar dentro do meu corpo.”

NOVAK DJOKOVIC, tenista campeão e negacionista de raiz que, por falta de imunização, foi banido do Aberto da Austrália e está disposto a “pagar o preço” de sacrificar outros torneios

“Falo todo dia com minha mãe, de 90 anos, na China e no fim de cada conversa ela diz: ‘Filho, eu te amo. É você que me mantém viva – mas não volte para cá’.”

AI WEIWEI, artista chinês perseguido e torturado em seu país, que mora atualmente em Portugal

"A autorização era praticamente vitalícia para mais umas cinco vidas."

LUANA PIOVANI, atriz, explicando por que não deixou os três filhos aparecerem no *BBB 22* em um vídeo para o pai, Pedro Scooby, que participa do reality show

INSTAGRAM @LUAPIO

FERNANDO SCHÜLER

DUAS TRADIÇÕES

ERA uma quarta-feira de abril, em 1977, quando David Goldberger, advogado judeu da American Civil Liberties Union (Aclu) em Chicago, recebeu uma ligação de Frank Collin, líder do partido nazista americano. Ele reclamava que seu grupo estava sendo proibido de fazer uma manifestação em Skokie, localidade perto de Chicago, e queria que a Aclu defendesse seus direitos à expressão, garantidos pela Primeira Emenda à Constituição.

Collin explicou que eles iriam vestidos com os uniformes nazistas e que tudo demoraria coisa de trinta minutos. Goldberger ouviu com atenção e de cara achou que aquele era um caso essencial para os princípios da Aclu. Topou representar Collin e os nazistas. Antes, pediu o o.k. de Ed Rothschild, conselheiro-geral da Aclu, e obteve seu apoio: "Você deve assumir este caso", disse Rothschild, imaginando o barulho que viria à frente.

Skokie era a comunidade com maior número de sobreviventes do Holocausto nos Estados Unidos. As autoridades locais proibiram a marcha e o caso foi à Suprema Corte, que determinou que a decisão fosse revisada. Goldberger recebeu ameaças e alguns ovos, na porta de casa, mas ganhou o jogo. É provável que hoje fosse "cancelado". Mas diz jamais ter se arrependido de sua decisão.

A Aclu era presidida por um outro intelectual judeu, Aryeh Neier, que mais tarde fundaria o Human Rights Watch. Neier, Goldberger e Rothschild nos contam uma história emblemática do século XX: foi um grupo de brilhantes advogados judeus que se bateu pelo direito à expressão do partido nazista americano, nos anos 70, ajudando a consolidar a tradição da Primeira Emenda e sua garantia do direito à livre expressão.

Anos depois, o Brasil trilharia um caminho muito diferente. Seu ponto culminante foi a decisão tomada pelo STF, em 2003, negando um habeas corpus a Siegfried Ellwanger, historiador "revisionista" do Holocausto. Os livros editados por Ellwanger, ao longo dos anos 90, apostavam em toda a sorte de delírios conspiratórios, do tipo "os judeus

estavam por trás da escravidão no Brasil", e eram as "forças ocultas", referidas por Getúlio. Ainda me lembro de encontrar seu *Holocausto: Judeu ou Alemão?* nos sebos de Porto Alegre a preços de banana.

Ellwanger foi condenado pela Justiça do Rio Grande do Sul e recorreu ao Supremo. Foi derrotado pela maioria. O ministro Carlos Ayres Britto ficou com a minoria. Em seu voto, diz que os livros de Ellwanger expressavam uma ideologia e que isso não era crime. Podia ser "uma desgraça que alguém se deixe enganar" por certas ideologias, mas que isso tinha respaldo na Constituição, que "faz do pluralismo político um dos fundamentos da República".

O ministro Marco Aurélio Mello disse que o direito à liberdade de expressão servia como uma "trincheira do cida-

JOE PARTRIDGE/SHUTTERSTOCK

PLURALISMO Isaiah Berlin: diferentes respostas para diferentes questões

dão", particularmente quando ele expressa "ideias radicais e minoritárias". Fez a defesa mais próxima que conheço, aqui nos trópicos, de uma visão alinhada à cultura da Primeira Emenda. Disse que haveria crime se Ellwanger, "em vez de publicar um livro (...), distribuísse panfletos nas ruas de Porto Alegre dizendo vamos expulsar estes judeus do país". Aproxima-se do clássico critério de Oliver Holmes, na Suprema Corte: o discurso deve ser livre caso não represente "perigo real e imediato" aos demais.

“O ponto central é não dar ao Estado a prerrogativa de censurar”

A marcha de Skokie e o julgamento de Ellwanger são casos emblemáticos de duas tradições. Duas formas de tratar a liberdade de expressão. Cada um pode julgar qual das duas é a mais acertada. Nem Goldberger, nem Aryeh Neier, por

óbvio, tinham qualquer simpatia pelo nazismo, e tão pouco Ayres Britto e Marco Aurélio Mello, pelo revisionismo. A questão sempre foi sobre princípios, e continua nos desafiando: é melhor permitir o livre mercado de ideias ou a tutela do Estado sobre a opinião?

Ambas as tradições andam hoje sob fogo cruzado. Nos Estados Unidos, a Primeira Emenda continua de pé, mas as coisas vão mudando na sociedade. Intelectuais tão distantes quanto Noam Chomsky e Steven Pinker alertam sobre a emergência de uma “sociedade intolerante”, em que “editores são demitidos por publicar livros controversos; jornalistas impedidos de escrever sobre certos assuntos e professores investigados por citarem em aula obras de literatura”. As redes sociais, um dia ditas como “ágoras digitais”, praticam

censura, a começar pelo ex-presidente americano. A chegada de Trump ao poder é vista como ponto de inflexão. Diante da "nova direita", a liberdade de expressão se tornou tóxica. Mesmo a Aclu mudou. Goldberger observa que seus líderes se preocupam mais, hoje, em "seguir causas progressistas do que manter princípios" e que "os progressistas estão deixando para trás a Primeira Emenda".

Para Goldberger, o ponto central é não dar ao Estado a prerrogativa de censurar. Proteger as piores ideias tem uma lógica: garantir que todas as demais ideias, que são melhores do que as piores, estarão também protegidas. O Brasil de hoje é retrato disso. Enquanto batemos boca sobre a ideia sem nexo de permitir um partido nazista, nossa "democracia de

tutela" anda de vento em popa. Manda-se prender jornalistas por "ameaças ao estado de direito"; blogueiros são censuradas por "não dizer a verdade" sobre as urnas eletrônicas; e discute-se abertamente banir o Telegram, rede social utilizada por 50 milhões de brasileiros, para "combater *fake news*".

O tema da liberdade de expressão é difícil porque não há encaixe, em última instância, no universo das escolhas éticas. Vivemos em um mundo cindido, marcado pelo que Isaiah Berlin chamou de "pluralismo objetivo". Há diferentes respostas, não raro incompatíveis, para diferentes questões. Que ordem de valores iremos priorizar? A liberdade individual? A imposição de padrões de "respeito"? Que discursos, exatamente, iremos proibir? Defesa de ditaduras? Qualquer uma? A defesa de regimes que promoveram a tortura ou ge-

nocídio? Qualquer um? Não é difícil perceber a ausência de acordo, em uma sociedade plural, sobre essas questões.

Alguém pode considerar que defender a liberdade de expressão para ideias absurdas é uma indesculpável perversão. Todos escutamos adjetivos nessa linha na outra semana. Podemos até mesmo achar que "defender o direito à expressão de ideias absurdas" e "defender ideias absurdas" é a mesma coisa, contrariando toda a história da liberdade de expressão na modernidade. Ou que nós, brasileiros, e nossa democracia de tutela, somos o caminho da civilização, enquanto a tradição da Primeira Emenda e a Suprema Corte Americana, a barbárie.

Tudo é possível. Diferentes respostas, como ensinou Berlin, habitam o universo moral, e o pluralismo vive no coração da República, como lembrou Ayres Britto. Por aí, quem sabe, encontramos um caminho. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

FIOCRUZ

A fundação liberou o primeiro lote da vacina contra a Covid-19 feita 100% no país e fabricada em parceria com a AstraZeneca.

ELON MUSK

O bilionário CEO da Tesla presenteou uma instituição de caridade com 5,7 bilhões de dólares. Com isso, tornou-se o segundo maior doador dos Estados Unidos, atrás apenas do ex-casal Bill Gates e Melinda Gates.

CHELSEA

Pela primeira vez, o clube inglês tornou-se campeão do Mundial de Clubes, ao vencer o Palmeiras em partida disputada em Abu Dhabi.

DESCE

MARIO FRIAS

O secretário especial de Cultura colocou em dúvida a causa da morte do ator Paulo Gustavo, que foi por coronavírus, sem apresentar prova alguma.

KIM KATAGUIRI

O deputado federal do DEM-SP teve de pedir desculpas em sessão na Câmara depois de fazer críticas à criminalização do nazismo durante um recente podcast do canal Flow.

ALEC BALDWIN

O ator e outros membros da produção de *Rust* estão sendo processados pela família da diretora morta no set de gravações do filme.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

Jogo da discórdia

Rodrigo Pacheco e **Arthur Lira** estão novamente em conflito. O motivo: o chefe do Senado criou uma comissão para mexer na Lei do Impeachment sem consultar Lira, a quem cabe a decisão sobre a abertura dos processos.

Posso brincar também

A aliados, o chefe da Câmara foi duro: "Se ele quer mexer com as minhas atribuições, então posso rediscutir

XADREZ Lira e Pacheco: novo atrito nas relações dos chefes do Congresso

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

o papel do Senado nas agências reguladoras, na indicação aos tribunais...".

Banquete russo

A comitiva de Jair Bolsonaro passou bem na Rússia no almoço servido pela cozinha de Vladimir Putin. Teve salada de caranguejo com manga e abacate, caldo de fungos da floresta, medalhões de vitela com batata e molho de romã.

Za Zdorovye!

No "governo da família" de Bolsonaro, muita gente não bebe, mas os russos, claro, colocaram na mesa vodca Organika Arctic e o tinto russo West Hill Blend 2020, de 180 reais. Sobremesa: torta de leite de pássaro.

Tremeu na base

Nessa passagem pelo Kremlin, Bolsonaro estava mais nervoso que de costume. A ansiedade presidencial antes de encontrar Vladimir Putin foi notada por um de seus ministros.

Famoso quem

Walter Braga Netto foi barrado na entrada do evento com empresários russos. O general chegou ao lado de Augusto Heleno, mas estava sem a credencial. "Ele é o ministro da Defesa", avisou um auxiliar.

Mistura explosiva

Bolsonaro falou bastante de fertilizantes publicamente, mas a tratativa com os russos mirou mesmo a tecnologia de uso do nitrato para combustível de foguetes e munição.

Conexão Moscou

Bolsonaro encaminhou a produção de equipamentos

militares de alta tecnologia russa em solo brasileiro. Uma comissão foi criada para avaliar esses projetos com o Ministério da Defesa.

Café com leite

O discurso contra corrupção está em baixa nas pesquisas do Planalto. O eleitor está focado mesmo é no desemprego, na inflação e na saúde. Daí por que Bolsonaro baterá mais em Lula do que em Sergio Moro daqui para a frente.

Abandonar o navio

Constatação de um importante cacique do Centrão sobre a campanha de Bolsonaro: "É amadorismo demais, não vai dar certo".

Que é isso, companheiro?

O PT da Bahia está inconformado com Lula. O petista poupa Fernando Haddad em São Paulo, mas quer sacrificar Jaques Wagner para fazer alianças.

Time de peso

João Doria contratou três marqueteiros. Guillermo Raffo pilota o trio com Chico Mendez e Eduardo Fischer.

Tríplice aliança

Longe dos holofotes, Doria, Moro e Simone Tebet têm mantido conversas frequentes sobre a conjuntura e a possibilidade de aliança.

Esqueletos petistas

O MPF acaba de abrir inquérito para retomar a investigação sobre o Grupo Schahin por propinas na Petrobras que ligam o PT ao caso Celso Daniel.

Uma alma se salvou

Carregador de dinheiro de

ALESSANDRO DANTAS/PT NO SENADO

NA MIRA Renan Calheiros: o relator da CPI é alvo de investigações na PGR

Alberto Youssef no famoso *money delivery* do doleiro, Rafael Ângulo Lopez segue fazendo trabalhos voluntários, mesmo após pagar a pena na Justiça.

Motivo real

Augusto Aras voltou a receber críticas de **Renan Calheiros** e Randolfe Rodrigues. Mas nem só à CPI se resume essa briga. Na PGR, Calheiros e Randolfe são alvos de diferentes investigações.

Péssimo negócio

O TJ-MG deve homologar nos próximos dias a venda da debênture de Eike Batista, avaliada em 1,2 bilhão de

reais, pela metade do preço. Como o dinheiro será retido pela PGR na delação, os credores ficarão a ver navios.

Sem pressa

Felix Fischer se aposenta no STJ em agosto, mas a OAB não tem pressa em formar a lista de nomes para a vaga. A ideia é empurrar a indicação do novo ministro para o próximo presidente.

Sob nova direção

Paulo Guedes e Ciro Nogueira se acertaram. O ministro da Economia segue com suas liberdades, mas a palavra final em tudo agora é da Casa Civil.

Em boa hora

A Petrobras liberou nesta semana 154 milhões de reais para financiar o vale-gás de cozinha a famílias carentes.

Compasso de espera

A sabatina do novo superintendente-geral do Cade, Alexandre Barreto, travou no Senado.

Festa do interior

O BB de Fausto Ribeiro destravou nesta semana 3 bilhões de reais em créditos para adoçar a bancada ruralista.

Novas frentes

A União Química e a Marfrig avançaram em conversas na Rússia para investir no setor de energia limpa.

Os russos chegaram

Uma grande empresa russa acaba de comprar uma planta industrial desativada em Três Lagoas (MS) para produzir adubos em solo nacional.

Vai cair na conta

O Banco dos Brics anunciou

na Rússia que vai liberar uma leva de crédito para projetos de infraestrutura no Brasil.

Torneira aberta

O programa do Ministério da Justiça para financiar casas a policiais liberou, em três meses, 400 milhões de reais. Foram 1 650 operações aprovadas.

Maratona amazônica

Maratonista, o prefeito de Manaus, David Almeida, vai montar estandes nas maratonas de Paris e Barcelona para divulgar a Maratona de Manaus — e vai aproveitar para correr também.

Em paz com o passado

A Sextante lança nas próximas semanas o best-seller *O que Aconteceu com Você?*, de **Oprah Winfrey** e do psiquiatra Bruce Perry. A obra mostra como traumas passados impactam a vida adulta. "Quando entendemos o passado, aí começa a cura", diz Oprah. ■

STEVE JENNINGS/GETTY IMAGES

EM BUSCA DE PAZ
Oprah: a jornalista lançará livro no país

CHAPA QUENTE

Jair Bolsonaro só pretende abrir mão de ter o general Braga Netto como seu vice se concluir, até junho, que sua reeleição corre risco

RAFAEL MORAES MOURA E **LETÍCIA CASADO**

PLANO A
Braga Netto: o general é subserviente, discreto e comunga de muitas das ideias do chefe

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

Fazendo jus à fama de ser o mês das grandes crises políticas nacionais, agosto de 2021 deixou o Brasil em suspense diante da escalada de tensão entre Jair Bolsonaro e as instituições. No dia da votação na Câmara dos Deputados de uma proposta de emenda constitucional (PEC) que instituía o voto impresso, medida defendida pelo presidente da República, tanques e outros equipamentos militares desfilaram pela Praça dos Três Poderes, em Brasília, o que foi interpretado por oposicionistas como uma tentativa de intimidação do Congresso. Já Bolsonaro — em mais um capítulo de sua queda de braço com o Judiciário — apresentou um pedido de impeachment do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, que mandou a Polícia Federal cumprir mandados de busca e apreensão contra radicais acusados de ameaçar a democracia. Preocupados com o acirramento de ânimos, ex-presidentes da República, parlamentares e magistrados procuraram generais para saber se havia risco de golpe militar e se a democracia resistiria até o feriado de 7 de Setembro, para o qual estava previsto um grande ato de apoio a Bolsonaro.

Naquela época, poucas pessoas tinham credenciais para esclarecer essa questão quanto o ministro da Defesa e chefe das Forças Armadas, general Braga Netto. E as sondagens com o general não foram boas. Reservado e subserviente ao presidente, Braga Netto compartilha muitas das ideias lunáticas do chefe (isso quando ele mesmo não é

JONNE RORIZ

PROTEÇÃO Bolsonaro: o presidente acredita que o militar funcionará como seguro contra as tais "conspiratas" políticas

o incentivador das sandices). Há uma versão em Brasília de que, naquele momento de tensão, ele teria, inclusive, recorrido a um intermediário para avisar o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), de que não haveria eleição em 2022 se não fosse aprovado o voto impresso, como queria Bolsonaro. O general negou essa movimentação, mas ele claramente pregou durante a crise contra um suposto ativismo judicial do STF, reclamando das "arbitrariedades" praticadas por Alexandre de Moraes e repetindo o mantra-ameaça segundo o qual os outros poderes não deveriam

"esticar a corda", sob pena de sofrer as consequências. Apesar de toda essa pressão, a Câmara rejeitou o voto impresso, o STF não se curvou e a democracia se manteve firme. Bolsonaro, se sonhava com um golpe, algo que ele sempre negou, não conseguiu realizá-lo. Já Braga Netto ganhou pontos com o chefe e agora é cotado para desempenhar outra função estratégica: a de candidato a vice na chapa à reeleição encabeçada pelo ex-capitão. Hoje, o general é o "plano A" de Bolsonaro para o posto.

Sensível a todo tipo de teoria da conspiração e convencido em determinada altura de seu mandato de que o atual vice-presidente, general Hamilton Mourão, queria derrubá-lo *(veja o quadro)*, Bolsonaro sempre quis escolher como parceiro de chapa alguém de sua estrita confiança, que não fosse político, não tivesse boa interlocução com o Congresso e, por isso tudo, não tivesse condições de participar de uma conspiração para apeá-lo do poder. Braga Netto, que compareceu às manifestações de 7 de Setembro com uma bandeira do Brasil, se encaixa à perfeição nesse perfil. A vontade pessoal do presidente joga a favor do general. O problema é que a conjuntura política também será levada em consideração nessa escolha. A questão é simples. Se Bolsonaro tiver certeza de que chegará ao segundo turno com chances de vitória, a tendência é optar por Braga Netto. Agora, se a vaga no segundo turno e a reeleição dele estiverem ameaçadas, o posto de vice deve ser cedido a um político capaz de agregar votos, qualidade

que o general não tem. Há várias possibilidades cogitadas para esse "plano B". Todas têm o objetivo de aproximar Bolsonaro de segmentos nos quais ele é altamente rejeitado, como as mulheres ou eleitores do Nordeste.

Pesquisa da Quaest divulgada recentemente mostrou que o ex-presidente Lula tem 61% das intenções de voto entre os nordestinos, ante 13% de Bolsonaro. Considerando todas as regiões do país, a vantagem do petista é menor, mas ainda expressiva: 45% a 23%. "O vice tem de ter algumas características, tem de ajudar você. E tem de ajudar no tocante ao voto também", disse Bolsonaro a VEJA no fim do ano passado. Como o presidente se filiou ao PL, há um acerto prévio para que o escolhido ao posto de vice venha do PP, outro expoente do Centrão.

DIEGO BRESANI

OPÇÃO Nogueira: o Centrão articula por um vice político, de preferência mulher

A ala de políticos profissionais que toca hoje a campanha à reeleição, da qual fazem parte o senador Flávio Bol-

sonaro (PL-RJ) e o ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP-PI), prefere por enquanto o "plano B": um vice político, de preferência uma mulher ou um representante do Nordeste. Sugestões para a vaga já apareceram aos montes, como os ministros das Comunicações, Fábio Faria, e da Agricultura, Tereza Cristina, além do próprio Ciro. A decisão será de Bolsonaro, mas os expoentes do Centrão esperam que ele leve em consideração toda a conjuntura e só opte por Braga Netto se estiver claro que a reeleição está encaminhada. Caso contrário, eles argumentam que o projeto político deve se sobrepor à vontade pessoal do presidente. "Eu julgo que o ministro Braga Netto tem um excelente relacionamento com o presidente Bolsonaro

e é uma pessoa extremamente capacitada a ser o novo vice-presidente", disse o general Hamilton Mourão, descartado para 2022, em entrevista recente. "Isso não está na pauta. Braga Netto é um nome muito bom, mas o vice é a última coisa que se resolve, porque depende da conjuntura das outras candidaturas e das alianças dos adversários", contraditou o líder do governo na Câmara, deputado Ricardo Barros (PP-PR).

Enquanto as articulações avançam, Braga Netto se empenha no que faz de melhor: cumprir missões dadas por Bolsonaro. No último dia 7, ele participou de uma audiência no Palácio do Planalto em que os ministros do STF Alexandre de Moraes e Edson Fachin entregaram nas mãos do presidente um convite para a posse deles no Tribunal

PLANO B Tereza: a ministra da Agricultura é cotada como uma das alternativas para compor a chapa com Bolsonaro

Superior Eleitoral (TSE), marcada para o dia 22. Os comandantes das três Forças também acompanharam a conversa, que, apesar do histórico de rusgas entre os participantes, ocorreu sem sobressaltos. “Foi inodoro”, disse a VEJA um dos presentes. Outro interpretou o encontro como um sinal de distensão entre Bolsonaro e Moraes, que toca inquéritos que investigam o clã do presidente da República. Mesmo hoje, Braga Netto continua como parte importante da equação entre o Executivo e o Judiciário, inclusive no que diz respeito à campanha. O general foi decisivo, por exemplo, na definição do nome das Forças Armadas que foi incluído na comissão do TSE responsável pela transparência nas eleições.

GUILHERME MARTIMON/MAPA

Indicado por Braga Netto, o general Heber Garcia Portella, o representante das Forças Armadas, encaminhou em dezembro do ano passado um imenso questionário ao presidente do tribunal, ministro Luís Roberto Barroso, requisitando detalhes técnicos e operacionais sobre o funcionamento e a segurança das urnas eletrônicas. O teor do documento, revelado pelo site de VEJA na terça-feira 15, serviu de munição para que o presidente Bolsonaro reforçasse suas críticas à Justiça Eleitoral e também evidenciou o alinhamento do ministro da Defesa com as suspeitas do chefe. "Foram levantadas várias, dezenas de vulnerabilidades e foi oficiado o TSE para que pudesse responder. Isso está na mão do ministro Braga Netto. Ele tá tratando desse assunto e vai entrar em contato com o presidente do TSE. O que nós queremos é ter eleições limpas e transparentes e eleições que possam ser auditáveis", disse o presidente.

Evidentemente, a reação no tribunal não foi das melhores. "Afirmações como essas participam do quadro clássico da desinformação e equivalem, moralmente, às formas mais explícitas de mentira política", disse a VEJA o ministro Edson Fachin, que vai assumir a presidência do TSE no dia 22. "Esse general recebeu uma missão de seu chefe: criar factoides para justificar o caos eleitoral", afirmou, sob a condição de anonimato, outro ministro da Corte, que viu nos questionamentos as digitais de Braga Netto. Ao encaminhar as respostas, Barroso devolveu as críticas. "Desnecessário enfatizar que as informações que envolvem a

ROMÉRIO CUNHA/VPR

SEM REELEIÇÃO Mourão: descartado, vice vai disputar uma vaga no Senado

O ESCUDEIRO REJEITADO

Na campanha eleitoral de 2018, duas questões atormentaram o então candidato Jair Bolsonaro a partir do momento em que ele começou a despontar nas pesquisas: a possibilidade de sofrer um atentado (ele se recusava a viajar em jatos particulares por receio de sabotagem) e encontrar o perfil ideal do candidato a vice-presidente (desconfiava que forças ocultas poderiam infiltrar alguém em sua chapa para, mais tarde, conspirar contra ele). O atentado, como se sabe, ocorreu, embora tenha sido em terra firme e obra de um lunático. Com relação ao companheiro de chapa, o presidente considerou cinco opções antes de decidir, chegou a anunciar o nome do deputado Luiz Philippe de Orleans e Bragança, mas, horas antes da oficialização, mudou de ideia e escolheu o general Hamilton Mourão.

Na cabeça do presidente, Mourão serviria como um escudo de proteção contra eventuais "conspiratas", uma das obsessões presidenciais. Afinal, o general não tinha vivência política e o partido dele, o PRTB, não tinha bancada nem expressão e, por isso, o militar jamais seria considerado uma alternativa de poder — diferentemente, por exemplo, de Michel Temer, o vice que, em 2016, assumiu o lugar de Dilma Rousseff após o impeachment. Logo nos primeiros meses de governo, porém, Bolsonaro entrou em choque com Mourão. O estilo bonachão e espontâneo do general, que gosta de conceder entrevistas e emitir opinião sobre qualquer assunto — muitas delas diametralmente opostas às do presidente —, levou Bolsonaro a desconfiar que o vice estava colocando em prática aquilo que ele temia.

Passados três anos, não há evidências de que o general tenha tentado sabotar o governo do ex-capitão. Pelo contrário. Bolsonaro e seus aliados dizem que a estratégia de colocar o general como vice, apesar dos conflitos, foi bem-sucedida. Os dois, porém, se afastaram. Mourão foi alijado do processo de tomada de decisões, especialmente depois de se reunir com alguns desafetos do presidente, como o ministro Luís Roberto Barroso, no auge do conflito com o TSE. Recentemente, o general até endossou posições abiloladas do ex-capitão em relação à vacinação de crianças, ao aumento do funcionalismo e à decisão de viajar para a Rússia, mas a relação entre os dois nunca mais foi a mesma. Fora da chapa neste ano, Mourão já definiu seu caminho: vai se candidatar ao Senado pelo Rio Grande do Sul.

EMBATE Fachin: perguntas das Forças Armadas usadas para "desinformação"

cibersegurança dos sistemas do tribunal precisam ser tratadas com o máximo de reserva, para não se criarem vulnerabilidades ou se facilitarem ataques. Infelizmente, há maus precedentes nessa matéria", alfinetou o ministro, ao lembrar que o chefe do Executivo é investigado por vazar informações sigilosas. Em resumo: a tensão permanece no ar.

Braga Netto, de 65 anos, estava na comitiva brasileira que visitou a Rússia nessa semana. Na chegada a Moscou, foi o único dos ministros a falar com os jornalistas, o que não é muito comum. Avesso à imprensa, ele prima sempre pela discrição e, segundo assessores do Planalto, segue à risca o bordão militar "ordem dada é ordem cumprida". O ministro da Defesa continua a fazer parte do grupo que con-

ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

FELLIPE SAMPAIO/SCO/STF

REAÇÃO Luís Roberto Barroso: críticas corretas ao presidente da República em resposta às suspeitas sobre a segurança das urnas

corda com o presidente quando ele diz que o STF tem extrapolado suas atribuições — um discurso perigoso e que pode levar o Brasil ao caos nesta eleição. Em agosto do ano passado, enquanto pipocavam boatos de suposto golpe e aumentava a temperatura da pregação governista contra o Supremo, VEJA encontrou Braga Netto passeando tranquilamente pelas ruas de Brasília com seu cão de estimação, que ignorava os apelos do dono e desafiava a sua autoridade. A insubordinação, porém, foi apenas temporária e, no fim, prevaleceu a famosa fidelidade canina. A mesma que Bolsonaro espera de seu vice favorito. ■

NINHO DE INIMIGOS

Adversários externos e internos do PSDB tentam inviabilizar de vez a difícil decolagem da campanha presidencial de João Doria

BRUNO RIBEIRO E **TULIO KRUSE**

PACIÊNCIA O governador paulista, em meio ao esforço de vacinação: a ordem é não reagir a todos os ataques

TWITTER @JDORIAJR

ITAMAR AGUIAR/PALÁCIO PIRATINI

DECEPÇÃO Eduardo Leite: o gaúcho se comprometeu em ajudar o partido, mas negocia saída para o PSD

DEPOIS de governar o país por oito anos e colecionar avanços nas áreas econômica e social nos já distantes tempos de Fernando Henrique Cardoso, o PSDB vem insistindo em um roteiro cujo final trágico já é conhecido: derrota nas urnas e o encolhimento do tamanho da bancada no Congresso. Tal enredo corre o risco de se repetir neste ano, com requintes de crueldade. Já se sabia que seria necessário um tempo para reconstruir o ninho tucano após o tumultuado processo de escolha do candidato ao Palácio do Planalto. As prévias eleitorais inéditas da sigla custaram perto de 10 milhões de reais (pagas com dinheiro público, é bom lembrar) e foram concebidas como um passo importante para devolver ao PSDB um papel de protagonismo

da política nacional. Passados menos de três meses da escolha do vencedor, o governador paulista João Doria, as fissuras internas estão longe de serem resolvidas.

Em um misto de suicídio político temperado à base de interesses paroquiais e rivalidades antigas, alas minoritárias da sigla, porém barulhentas, iniciaram campanha para desistir de uma candidatura presidencial própria, enquanto a própria campanha de Doria ainda mal começou. Inimigos externos interessados em inviabilizar qualquer chance de decolagem de um nome da terceira via engrossam esse movimento. No Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista, há uma tentativa de apaziguar os ânimos e de reagir aos ataques abaixo da linha da cintura, tudo isso em meio ao desafio de convencimento dentro do PSDB e de aliados de que a empreitada Doria, hoje ainda em posição para lá de modesta nas pesquisas, pode se mostrar viável até o meio do ano. O difícil vai ser ultrapassar o momento atual, de forte turbulência.

A equipe ao redor do governador paulista já esperava que alguns dos velhos nomes da legenda pudessem criar confusão no horizonte no lugar de trabalhar pelo partido, mas o barulho está sendo acima do tom. Um dos expoentes da atual crise é justamente aquele que garantiu respeitar o processo das prévias, o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, candidato derrotado por Doria na disputa de novembro do ano passado. No embate, o político gaúcho de 36 anos já havia chamado atenção pela imaturidade, pro-

BETO BARATA/AGÊNCIA SENADO

OPOSIÇÃO O senador Tasso Jereissati: muita articulação interna e pouco voto

pondo o adiamento do processo em meio a problemas técnicos com o aplicativo de votação e ameaçando judicializar o resultado. Em uma tentativa de armistício sugerido pela ala vitoriosa, foi convidado para fazer parte da campanha presidencial de Doria, mas recusou de bate-pronto.

No início deste mês, participou do que Doria classificou de "jantar dos derrotados" — um encontro de tucanos que se opõem à candidatura própria e defendem que o partido busque outros nomes à Presidência. Nos últimos dias, vem dando sinais contraditórios a respeito do seu futuro político. Primeiro, em um evento realizado em seu estado e que contou com a presença do presidente do PSDB, Bruno Araújo, teria garantido mais uma vez que não estava de ma-

las prontas para sair do ninho tucano. Mais do que isso: na versão do encontro difundida internamente por Araújo, Leite estaria disposto até a voltar atrás na sua decisão de não concorrer à reeleição no Rio Grande do Sul. Isso resolveria o problema da falta de um sucessor competitivo no estado e, de quebra, garantiria a Doria um palanque forte em terras gaúchas. Dias depois, no entanto, Leite encontrou-se com Gilberto Kassab, e recebeu dele a proposta para abandonar os tucanos e concorrer à Presidência pelo PSD. Leite nega o que teria dito a Bruno Araújo e parece agora fortemente inclinado a aceitar o convite de Kassab, que age de forma ostensiva para tumultuar o espaço da terceira via na disputa presidencial, de olho em um acordo com Lula e o PT. Há ainda no PSDB quem duvide da possibilidade de uma traição de Leite, com a agravante de que o movimento desastrado pode fulminar precocemente uma carreira promissora. Só que algumas alas mais realistas do partido dão como iminente a saída do gaúcho.

Dentro do PSDB, Leite é justamente bem próximo do grupo de políticos que têm um dom de fomentar marolas internas absolutamente desproporcionais à capacidade de angariar votos. Espécie de capitão informal do núcleo, o ex-senador Aécio Neves, que chegou muito perto de conquistar a Presidência na disputa contra a petista Dilma Rousseff em 2014, teve de se contentar nas últimas eleições em concorrer a uma vaga por Minas Gerais na Câmara dos Deputados, num reconhecimento implícito de que suas aspirações

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

ESTRATÉGIA Aécio Neves: o objetivo é enfraquecer a candidatura tucana nacional

maiores na política ficaram irremediavelmente comprometidas depois da gravação na qual aparece pedindo 2 milhões de reais a Joesley Batista, da JBS. Aécio repete agora com Doria a mesma traição que fez com todos os candidatos tucanos à Presidência desde 2002 (com exceção de 2014, claro). A diferença é que antes ele controlava uma parte do eleitorado mineiro. Agora usa sua habilidade política apenas nos bastidores.

Outro nome do grupo dos "derrotados" é o do senador cearense Tasso Jereissati, tucano que, durante a maior parte de sua carreira, atuou como apêndice do grupo político encabeçado por Ciro Gomes. Nas prévias, Tasso apoiou Leite, em um movimento que no fim serviu apenas para mostrar

seu isolamento regional no partido: suas bancadas na Câmara dos Deputados e na Assembleia Legislativa do Ceará apoiaram Doria. Por fim, há ainda José Anibal, um auxiliar histórico dos tucanos paulistas que, apesar da falta de votos, defendia os interesses da legenda. Seu fígado, porém, tem obnubilado suas decisões neste pleito. Anibal é adversário de Doria desde que o governador concorreu às prévias para a prefeitura de São Paulo, em 2016, quando apoiou a candidatura de Andrea Matarazzo para o cargo.

Além das antigas rivalidades e da disputa de poder dentro do partido, a ala dos descontentes se movimenta de olho nas verbas do fundo eleitoral. O cálculo dos adversários é que, sem ter de custear uma campanha majoritária, os candidatos às vagas no Legislativo poderiam ter mais recursos, especialmente os velhos caciques tucanos, que já não têm o sucesso nas urnas que tinham anos atrás. Para os membros do grupo, em especial Aécio, esses recursos são fundamentais para a sobrevivência. Até aqui, Bruno Araújo, dono desse cofre, tem emitido sinais dúbios. Ele também apoiou Leite nas prévias, mas topou assumir o cargo de coordenador da campanha de Doria. Nesta semana, chegou a publicar uma mensagem dura, endereçada ao governador gaúcho, na qual lembrou do compromisso dele de trabalhar pelo partido e do investimento feito pelo PSDB em sua carreira política.

Apesar de estar próximo hoje a Doria, Araújo ainda inspira muita desconfiança no núcleo duro do governador paulista. Em reunião recente com os presidentes do MDB, Ba-

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

ENIGMA Bruno Araújo: pito em Eduardo Leite, mas sinal dúbio em conversas sobre alianças

leia Rossi, e do União Brasil, Luciano Bivar, indicou que o PSDB poderia abrir mão da cabeça de chapa em uma federação partidária que unisse as três siglas. Mesmo que as palavras de Araújo tenham sido protocolares, elas não ajudaram em nada a apaziguar o fogo interno, pois indicam justamente a mesma direção defendida pelo grupo de oposição no partido. O círculo mais próximo a Doria garante que não há hipótese de o governador não disputar a Presidência.

A despeito das turbulências, Doria vem mantendo a campanha dentro de uma programação que já havia sido estabelecida. Ele vai deixar o Palácio dos Bandeirantes até 2 de abril, como exige o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), e até lá manterá uma intensa agenda de entregas de obras e servi-

ços no estado. A boa gestão no governo e o esforço para iniciar a vacinação contra a Covid-19 no país serão fartamente exploradas na campanha, mas já se sabe que isso não será suficiente. Doria está convencido de que precisará fazer um grande esforço para diminuir o alto índice de rejeição, provocado em boa parte pela imagem que projeta na população, a de um político plastificado demais e distante da realidade do povo. Como antídoto a isso, uma das ideias para humanizar a imagem do tucano é a de explorar detalhes ainda pouco conhecidos de sua vida pessoal, destacando o fato de que o sucesso empresarial que conquistou antes de entrar na política ocorreu por conta própria (chegou a trabalhar de office boy na adolescência para ajudar a sustentar a família).

No campo político, embora uma ala de sua campanha defenda o embate duro contra os adversários internos, vem prevalecendo a ideia de que a prioridade é tentar reconstruir pontes ou, ao menos, amenizar estragos. Um jantar recente de Doria com Tasso foi um exemplo dessa linha de atuação paz e amor, o que não exclui alguns golpes calculados e cirúrgicos em desafetos. Nos últimos dias, a ala de Doria roubou políticos paulistas do PSD de Kassab e converteu em aliados ex-inimigos, como o deputado baiano Adolfo Viana, que fez campanha para Leite nas prévias e agora até participa das reuniões do staff do paulista.

O futuro da campanha presidencial tucana não é apenas crucial para a carreira de Doria, mas pode definir também o destino do PSDB. Se não recuperar a relevância no cenário

nacional, ele corre o risco de entrar para o limbo do Centrão, engordando o núcleo de siglas nanicas que vivem à custa de dinheiro de emendas e nacos menores de poder, sem qualquer identidade ideológica. Num passado não muito distante, o PSDB polarizava com o PT as preferências dos eleitores, colecionando algumas vitórias e várias derrotas. Nestas eleições, os tucanos têm a missão de superar Jair Bolsonaro para ter chance de chegar ao segundo turno e resgatar o papel de alternativa moderada da centro-direita ante as propostas petistas. O pior cenário agora é desistir da disputa, sob o risco de acabar sendo engolido na composição de centro que Lula tenta formar para derrotar o bolsonarismo. Seria, de alguma forma, o fim. “O partido poderá perder o protagonismo e a identidade”, afirma o cientista político Carlos Pereira, da Fundação Getulio Vargas do Rio. Evidentemente, há tempo de superar as divergências internas para virar o jogo, mas o fato é que o ninho tucano nunca se mostrou tão perto da autodestruição, sendo boa parte disso fruto direto das “bicadas amigas”. ■

EGBERTO NOGUEIRA/ÍMÃFOTOGALERIA

JOGADA Gilberto Kassab: o cacique do PSD investe no tucano Eduardo Leite ao Planalto, enquanto faz acenos ao PT

XEQUE NA TERCEIRA VIA

Gilberto Kassab age para embolar o espaço do centro nas eleições presidenciais e já não descarta se aliar a Lula no primeiro turno

CAIO SARTORI E **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS**

SEGUNDO uma anedota bastante popular nos bastidores de Brasília, Gilberto Kassab tem tanta sabedoria sobre os caminhos a seguir na política que deve ser acompanhado cegamente por todos, até mesmo se resolver saltar de um prédio. Piadas e exageros à parte, é fato que o fundador e cacique-mor do PSD goza de respeito entre seus pares pela reconhecida habilidade nas articulações. Nos últimos tempos, ele tem conseguido elevar a cotação da legenda nas negociações em torno da disputa presidencial deste ano e, não por caso, é considerado peça capaz de desequilibrar o jogo na corrida para outubro. No xadrez político de Kassab, os lances principais raramente são feitos à luz do dia, mas o conjunto dos movimentos aponta para uma tática clara. A insistência do PSD em ter uma candidatura própria ao Palácio do Planalto, mas sem chance de vitória, serve em parte ao propósito de tumultuar ainda mais o já congestionado campo da terceira via e, com isso, aumentar o cacife para um futuro acordo com Lula.

O atual favoritismo do petista, que passou a ter chances reais de ganhar no primeiro turno, pode até mesmo provocar a antecipação de algumas jogadas do mandachuva do PSD. Integrantes da bancada federal da legenda, principalmente os do Nordeste, têm feito pressão diária para que o partido vá imediatamente para os braços de Lula, sem delongas. O motivo é evidente. Em nenhuma outra região a vantagem dele sobre o segundo colocado, Jair Bolsonaro, é tão grande. “Somos a favor de uma aliança com Lula ainda

RICARDO STUCKERT

SONHO Kassab e Lula: desejo inconfesso é ser o vice na chapa do ex-presidente

no primeiro turno. Em Sergipe, temos uma aliança histórica com o PT e valorizamos tudo o que Lula fez pelo Nordeste", afirma o deputado Fábio Mitidieri, cotado para disputar o governo local, hoje ocupado por Belivaldo Chagas, um dos dois governadores filiados ao PSD.

O possível acordo foi o tema, aliás, do encontro entre o ex-presidente e Kassab no dia 7 de fevereiro, em São Paulo. Logo depois da reunião, o dirigente chegou a admitir que muitos quadros defendem a aproximação, mas que ela poderia desencadear uma briga interna, já que a legenda abriga parlamentares de todos os matizes políticos, inclusive apoiadores de Bolsonaro. Ainda falta "harmonia", como classifi-

cou Kassab a interlocutores. Mas a data para essa definição se aproxima. O fechamento da janela partidária, no início de abril, é considerado decisivo para que se tenha um termômetro de como estarão as fileiras da sigla. O recado foi dado a Lula: antes disso, é impossível decidir qualquer coisa. "Pode ser que em algum momento se cogite outro cenário, sem candidatura própria. Mas, para a imagem do partido, é positivo sair da polarização", desconversa o senador Alexandre Silveira (MG), secretário-geral do PSD e presidente do partido em Minas Gerais.

Nas entrevistas em que falou sobre a reunião com Lula, pela primeira vez, Kassab admitiu que um possível embarque à caravana do petista no primeiro turno não é impossível. Mais do que isso: ele já tem feito outros acenos públicos ao ex-presidente. Durante a cerimônia de filiação ao PSD do vice-presidente da Câmara dos Deputados, o ex-PL Marcelo Ramos, Kassab fez questão de nomear expoentes da ala que trabalham pela aliança: o deputado Mitidieri e os senadores Omar Aziz, do Amazonas, e Otto Alencar, da Bahia. Apesar de todos esses movimentos, ele segue jurando que continua disposto a levar adiante a candidatura presidencial do PSD. Quem o conhece bem, no entanto, aposta que esse discurso serve apenas para ganhar tempo e disfarçar sua verdadeira estratégia. Em uma frente, a sigla sinaliza neutralidade e fica livre para negociar acordos com diferentes correntes políticas nos estados. Em outra, mantém a terceira via dividida, o que interessa indiretamente ao PT. O melhor estilo Kassab de fazer política.

Se no âmbito nacional as movimentações para esse acordo ainda não são totalmente explícitas, nos estados a história é outra. Otto Alencar se reuniu com Lula e outros caciques baianos na terça-feira 15 e recebeu sinalização do presidenciável de que o PT poderia abrir mão da candidatura de Jaques Wagner ao governo, em troca do apoio ao seu nome. Em Minas Gerais, uma das prioridades do PSD, o prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil, pretende se lançar ao governo do estado e precisa de um cabo eleitoral forte como Lula para conquistar mais eleitores fora da capital mineira. Ali, as conversas também avançam. “Minas é o segundo maior estado da federação, o segundo maior colégio eleitoral do país. Importante para qualquer um que quer ganhar eleição”, diz Kalil, deixando claro o ativo que a aliança poderia representar.

TWITTER @GERALDOALCKMIN

ADVERSÁRIO Alckmin: de candidato ideal de Kassab ao governo paulista a virtual companheiro de Lula

Em outros estados estratégicos, os acordos entre PT e PSD enfrentam barreiras, caso de São Paulo, onde Kassab

negociava com Geraldo Alckmin para concorrer ao Palácio dos Bandeirantes, até que o ex-tucano priorizou a opção de se tornar vice da chapa presidencial de Lula, provavelmente a bordo do PSB. No Rio de Janeiro, o prefeito Eduardo Paes, comandante da sigla em terras fluminenses, ainda tenta fortalecer a candidatura do ex-presidente da OAB Felipe Santa Cruz — que antagoniza com Marcelo Freixo (PSB), o nome por enquanto apoiado por Lula. Em paralelo, PT e PSB têm tocado intrincadas negociações por uma federação partidária, e o casamento entre as siglas é visto como certo ao menos em uma coligação em torno do ex-presidente, com Alckmin de vice.

Dentro do mesmo plano de jogo pró-Lula, Kassab avan-

çou algumas casas no objetivo de tumultuar o espaço para uma candidatura de centro. Depois de meses vendendo nos bastidores os atributos de Rodrigo Pacheco, ele ainda fala no presidente do Senado como candidato da legenda. A pregação soa como uma espécie de versão oficial, contudo, porque o próprio Pacheco tem confidenciado a interlocutores que está mais interessado em se manter na cadeira na próxima legislatura do que tentar a sorte nas urnas. Diante da probabilidade de o mineiro refugar, Kassab captou no ar a oportunidade de enfraquecer o PSDB, aumentando as fissuras no ninho tucano, que ainda não se recuperou das tumultuadas prévias presidenciais, disputadas à base de muitas caneladas entre João Doria e Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul. Ciente do inconfor-

CRISTIANO MARIZ

FORA DO PÁREO Pacheco: o presidente do Senado indica que pretende manter o posto em 2023

mismo do gaúcho com a derrota para o paulista, Kassab passou a concentrar nas últimas semanas o assédio para que Leite troque o PSDB pelo PSD, tornando-se automaticamente o presidenciável da sigla, no lugar de Pacheco. A inocência de Leite e o instinto suicida da ala tucana adversária de Doria ajudaram a dar tração a esse projeto.

Além de querer um lugar de honra no Planalto e na Esplanada dos Ministérios, o projeto do PSD é eleger uma bancada com mais de cinquenta deputados federais. Na janela partidária de março, a tendência é que o partido já receba um reforço significativo nas duas casas do Legislativo. O número de cadeiras no Senado deve passar de doze

para dezesseis e na Câmara de 35 para 43. Trata-se de um avanço fundamental para captar mais dinheiro dos fundos eleitoral e partidário, engordando o caixa e o tempo de propaganda na TV.

Fundada em 2011, a sigla capitaneada por Kassab surgiu a partir de uma dissidência do DEM, com políticos descontentes com a oposição que era feita na época pela sigla ao governo de Dilma Rousseff. Exemplo inequívoco da falta de valores ideológicos na política, ele percebeu que valia mais a pena estar sempre próximo ao poder e resolveu fundar uma agremiação que, segundo ele, não era de direita, nem de esquerda, nem de centro. "Ele entendeu, mais que todo mundo, como transformar partidos em negócios", ob-

serva um importante aliado. Depois de ser prefeito de São Paulo e ministro dos governos Dilma e Michel Temer, Kassab chegou a se aliar a Doria e assumiria a Casa Civil do governo paulista em 2019. Uma operação da Polícia Federal que mirou a ligação entre ele e a JBS, no entanto, fez o tucano rechaçá-lo. Kassab é ainda réu na Justiça Eleitoral de São Paulo sob suspeita de receber 16,5 milhões de reais do frigorífico por meio de doações eleitorais ilegais. Comenta-se nos bastidores que, apesar de todas essas encrencas, o verdadeiro desejo de Kassab é emplacar seu próprio nome como vice na chapa de Lula. Trata-se de um sonho improvável, mas convém não duvidar de jogadores que dominam o (mercantil) xadrez político brasileiro. ■

MURILLO DE ARAGÃO

O QUE PODE MUDAR

Apesar do favoritismo, não se pode afirmar que Lula já venceu

NESTE MOMENTO, meados de fevereiro, a disputa presidencial se dá em torno de duas narrativas. A do ex-presidente Lula (PT) e a do presidente Jair Bolsonaro (PL), que pontificam com suas visões de mundo canalizando, majoritariamente, as preferências do eleitorado. As demais opções aparecem apenas como lampejos de esperanças. No entanto, nem tudo é o que parece. Não se pode afirmar que Lula será o próximo presidente do Brasil, ainda que seu favoritismo hoje seja inequívoco.

Basicamente, por algumas razões. A primeira é que Lula continua a abordar temas que afastam setores do eleitorado menos corporativistas e esquerdistas. Temas que já estão superados e que só agradam ao seu eleitorado cativo, que está longe de ser majoritário. Lula, assim como Bolsonaro, precisa de votos de eleitores que não são afeitos a temas de natureza ideológica e buscam solução para problemas concretos do dia a dia. A segunda razão é que o brasileiro ainda não está tão preocupado com as eleições quanto

a imprensa quer fazer crer. Para o cidadão comum, há mais coisas em que pensar neste momento do que no próximo presidente da República. No momento, os desafios da vida são mais urgentes para a maioria do que uma reflexão aprofundada sobre as eleições.

A terceira questão, pouco destacada na imprensa especializada, é que, nas pesquisas espontâneas de intenção de voto, o ponteiro Lula aponta, em média, para 35%. Já Bolsonaro aparece com 23% da preferência. No tracking que a Atlas Intel promove em parceria com a Arko Advice, a diferença se revelou ainda mais intrigante nas últimas semanas. Lula aparece com cerca de 44%, e Bolsonaro, com cerca de 36%. A distância entre ambos não é impossível de ser superada. Vale destacar que Jair Bolsonaro, mesmo com elevada rejeição, mantém uma intenção de voto relevante que pode ser turbinada por iniciativas do governo.

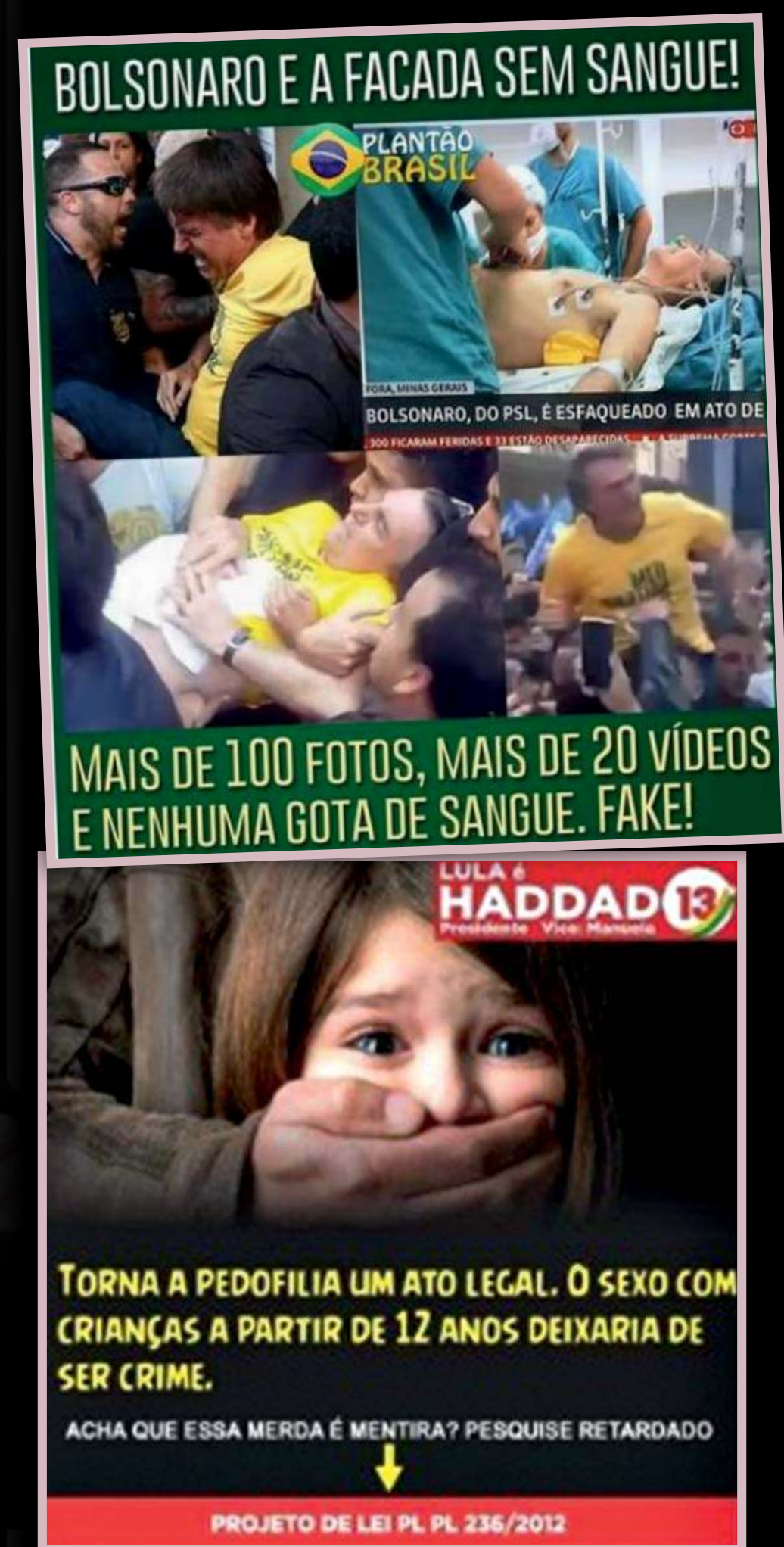
“Para o cidadão comum, há mais coisas em que pensar neste momento do que no próximo presidente”

O quarto ponto que abordo está no fato de que, no momento, ainda é elevado o número de eleitores que não querem nem Lula nem Bolsonaro. Cerca de 14% do eleitorado se divide entre os demais candidatos e aproximadamente 25% do eleitorado ainda não escolheu em quem votar. É um espaço robusto para a ocorrência de surpresas. Em especial se os candidatos se unirem ou um novo nome aparecer na disputa. Também merece atenção o fato de que teremos a propaganda partidária sendo exibida na televisão nos próximos meses. Ainda que o Tribunal Superior Eleitoral tenha proibido o uso do espaço para divulgar candidaturas, ele será utilizado para colocar questões eleitorais que podem afetar o desempenho dos ponteiros.

É fato que, entre março e outubro, ocorrerá uma sucessão de eventos com potencial político relevante. A saber: janela partidária para deputados mudarem de partido; desincompatibilização de ministros e governadores que disputarão as eleições; debate sobre federação de partidos; propaganda partidária no rádio e televisão; e as convenções partidárias. Considerando o calendário, os fatores apontados e a certeza de que o acaso sempre aparece para contrariar as previsões, a corrida eleitoral está longe de definida. ■

O OCTÓGONO ELEITORAL

Um quarto dos brasileiros se informa preferencialmente pelas redes sociais — um território onde ainda prevalece o vale-tudo e no qual as autoridades não sabem como resolver o problema **RAFAEL MORAES MOURA**

FOTOS JONNE RORIZ; LUIZ MAXIMIANO; CRISTIANO MARIZ; AG. O GLOBO; LEO MARTINS

EM 2018, Jair Bolsonaro quebrou paradigmas ao vencer a eleição com uma coligação formada por dois partidos nanicos, apenas oito segundos na propaganda eleitoral de televisão e recursos financeiros modestos — oficialmente, ele gastou 2,8 milhões de reais. Além do antipetismo resultante da combinação entre escândalos de corrupção e recessão econômica, contribuiu de forma decisiva para a vitória de Bolsonaro o trabalho de sua equipe nas redes sociais, onde ele reinou quase sozinho naquele pleito. Os tempos mudaram, a conjuntura é outra, e até aliados do presidente reco-

Saúde Vida e Familia

DESTAQUE POLÍTICA ENTRETENIMENTO DIVERSOS MUNDO FAMÍLIA CURIOSIDADES

Sérgio Moro descobre doença grave e triste noticia abala o Brasil!

por João Guilherme Silva

Carla Zambelli
16 October
ABSURDO!
Ciro Gomes fala DESCARADAMENTE que, se governasse o Brasil, iria cercear e aparelhar as Forças Armadas (ao estilo Venezuela).
Parece que a falsa montagem publicitária do "Cirinho paz e amor do centro" durou pouco.
See less
Most relevant

Paulo Pimenta
@DeputadoFederal
Conheça a casa onde Moro viveu nos EUA, que tem aluguel de R$ 50 mil por mês (vídeo) - Brasil 247

Gil Diniz
@carteiroreaca
Governador @jdoriajr ,perguntar não ofende: seu filho JOÃO DORIA NETO deu uma festa na madrugada desse sábado? Data que o estado de São Paulo foi trancado mais um vez por você.
Recebi esse vídeo dos teus vizinhos reclamando do som alto na sua mansão, pode nos tirar essa dúvida?
Translate Tweet
6:52 PM · Mar 6, 2021 · Twitter for iPhone

Rogério Carvalho
@SenadorRogerio
Não chamem Bolsonaro de "noivinha de Aristides" porque dá prisão! Precisamos desvendar o crime embutido nesta colocação. Pelo que sabemos, Aristides foi instrutor de judô do Bolsonaro no Exército na época em que foi cadete. Onde está a ofensa? Deixem seus palpites.
Translate Tweet

Manuela
@ManuelaDavila
Brasil, 2021
Bolsonaro mandou prender Uma mulher que o chamou de NOIVINHA DO ARISTIDES

FILHA DO LULA BÊBADA XINGANDO BOLSONARO NO EMBARQUE DO AEROPORTO JÁ COMEÇOU O DESESPERO DOS PETISTAS KKKKKK
@GLOBO NEWS
VivaVideo

@DeputadoFederal
Que legal essa fase de transparência total. Onde você trabalhava nos EUA ? Qual era seu salário ? Onde você morava ? Alguém de sua família tem ou teve contrato com alguma empresa ou escritório de advocacia ligado a operação Lava Jato ? Você foi convidado para ser ministro quando?
Translate Tweet
Sergio Moro @SF_Moro · Dec 18
Tem um blog ligado ao PT espalhando fake news por aí que eu uso um calçado de 7.500 reais da marca Ermenegildo Zegna. MENTIRA! Meu tênis é um modelo básico e confortável da Adidas. Quem deve ter calçado caro é o pessoal que roubou a Petrobras durante o Governo do PT.
7:28 AM · Dec 19, 2021 · Twitter for iPhone

SEM CONTROLE Difundidas através das redes sociais, as *fake news* atingem todos os candidatos a presidente da República

nhecem que, na campanha de 2022, tanto a TV quanto as redes sociais serão relevantes. Qualquer candidato que quiser ser competitivo terá de se sair bem nessas duas trincheiras, que funcionam sob lógicas distintas. Enquanto na propaganda televisiva há regras consolidadas, fiscalização permanente e punições frequentes, nas redes prevalece uma espécie de vale-tudo para o qual as autoridades ainda não encontraram uma solução. Por isso, é ali onde o jogo tende a ser mais desleal, com direito a enxurradas de *fake news* e golpes abaixo da linha da cintura.

Dois dados da mais recente pesquisa da Quaest mostram o peso da TV e das redes sociais na formação da opinião do eleitorado e indicam por que os bolsonaristas continuam a apostar em suas milícias digitais para garantir a reeleição do presidente. Segundo o levantamento, 51% dos entrevistados se informam preferencialmente pela TV e 24% via redes sociais e WhatsApp. Esses são os principais canais de informação, muito à frente dos demais. Entre os adeptos da televisão, Lula lidera com 53% das intenções de voto, ante 17% de Bolsonaro. O presidente, portanto, adota uma estratégia correta ao costurar uma aliança partidária com o Centrão que lhe garanta um bom tempo na propaganda eleitoral, que será usado para tentar reduzir essa diferença. Já entre aqueles que

recorrem às redes sociais, há um empate: 34% para Lula e 35% para Bolsonaro. Esse número ajuda a explicar por que aliados do presidente travam, desde o ano passado, uma batalha obstinada para impedir que seus vídeos no Facebook e YouTube ou mensagens encaminhadas por meio de aplicativos não sejam retirados do ar ou cerceados de alguma forma.

As redes sociais ainda concentram a militância mais numerosa e combativa do bolsonarismo. Sua missão, por enquanto, é impedir que o presidente perca mais popularidade e seja ameaçado por um concorrente da terceira via. Depois, será a vez de jogar pesado para derrotar Lula tanto na TV quanto no universo digital. "Os dados reforçam a opção bolsonarista pela internet como principal veículo de comunicação e a força que esse meio tem de oferecer opções que agra-

Eduardo Bolsonaro
@BolsonaroSP

Você pegaria seu dinheiro e investiria em ações já condenadas da Venezuela?

Tenho certeza que não. Mas isso foi um dos crimes que o PT cometeu com o dinheiro público, destruindo a vida de milhares de brasileiros.

Quer entender? Saiba mais nesse vídeo:
Translate Tweet

1:31 14.4K views

LIMITES Eduardo Bolsonaro: conta temporariamente bloqueada por algoritmos

dem ao interesse desse público", diz o cientista político e diretor da Quaest, Felipe Nunes. De fato, as redes são terrenos férteis à proliferação de qualquer tipo de informação, mesmo as mais tresloucadas. Não à toa, Bolsonaro gosta de se comunicar preferencialmente nesse universo. Um estudo da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas mapeou cerca de 395 000 postagens no Facebook, entre novembro de 2020 e janeiro de 2022, sobre

fraude nas urnas e o tal do "voto impresso auditável". Dos quarenta posts mais populares sobre o assunto, treze vieram da própria página de Bolsonaro, o que contribuiu para "manter a temática aquecida".

Nos últimos dias, o presidente retomou a ofensiva ao declarar que o sistema eleitoral "não é de confiança de todos nós ainda". Recorrente nas redes sociais, essa cantilena equivocada já recebeu reprimendas de autoridades do Judiciário e, se repetida na propaganda na TV, provavelmente renderá algum tipo de punição. Recados de alerta já foram dados. Futuro presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o ministro do Supremo Alexandre de Moraes incluiu o ataque de Bolsonaro às urnas no inquérito sobre milícias digitais. O

problema é que essa investigação não será suficiente para inibir a divulgação de informações inverídicas nas redes sociais e aplicativos de trocas de mensagem, já que neles predomina a falta de regulamentação. Em um esforço para combater as *fake news,* o TSE até assinou acordos com representantes de empresas como Twitter, Facebook e WhatsApp que preveem, entre outros, a criação de canais para denunciar o conteúdo enganoso e facilitar a remoção de contas falsas. O Telegram, que não tem representação legal no Brasil, foi convidado a aderir, mas não deu resposta, o que preocupa os ministros do tribunal.

Hoje, a plataforma já é um terreno fértil para a venda de armas, drogas, apologia ao nazismo e disseminação de informações falsas sobre a vacina contra a Covid-19. Teme-se

que na eleição viabilize todo tipo de jogada abjeta. “É aceitável o Brasil passar por um processo eleitoral com uma plataforma que vem adquirindo importância sem nenhum canal oficial de representação por aqui, sem responder a notificações nem ordens de remoção de conteúdo?”, questiona o cientista político Amaro Grassi, da FGV. Presente em 53% dos smartphones em funcionamento no país, o Telegram permite a criação de grupos com 200 000 pessoas e se tornou o xodó da militância bolsonarista após Facebook, Instagram e Twitter removerem postagens e *lives* do presidente e de alguns de seus apoiadores mais ilustres. No discurso, o TSE não descarta a possibilidade de banir o funcionamento do Telegram durante as eleições. Na prática, o tribunal quer que o Congresso resolva o pepino. O ministro Edson Fachin, que assume a presidência da Corte no próximo dia 22, defende a aprovação do projeto de lei das *fake news*, de relatoria do deputado Orlando Silva (PCdoB-SP).

O texto obriga empresas de tecnologia com mais de 10 milhões de usuários, como o Telegram, a ter representação no Brasil, o que facilitaria a notificação de decisões judiciais, e prevê pena de até três anos de prisão para quem promover a disseminação em massa de *fake news*. “Não é um projeto de lei contra o Bolsonaro e o Telegram. É um projeto que procura deixar mais nítidas as regras de funcionamento da internet, proteger a liberdade de expressão, garantir o direito dos usuários e estabelecer transparência no funcionamento das plataformas”, diz Orlando Silva, que é usuário do Tele-

gram. Os bolsonaristas reclamam que as iniciativas da Justiça Eleitoral e de parlamentares cheiram a censura, mas o fato é que, mesmo com mais regulamentação, será difícil controlar a enxurrada de ataques, mentiras e delírios nas redes sociais. Uma eventual *fake news* na propaganda de TV ou num perfil de um candidato a presidente numa rede social é facilmente detectada. Já a produção de apoiadores anônimos floresce e se dissemina longe dos holofotes. A reação muitas vezes tarda e não consegue neutralizar o dano causado.

As próprias plataformas contribuem para isso porque são pouco transparentes sobre os procedimentos internos adotados para detectar e suspender um conteúdo inapropriado. No início do mês, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) teve a conta pessoal no Twitter suspensa temporariamente após publicar vídeo com críticas à Venezuela e a escândalos de corrupção do PT. Segundo o Twitter, a publicação foi "identificada erroneamente por sistemas automatizados" como se violasse as regras da plataforma. Logo depois, a conta foi desbloqueada. O caso é revelador de como a moderação do conteúdo dos usuários continua um grande gargalo — e um tremendo desafio para que haja eleições limpas.

Procuradas por VEJA, nenhuma das grandes empresas de tecnologia quis detalhar como funciona o processo de moderação de conteúdo. Há uma década, o uso eleitoral impróprio dos meios digitais engatinhava. Na época, o PT estava no poder, os militantes do partido criavam personagens fantasmas e usavam robôs para espalhar e-mails com notí-

cias falsas e ataques a adversários. Os perfis eram registrados em servidores fora do Brasil, o que garantia o anonimato dos autores e dificultava eventuais investigações. Era o embrião de um problema que o avanço da tecnologia e das redes sociais, hoje terreno das hostes bolsonaristas, ampliou exponencialmente e que as autoridades não têm a mínima ideia de como resolver. ■

RICARDO RANGEL

UM DESERTO DE CANDIDATOS E DE IDEIAS

O perturbador cenário de indigência
a oito meses da eleição

O MUNDO GIRA, a Lusitana roda, e a terceira via continua no mesmo lugar: nenhum.

Simone Tebet (que declarou que sua candidatura estava "se tornando irreversível") e João Doria (famoso por não desistir nunca) cogitam desistir de concorrer em prol de uma candidatura única a ser lançada por uma federação entre MDB, PSDB e União Brasil. Que candidatura seria essa, ninguém sabe.

O que se sabe é que Gilberto Kassab, do PSD, vai acabar apoiando Lula, mas, enquanto isso, tenta encontrar alguém para esquentar a cadeira e aumentar o valor de seu passe. Seu plano A é Rodrigo Pacheco, que não decola. O plano B é Eduardo Leite, que teria de ganhar a final depois de perder a semifinal (se tentar e perder de novo, o que é quase certo, pode enterrar sua promissora carreira). Kassab já tem plano C: Paulo Hartung, que é honesto, experiente e consertou o

Espírito Santo, que parecia sem conserto. Mas é desconhecido e não tem carisma.

Lula, tranquilo, aguarda que os moderados, fugindo do risco Bolsonaro, caiam em seu colo por gravidade. Não perde por esperar. Dias atrás, algumas importantes personalidades publicaram manifesto em que afirmam que "muitos de nós fomos e ainda somos críticos (a Lula)", mas que nada justifica adiar a decisão final para o segundo turno. E conclamam "todos os democratas" à adesão imediata e incondicional ao ex-presidente. Muitos aceitarão.

Um segundo turno com Bolsonaro é mesmo preocupante: vai que ele se reelege? Além disso, é temerário lhe dar um mês para organizar um golpe de Estado. Melhor matar a cobra logo no primeiro turno. O raciocínio faz sentido, mas, se é para aderir incondicionalmente, qual a pressa? A terceira via está moribunda, é verdade, mas para que matá-la logo? E anunciar apoio incondicional é retirar qualquer estímulo para que Lula se comprometa com pautas moderadas.

"O Brasil continua sem um candidato que aponte para um futuro promissor"

Defensores da adesão imediata enxergam sinais de moderação e conciliação na movimentação de Lula e não veem motivo para temer que seu governo seja irresponsável. É o que se chama em inglês de *wishful thinking:* creem nisso porque querem crer, porque precisam crer nisso para justificar seu apoio prematuro. Mas a realidade é um pouco diferente.

Lula sabe que precisa de uma ampla aliança tanto para vencer no primeiro turno quanto para governar, e está conversando com todo mundo, mas com o que de fato se comprometeu? Entre platitudes sentimentalistas e entrevistas chapas-brancas, Lula continua a ameaçar revogar o teto de gastos e a reforma trabalhista, interferir no preço do petróleo, botar a culpa das mazelas brasileiras na "subserviência do Brasil aos interesses estrangeiros". Mudou o tom sobre a regulação da mídia, é verdade, mas declarou-se contra? Não, disse que o assunto deve ser tratado "pelo Congresso" — o qual pretende controlar.

Seus supostos parceiros, PSB em particular, se queixam de que a atitude do PT é altiva e hegemônica. Lula recusa qualquer autocrítica, descarta uma nova "carta aos brasileiros" e segue se queixando de ter sido perseguido, o que sugere que pode querer uma revanche.

Lula é quem sempre foi.

E o Brasil continua sem um candidato que aponte para um futuro promissor. ■

FAÇAM SUAS APOSTAS

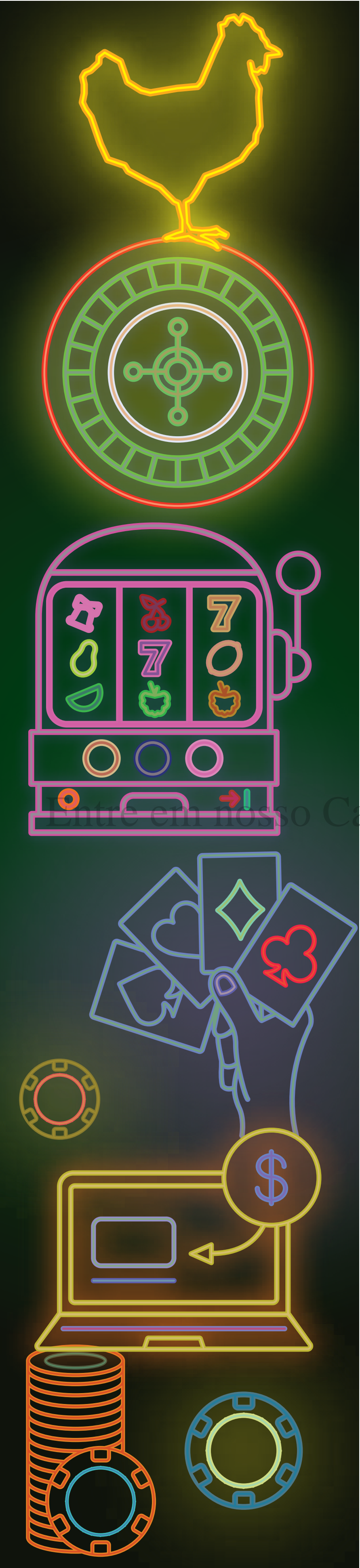
A Câmara se prepara para votar a liberação dos cassinos, um tema polêmico no governo, em que apoiadores e os opositores lutam para fazer valer sua posição **FELIPE MENDES**

OPULÊNCIA Cassino da MGM em Las Vegas: a rede americana é uma das que avaliariam o mercado brasileiro, se legalizado

ETHAN MILLER/GETTY IMAGES

COM AS ATENÇÕES voltadas para a movimentação que cerca os preparativos paras as eleições de outubro, uma mobilização discreta porém intensa se desenrola nos bastidores do Congresso desde o último trimestre de 2021. Trata-se do esforço para a votação do Projeto de Lei 442/91, cujo regime de urgência foi aprovado na Câmara dos Deputados às vésperas do recesso parlamentar, em 16 de dezembro. A medida propõe a legalização da exploração econômica do jogo no país, proibida desde abril de 1946, por decisão do presidente Eurico Gaspar Dutra. No início da semana, o presidente da Casa, Arthur Lira (PP-AL), se comprometeu com o relator Felipe Carreras (PSB-PE) a levá-la ao plenário até o início de março. O tema, no entanto,

é altamente controvertido dentro do governo. O próprio presidente Jair Bolsonaro já se disse contrário à aprovação, preocupado com o impacto que possa provocar entre seus apoiadores mais conservadores e religiosos.

Mesmo com essa declaração, não se deve apostar, no entanto, contra a aprovação do projeto. O grupo de simpatizantes da legalização tem cacife e nomes de peso, incluindo Lira, o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, os integrantes do Ministério da Economia, do Turismo, e até os filhos do presidente, Flávio e Eduardo Bolsonaro, que se reuniram com o ex-presidente americano Donald Trump para tratar do apoio na atração de investimentos da indústria de cassinos americana para o Brasil. Do lado oposto, a base evangélica no Congresso se posiciona pela manuten-

JOGATINA LEGAL

Projeção de geração de empregos no país com a legalização dos jogos

FORMALIZAÇÃO DO JOGO DO BICHO
450 000

BINGOS
120 000

RESORTS INTEGRADOS E CASSINOS DE PEQUENO PORTE
42 000

SLOT OU CAÇA-NÍQUEIS
30 000

VIDEOBINGOS
15 000

JOGO ON-LINE
1 000

TOTAL DE EMPREGOS
658 000

Fonte: Frente Parlamentar Mista – Câmara dos Deputados

ção da proibição, assim como a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves. “Sou contra a legalização dos jogos de azar porque temo que essas casas de jogos sejam usadas para esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro”, diz Damares. “A liberação dos jogos não é a única alternativa que temos para gerar empregos no Brasil.” A mesma linha é seguida pelo líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR). “Se o tema for a plenário, o governo encaminhará voto contra.”

Entre as nações que fazem parte do G20, a organização que reúne 80% da economia global, apenas três países proíbem a exploração dos jogos — Brasil, Arábia Saudita e Indonésia, os dois últimos muçulmanos. Em um cenário de dificuldades econômicas como o atual, os dados compilados pela Frente Parlamentar Mista organizada para discutir o assunto impressionam. A legalização dos jogos no país teria o potencial de gerar 658 000 empregos — entre os anos 1930 e 1940, o auge dos cassinos no Brasil, o setor garantia mais de 40 000 postos. “Em um país que precisa desesperadamente criar empregos e que há décadas tem crescimento estagnado, não há justificativa para que o jogo continue na ilegalidade”, argumenta o deputado Bacelar (Podemos-BA), presidente da frente parlamentar.

No setor de turismo, cuja geração de riqueza patina na casa dos 8% do PIB e que não conseguiu se expandir nem mesmo com a realização da Copa da Mundo e das Olimpíadas, as perspectivas de expansão são fundamentadas na ex-

HART PRESTON/THE LIFE PICTURE COLLECTION/SHUTTERSTOCK

ERA DE OURO Cassino da Urca, em 1941: setor com mais de 40 000 empregos

periência internacional, particularmente na Ásia. "Macau recebia 10 milhões de turistas antes dos investimentos em cassinos e passou a receber 31 milhões. Singapura foi de 9 milhões a 21 milhões de turistas. São êxitos que mudaram a matriz do fluxo turístico internacional", diz Carreras, relator do projeto na Câmara. "O Brasil é carente em novos produtos turísticos e nosso contingente de visitantes estrangeiros segue estagnado abaixo de 7 milhões."

Além disso, o país perde em arrecadação de impostos com a ilegalidade e com operações que são baseadas — e tributadas — em outros países. Estima-se que o jogo ilegal movimente 27 bilhões de reais por ano, frente aos 17,8 bi-

SUCESSO Hotel em Macau: a região da China lucra com o dinheiro trazido por 31 milhões de turistas

lhões de reais das lotéricas. E, em 2018, foi aprovada uma lei para a liberação do mercado de apostas virtuais, que tem data-limite para ser regulamentada até o fim deste ano. Em paralelo, diversos sites baseados no exterior já oferecem jogos de cassinos e de apostas esportivas aos brasileiros via internet. Entre 2018 e 2020, o setor de apostas esportivas cresceu de 2 bilhões de reais para 7 bilhões de reais e a presença dos sites de apostas é tão forte que, dos times que jogaram a primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2021, apenas o Cuiabá não tinha patrocínio dessas empresas. Isso para não falar da publicidade na televisão e às competições. "O mercado está absolutamente con-

MARTIN BERTRAND/HANS LUCAS/ AFP

solidado e em franca expansão. O que falta é a regulamentação, com regras claras, para a operação baseada no Brasil", diz André Gelfi, CEO da plataforma de apostas eletrônicas Betsson no país.

Em meio ao cabo de guerra político, os defensores do jogo, entre eles integrantes do Ministério da Economia, acreditam que o desfecho mais provável envolverá um certo jogo de cena. O presidente Jair Bolsonaro disse em entrevista a VEJA no ano passado que, caso o projeto fosse aprovado pelo Congresso, ele vetaria. Mas auxiliares próximos admitem que, mesmo que isso aconteça, se trata de um posicionamento para agradar a seus eleitores mais conservadores. Uma vez manifestada sua posição, ele apenas assistiria ao Congresso derrubar o veto. "A maioria esmagadora do governo é favorável. O presidente, publicamente, diz que não é, mas não deve intervir na decisão do Parlamento. O ambiente é propício para isso, ainda mais agora com o ministro Ciro Nogueira próximo ao presidente", diz um auxiliar palaciano. Nogueira é uma das poucas vozes fortes do governo que não fala abertamente sobre o tema, como forma de evitar constranger o presidente ou os seus pares da ala mais fundamentalista, mas ele tem cacife para atuar de forma eficiente nos bastidores. A sorte está lançada. ■

PROCESSO Wesley e Joesley Batista: os irmãos pedem anulação de arbitragem para manter o controle da companhia

GUERRA BILIONÁRIA

Maior batalha empresarial da atualidade, com acusações pesadas e a participação de personagens graúdos dos círculos do poder, a disputa entre J&F e Paper Excellence pela Eldorado Celulose entra em fase decisiva na Justiça paulista

REYNALDO TUROLLO JR.

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

ADNILTON FARIAS/VPR

ADVERSÁRIO Jackson Wijaya: empresário indonésio quer finalizar compra

A maior disputa empresarial do país na atualidade não impressiona apenas pelos 15 bilhões de reais envolvidos no negócio. O imbróglio se arrasta há quase quatro anos nos tribunais, movimenta círculos graúdos do poder em Brasília e tem desdobramentos em delegacias de polícia devido a acusações pesadas de lado a lado que incluem até espionagem industrial. A briga é pelo controle da Eldorado Celulose, vendida em 2017 pela J&F, dos irmãos Joesley e Wesley Batista, à Paper Excellence, do indonésio Jackson Wijaya. Fechado o acordo, no entanto, as duas partes se desentenderam durante as etapas de pagamento e a J&F iniciou um movimento para anular o processo, ficando com a empresa. A Paper não

ANTONIO MILENA

LITÍGIO A fábrica da Eldorado Celulose: acordo de 15 bilhões de reais suspenso pelos tribunais

aceita voltar atrás e chegou a ganhar a causa na instância de arbitragem empresarial que analisou o negócio. Mas a vitória durou pouco e a J&F, por força de uma liminar, suspendeu a decisão. A partir da segunda 21, começam na Justiça de São Paulo as audiências de instrução do processo para definir de uma vez por todas quem tem razão na contenda.

A J&F decidiu vender a Eldorado em setembro de 2017, num processo em etapas. Na última delas, quando a Paper assumiria o controle adquirindo a parte final das ações (os 50,59% que acabaram permanecendo com a J&F), começou o litígio. A J&F acusou a Paper de descumprir o prazo e as condições para a finalização do negócio, que envolviam a liberação das garantias dadas pela empresa brasileira e pela

família Batista em razão das dívidas da Eldorado. A Paper, do outro lado, acusou a J&F de dificultar intencionalmente o cumprimento dessas condições por, supostamente, ter desistido da venda. Nesse ínterim, de fato, o cenário havia mudado: a J&F se recuperava do turbilhão causado pela delação dos Batista, assinada em 2017 com o Ministério Público, e a celulose se valorizou no mercado mundial.

Devido a toda essa briga, o caso Eldorado Celulose virou também o maior exemplo de como o mecanismo de arbitragem empresarial, criado justamente para evitar que disputas do tipo cheguem aos tribunais, pode trazer ainda mais problemas. Além de sustentar que foi vítima de hackeamento e espionagem que teriam prejudicado sua defesa,

a J&F afirma que um dos juízes que analisou a disputa entre 2019 e 2021 na corte de arbitragem da Câmara de Comércio Internacional agiu sem a imparcialidade necessária. Em março de 2021, o grupo ajuizou a ação com o objetivo de invalidar a arbitragem mirando as baterias no juiz indicado pela companhia indonésia, Anderson Schreiber. Segundo a J&F, ele deixou de revelar que dividiu um imóvel e linhas telefônicas com o escritório de advocacia Stocche Forbes, que trabalhou justamente para a Paper. Foi esse argumento que mais pesou para que a Justiça paulista suspendesse temporariamente a transferência do controle da Eldorado para a Paper, no fim de julho passado.

À medida que o caso aumentava de complexidade, as empresas passaram a reforçar seus times de advogados,

CONSULTOR
Michel Temer: o ex-presidente auxilia a Paper nas estratégias adotadas na disputa bilionária

RENATO S. CERQUEIRA/FUTURA PRESS

consultores e lobistas. Do lado da Paper, entre os contratados de peso estão o ex-presidente Michel Temer (MDB) — curiosamente, um adversário dos Batista desde a famigerada gravação clandestina no Jaburu — e o ex-delegado e ex-deputado Marcelo Itagiba. Do lado da J&F, há Frederick Wassef, ligado à família Bolsonaro, que atuou como advogado de um executivo do grupo, e o ex-diretor-geral da Polícia Federal Leandro Daiello — que, também curiosamente, comandou a corporação no auge da delação dos Batista. Essa disputa também virou caso de polícia e uma das queixas envolve a alegação de hackeamento de e-mails de advogados e executivos da J&F, que teria atingido mais de 100 endereços e 70 000 mensagens. As apurações tocadas pela J&F apontam para uma especialista em cibersegurança contratada pela Paper que teria subcontratado hackers para invadir o servidor da adversária. A polícia de São Paulo, contudo, ar-

DEFESA
Frederick Wassef: advogado dos Bolsonaro atuou para executivo da J&F

JONNE RORIZ

quivou um inquérito sobre o caso depois de não ter conseguido comprovar as suspeitas. Outro inquérito foi aberto em Diadema, e prossegue em sigilo.

A pedido da holding dos irmãos Batista, uma delegacia fluminense abriu ainda outro inquérito para investigar se o árbitro Schreiber cometeu o crime de falsidade ideológica por ter omitido que dividiu espaço com o escritório Stocche Forbes. Para a J&F, o árbitro deixou de revelar "fortes vínculos" com pessoas ligadas à outra parte e perdeu a confiança. Schreiber se defendeu afirmando que houve uma simples sublocação de salas comerciais entre o Stocche Forbes e o escritório dele, três anos antes da arbitragem. No último dia 10, o Ministério Público do Rio pediu o arquivamento da investigação criminal contra o árbitro, o que foi atendido pela juíza Daniella Prado no dia 11. Porém, em uma reviravolta, dias depois de arquivar o caso a juíza se declarou impedida

ACUSAÇÃO
Anderson Schreiber: árbitro sob suspeita de não ter agido com imparcialidade

DIVULGAÇÃO

de julgá-lo, e o inquérito contra Schreiber passou para um outro juiz, como revelou o Radar Econômico, de VEJA.

Situações como a de Schreiber geram intensos debates no meio jurídico: a mera omissão de informações é suficiente para anular uma sentença arbitral ou é preciso provar que o árbitro efetivamente foi parcial? Segundo a advogada e árbitra Maria Augusta Rost, o chamado "dever de revelação" é o que garante a credibilidade das arbitragens. "Tudo deve ser revelado. Se o árbitro deixa de lado o dever de revelar, isso vai minando a legitimidade da jurisdição arbitral", diz, sem entrar no mérito do caso Eldorado.

A juíza responsável pela ação anulatória proposta pela J&F em São Paulo, Renata Maciel, inicialmente negou o pedido de liminar para paralisar a transferência de controle da Eldorado, indicando ser necessário aprofundar a análise dos prejuízos causados pela omissão do árbitro. A J&F recorreu. O de-

sembargador José Araldo Telles reverteu, então, a decisão e mandou suspender a troca de comando da Eldorado até o julgamento do mérito. Telles morreu no último dia 6, deixando eventuais recursos do caso para um sucessor. Em dezembro, a disputa da Eldorado foi objeto de discussão em um evento sobre desafios da arbitragem realizado em Miami. A presidente da Comissão de Arbitragem da Câmara Internacional do Comércio, Débora Visconte, chegou a comentar publicamente na ocasião que "o Tribunal de Justiça entendeu que isso *(a omissão)* conflitaria o árbitro", mas defendeu a ideia de que a liminar de suspensão do negócio seja revista.

Na visão da Paper, a alegação de impedimento de Schreiber deveria ter sido feita pela J&F no curso da arbitragem, e não depois de perdê-la. Além disso, os três árbitros deram ganho de causa à empresa indonésia, portanto, o voto de Schreiber não teria sido decisivo. Procurada pela reportagem de VEJA, a J&F se manifestou por meio de uma nota. "O caso da Paper Excellence é um escândalo comprovado por documentos, testemunhos e perícias. Está provado que todos os e-mails trocados pela J&F com seus advogados na arbitragem foram espionados durante a disputa. A J&F confia na Justiça para garantir a reputação do instituto da arbitragem e corrigir as exceções, como o caso da Paper Excellence", diz o comunicado. É essa discussão que será retomada agora, mas nada indica que o conflito se resolva na primeira instância. As partes já falam em subir até o STJ, responsável por dar a última palavra em matéria de arbitragem no Brasil. ■

RUSSIAN DEFENCE MINISTRY PRESS/EPA/EFE

SAÍDA Veículos militares embarcam em trem de carga na Crimeia: imagem de vídeo oficial causa desconfiança

O SHOW DOS PODEROSOS

No vai não vai da invasão da Ucrânia, Putin quer recuperar relevância na política internacional, enquanto os Estados Unidos tentam assegurar sua posição de líder do mundo livre

CAIO SAAD

No tabuleiro das potências mundiais, os movimentos são pensados, pesados, manipulados via redes sociais e divulgados de acordo com os interesses de cada um. Assim tem sido com o posicionamento de 150 000 soldados russos, reforçados por blindados e armamento pesado, ao longo de três lados da fronteira com a Ucrânia. O jogo deslanchado pelo presidente Vladimir Putin há mais de um mês vem sendo rebatido, lance a lance, por ameaças e declarações semibelicosas do americano Joe Biden. Nos últimos dias, o embate subiu de tom, com a diplomacia americana marcando data — quarta-feira 16 — para a Rússia invadir a Ucrânia e se embrenhar em um ato de guerra inimaginável entre países civilizados no século XXI. Em vez disso, o presidente russo, que insiste na tese de que suas Forças Armadas estão praticando rotineiros exercícios militares (por coincidência, em volta do território ucraniano), anunciou o fim de uma parte das manobras e o retorno do efetivo aos quartéis.

Afrouxou o nó, sem desfazer o laço: os Estados Unidos duvidaram do recuo e denunciaram, ao contrário, a chegada de mais 7 000 soldados. Biden insistiu: a invasão é questão de dias. Qualquer que seja o desfecho da crise, Putin, velha raposa política, parece ter alcançado seu intento de sacudir as teias de aranha da decadente Rússia pós-União Soviética e recolocar o país entre os que dão as cartas na geopolítica internacional *(leia a coluna de Vilma Gryzinski).* A exibição de força no exterior também rende benefícios

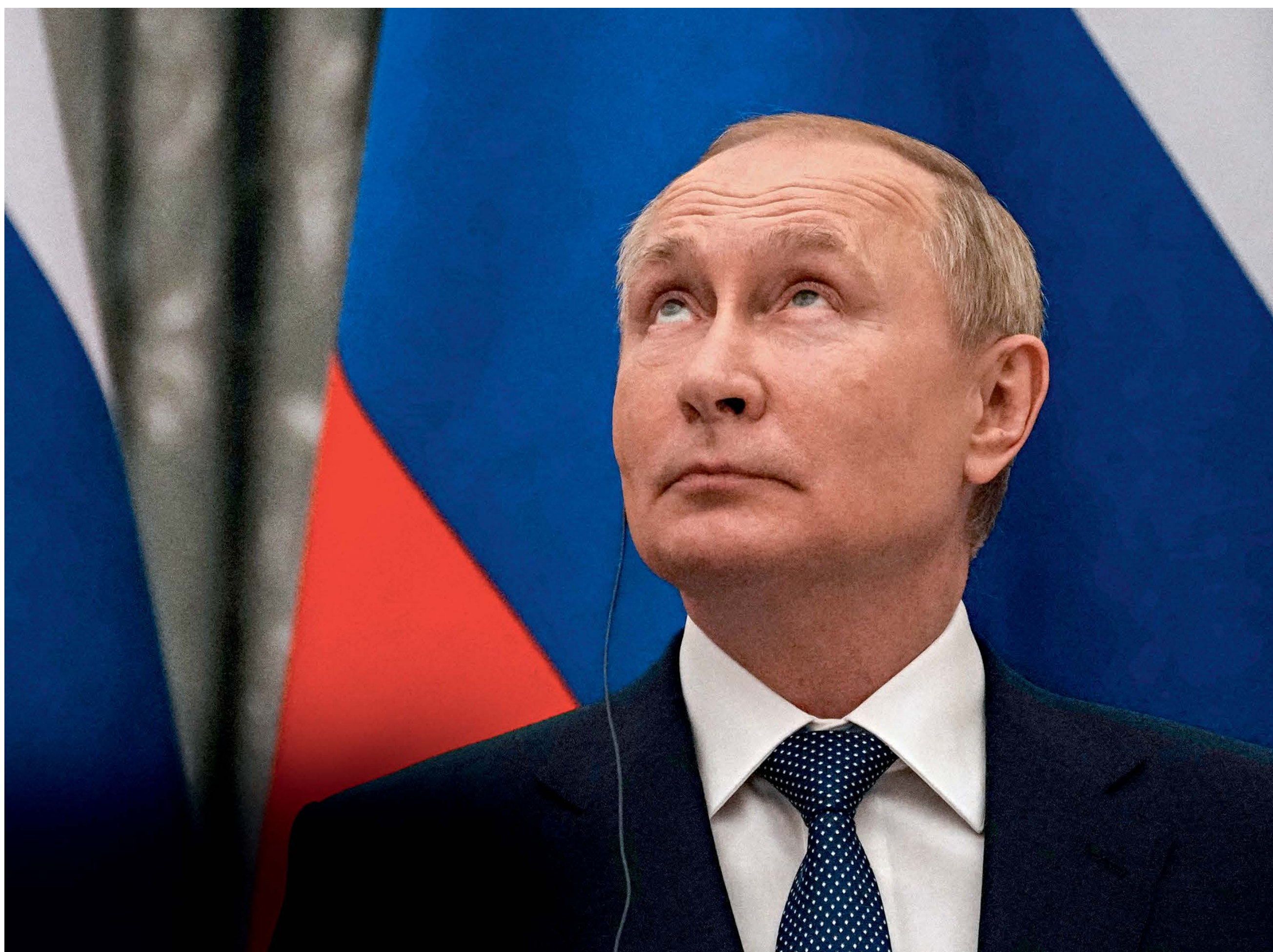
EXIBIÇÃO DE FORÇA

"Exercícios militares" concentraram tropas russas em volta da Ucrânia por tempo indeterminado

● Tropas do Exército russo

LITUÂNIA
RÚSSIA
BELARUS
Moscou
RÚSSIA
POLÔNIA
Kiev
UCRÂNIA
ESLOVÁQUIA
HUNGRIA
MOLDÁVIA
Crimeia
ROMÊNIA
GEÓRGIA
Mar Negro

internamente. A alardeada disposição de salvar a Ucrânia das garras do Ocidente mobiliza os russos em torno de um presidente que viu a pandemia, a economia estagnada e o arrocho contra a oposição tirar lascas profundas de sua popularidade. Do lado oposto do ringue, Biden, outro impopular no campo doméstico muito interessado em desviar atenções, tratou de cooptar a Europa para seu balé de advertências e promessas de retaliação. Meio a contragosto, Alemanha, França e vizinhos vão retornando ao papel de parceiros incondicionais, desgastado pelas acintosas desfeitas praticadas por Donald Trump. Alegria mútua adicional: os olhos do mundo na Ucrânia desviaram a atenção da Olimpíada de Pequim e da China, rival comum no palco geopolítico (apesar dos rapapés trocados entre Putin e Xi Jinping na abertura dos Jogos).

Ungido de renovada relevância, o presidente russo mantém a tática de esconder as cartas na manga. Depois de anunciar que dois batalhões localizados ao sul e a oeste da Ucrânia teriam levantado acampamento, o Ministério da Defesa russo divulgou o vídeo de um comboio militar deixando a região da Crimeia — muito citada hoje como prova de más intenções. Moscou ajudou a "liberar" a província de maioria russa da Ucrânia e a anexou em 2014. "É óbvio que não queremos uma guerra. Por isso apresentamos propostas para um processo de negociação", disse Putin ao se reunir — cada um em uma ponta de uma mesa de 6 metros — com o chanceler alemão Olaf Scholz, que viajou a Moscou para

THIBAULT CAMUS/AFP

DE VOLTA Putin: empenho em mostrar que a Rússia continua a ter voz ativa na política mundial

tentar mediar a crise. Antes dele, o francês Emmanuel Macron foi recebido com palavras igualmente ocas e idêntico distanciamento — ambos se recusaram a se submeter a testes de Covid-19, para não deixar uma amostra de DNA nas mãos do governo russo — e foram impedidos de chegar perto do anfitrião. No meio do entra e sai, o presidente Jair Bolsonaro pousou no Kremlin para uma extemporânea visita oficial. Pertinho de Putin (sinal de que deixou o DNA), o direitista de quatro costados se disse “solidário com a Rússia” — isso depois de depositar uma coroa no túmulo do soldado comunista desconhecido.

Colocando-se como escudo que não se deixa levar pelas balelas espalhadas por Moscou, a Casa Branca informou que o monitoramento via satélite não indica remoção de tropas na fronteira ucraniana. “Há o que a Rússia diz e há o que a Rússia faz. Não vimos nenhum recuo de suas Forças”, afirmou o secretário de Estado, Antony Blinken. “Se a Rússia atacar a Ucrânia, será uma guerra de escolha, sem causa ou razão”, reforçou Biden — com boa dose de razão, aliás. O ponto de atrito declarado de Putin com Estados Unidos e Europa Ocidental é o desejo manifesto da Ucrânia de fazer parte da Otan, a aliança militar da Guerra Fria que se contrapunha ao extinto Pacto de Varsóvia. A Rússia vê a nação ucraniana como uma extensão da sua própria, se arrepia com a possibilidade de ter o arsenal

da aliança ocidental na sua porta e não admite a “traição”. Claro que um país livre não pode obrigar outro país livre a fazer o que não quer, mas quem tem o Exército Vermelho tem a força.

A condição de Putin para deixar em paz o vizinho é a Otan se comprometer a não aceitar países que ele considera estar naturalmente na sua órbita — e, de quebra, remover sistemas de mísseis instalados na Polônia e vizinhanças. Volodymyr Zelensky, o presidente ucraniano no olho do furacão, já insinuou que a adesão talvez seja um “sonho” inalcançável. Aventou ainda um plebiscito sobre a adesão à Otan, abrindo a porta para que a população, acuada, refute a ideia. Um empurrão nessa direção foi o devastador ataque cibernético — o tipo de crime que, em nove entre dez casos, tem origem na Rússia — de que a Ucrânia acaba de ser alvo.

MAXIM SHEMETOV/AFP

VISITA ESTRANHA Esquerda, volver: Bolsonaro presta homenagem no mausoléu erguido pela União Soviética

Complicando mais o cenário, o Parlamento russo aprovou uma moção para que Putin reconheça como independentes duas "repúblicas" declaradas unilateralmente por movimentos separatistas na região de Donbas, a leste da Ucrânia e grudadas na Rússia. O presidente não se manifestou, mas todo mundo sabe que, se pretender mesmo invadir a Ucrânia, a desculpa mais à mão é repetir o modelo Crimeia e, a pedidos, despachar soldados para garantir a sobrevivência das novas "nações". "Putin embarcou em um projeto de restabelecer o império russo na Europa. Isso passa pela

reconstrução do Exército, modernização do arsenal nuclear, expansão dos serviços e atividades da inteligência e pelo enfraquecimento de qualquer oposição política", analisa Kurt Volker, membro do Center for European Policy Analysis e ex-representante americano na Otan.

A Rússia fornece boa parte do gás que aquece a Europa no inverno rigoroso e, no atual clima de confronto, os europeus correm em busca de novos fornecedores, até agora sem sucesso. Uma das ferramentas usadas por Biden para pressionar Putin é justamente emperrar a entrada em funcionamento de um novo gasoduto, pronto para operar, entre o país e a Alemanha. Os Estados Unidos também brandem com frequência a ameaça de cortar o acesso da Rússia ao sistema financeiro internacional, uma sanção que os especialistas consideram facilmente contornável. Americanos e europeus têm reforçado o arsenal e o treinamento das Forças Armadas ucranianas, mas não há chance de que elas venham a se equiparar às russas. Muita conversa está prevista para as próximas semanas, várias delas olho no olho, ainda que a 6 metros de distância. Quem vai piscar primeiro? ■

VILMA GRYZINSKI

A NOVA DESORDEM MUNDIAL

Rússia e China contestam sistemicamente o consenso dominante

SE O LEITOR pudesse entrar na pele — de lobo, obviamente — de Vladimir Putin e olhasse para os Estados Unidos e a Europa, a mais rica, livre e avançada combinação de países da história, veria o quê? Provavelmente sociedades enfraquecidas pela prosperidade sem precedentes, tão afluentes que se dão ao luxo de discutir designações para os 76 gêneros correntemente reconhecidos e desprezar qualquer coisa que lembre pátria, senso de identidade e de propósitos comuns ou outros sinais de ignorância nacionalista, tal como são considerados pelas elites bem-pensantes. Os confortos materiais refletem-se num consenso civilizado: guerras são coisa do passado e ninguém, nem mesmo os militares profissionais, deve morrer nelas. A Ucrânia inteira, para chegar ao assunto que nos trouxe até aqui e relembrar Bismarck, o construtor da unificação alemã, não vale os ossos de um único fuzileiro alemão, francês, inglês ou até mesmo americano, da cepa dos últimos guerreiros. Nesse mundo sob o olhar de Putin, os Estados Unidos têm um presidente senil, o

primeiro-ministro britânico pode cair por causa de festinhas depois do trabalho e o chanceler alemão é resistente como uma fatia de bolo floresta negra. Os flexíveis latino-americanos nem contam. Por não se permitir líderes cheios de defeitos públicos nem aventuras democráticas, a ordeira e disciplinada China caminha para se tornar uma superpotência hegemônica, na certeza de que dinheiro compra países inteiros, que dirá políticos isolados.

É nesse mundo segundo Putin que surge a oportunidade para a Rússia sair do rebaixamento. Com adversários bem alimentados — cada vez mais com um cardápio à base de superfoods da moda —, aquecidos — cada vez mais com gás russo — e complacentes — cada vez mais avessos a riscos —, vamos ver quem pisca primeiro. Quem não cobrir a aposta da força bruta vai automaticamente para o paredão das potências em declínio. E abre a porta para um processo irre-

“Bismarck: ‘Só um tolo aprende com seus próprios erros; eu prefiro aprender com os erros dos outros’”

versível: a desconstrução da ordem que parecia incontestável há três décadas, quando a União Soviética cedeu sob o peso do encarquilhamento comunista e a China selou sua entrada na abertura econômica. Tudo isso só poderia redundar em países que acabariam por aderir, mesmo à sua maneira, ao modelo democrático ocidental, cuja superioridade estava definitivamente comprovada.

Essa ordem triunfante hoje é organicamente contestada. A China diz que tem um sistema muito melhor e aponta um modelo para os países periféricos, que nunca chegaram a ter as condições que fizeram a glória das democracias liberais. E a Rússia de Putin chama para a briga adversários que não querem nem pensar em perder a conexão do celular, que dirá entrar numa guerra. É esse o dilema que a quase irrelevante Ucrânia coloca não apenas para os países grandes e poderosos do Ocidente, mas para todos os que não aceitam que a lei do mais forte, seja pela agressão pura e simples, seja pela ameaça dela, possa ser imposta na marra, atropelando a soberania e a autodeterminação, valores que o mundo consolidou a preço de sangue depois da II Guerra.

Hora de lembrar de Bismarck de novo: “Só um tolo aprende com seus próprios erros; eu prefiro aprender com os erros dos outros”. ■

AMOR DE SOBRA

Mal pisou em Malibu, na Califórnia, a modelo **ALESSANDRA AMBROSIO,** 40 anos — que tem passado temporadas em sua Florianópolis natal —, tratou de abraçar as tradições locais. Primeiro, marcou presença no Super Bowl, a badaladíssima final do futebol americano. Estava sem máscara em local fechado, o que é proibido, mas convenhamos: era ela e toda a penca de celebridades que lotou o estádio coberto. Depois, comemorou o Valentine's Day (uma espécie de Dia dos Namorados) postando fotos de biquíni, corpo perfeito à mostra e muito amor para dar. "Amor é o que nos faz seguir, nos levanta, nos carrega para a frente, nos excita, nos move e nos traz alegria", escreveu. Do namorado, o também modelo Richard Lee, nem sinal.

INSTAGRAM @ALESSANDRAAMBROSIO

NASCIDA PARA BRILHAR

O quadril anda doendo um pouco e os joelhos precisam de fisioterapia. E daí? "Envelhecer é um saco, mas eu quero mais é curtir a vida", anuncia a sempre esfuziante **VERA FISCHER**, 70 anos intensamente desfrutados. Com peça em cartaz e prestes a estrear o filme *Me Tira da Mira*, ao lado de Cleo Pires, a atriz diz ter superado totalmente o "baque" da demissão da Globo, em 2020 ("agora faço o que quero e não parei um minuto"), e garante que a vida pessoal anda tão movimentada quanto a profissional. "Se tem gente que com a idade perde a vontade de fazer sexo, te garanto que não é o meu caso", dispara. Tampouco se arrepende da superexposição no passado, com direito a brigas em público e internações por uso de drogas. "Eu era notícia porque nasci para brilhar" — e ponto-final.

INSTAGRAM @VERAFISCHER

INSTAGRAM @MAYAGABEIRA

A PRAIA É DELA

Enquanto se preparava para competir no mundial de ondas gigantes da Praia do Norte em Nazaré, litoral de Portugal, no domingo 13, **MAYA GABEIRA,** 34 anos e dois recordes mundiais cravados no *Guinness Book,* viu três surfistas se machucando feio bem na sua frente. Um deles, sua rival Justine Dupont, fraturou o tornozelo ao encarar montanhas de água de 15 m etros de altura e foi levado de ambulância para o hospital. "Estava tudo muito estranho, pesado", lembra Maya, que passou por um acidente quase fatal no mesmo mar em 2013. Chegou a achar que ficaria fora da disputa, mas se enganou: ao descer uma das maiores ondas do dia, a surfista levou para casa o prêmio de Melhor Performance Feminina — sã e salva, para alívio da mãe, a estilista Yamê Reis. "Foi tenso, fiquei rezando para ela sair ilesa", lembra Yamê.

MANAN VATSYAYANA/AFP

GANHA, MAS NÃO LEVA

Franca favorita na Olimpíada de Inverno, a russa **KAMILA VALIEVA,** fenômeno da patinação artística de apenas 15 anos, chegou a Pequim arrasando – seu time ganhou o ouro na disputa por equipes. No mesmo dia, o resultado de um exame de doping feito em dezembro estilhaçou o encanto: a atleta testou positivo para uma substância proibida receitada a cardíacos. Veio a dúvida: podia ou não continuar na Olimpíada? Um comitê decidiu que podia, mas não receberia medalha – nem ela nem ninguém nos três primeiros lugares –, até a questão ser esclarecida. Na disputa-solo, ela falhou e ficou em quarto, permitindo que duas colegas subissem ao pódio e recebessem ouro e prata. Em uma entrevista, Kamila confessou: “Minhas emoções se esgotaram. Estou feliz, mas, emocionalmente, muito cansada”. ■

A CAMINHO DO FIM

No exterior, cidades derrubam as restrições. No Brasil, o número de casos cai. Depois de dois anos, a pandemia dá sinais de que seu término pode estar perto

DUDA MONTEIRO DE BARROS, PAULA FELIX E **SIMONE BLANES**

FABIANO ROCHA/AG. O GLOBO

ÚLTIMA FRONTEIRA Crianças: a proteção do público de 5 a 11 anos contribui para impedir o surgimento de variantes

CAPA: FOTO DE FREEPIK.COM@NATKACHEVA

Depois de dois anos de medo e tristeza, de quarentenas e confinamentos, há ótimos e luminosos motivos para alívio. Na terça-feira 15, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou pela segunda vez neste ano uma queda no número de novos casos de Covid-19 no mundo. No período de 7 e 13 de fevereiro, houve uma redução de 19% em comparação ao total registrado nos sete dias passados. No sul da Ásia, o decréscimo foi de 37%; nas Américas, 32%; na África, 30%; na Europa, 16%; e no leste do Mediterrâneo, 12%. No boletim anterior, a organização contabilizara diminuição de 17% no número de novos infectados. No Brasil, a semana também foi de boas notícias. Também na

terça 15, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) informou que, pela primeira vez em 2022, a taxa de ocupação dos leitos de UTI destinados a pacientes adultos com Covid-19 apontou melhora nos índices. Das nove unidades federativas que na semana passada estavam com nível de ocupação igual ou superior a 80%, considerado crítico, apenas quatro permaneciam nesse patamar. Um dia antes, a média móvel de novos casos registrou a maior queda em um mês e meio, cravando quatro dias seguidos de declínio.

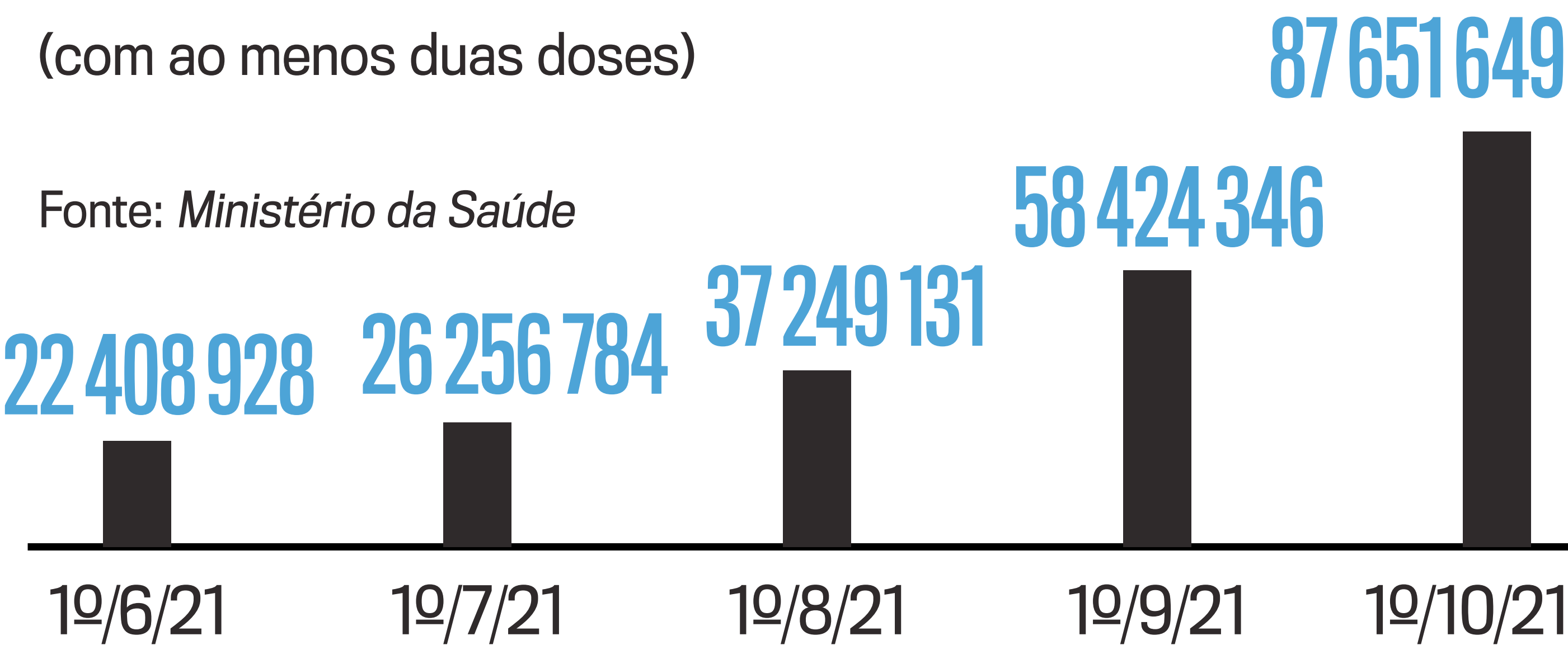
Os indicadores demonstram que a ômicron, a mais transmissível das variantes do coronavírus, está perdendo fôlego depois de assustar o planeta de novembro de 2021 até agora, fazendo explodir o total de novas infecções. Uma boa medida da desaceleração é o decréscimo

O RETRATO DO ALÍVIO NO BRASIL

O AVANÇO DA COBERTURA VACINAL

(com ao menos duas doses)

Fonte: *Ministério da Saúde*

Data	Vacinados
1º/6/21	22 408 928
1º/7/21	26 256 784
1º/8/21	37 249 131
1º/9/21	58 424 346
1º/10/21	87 651 649

A QUEDA NO NÚMERO DE CASOS

(média móvel por milhão de habitantes)

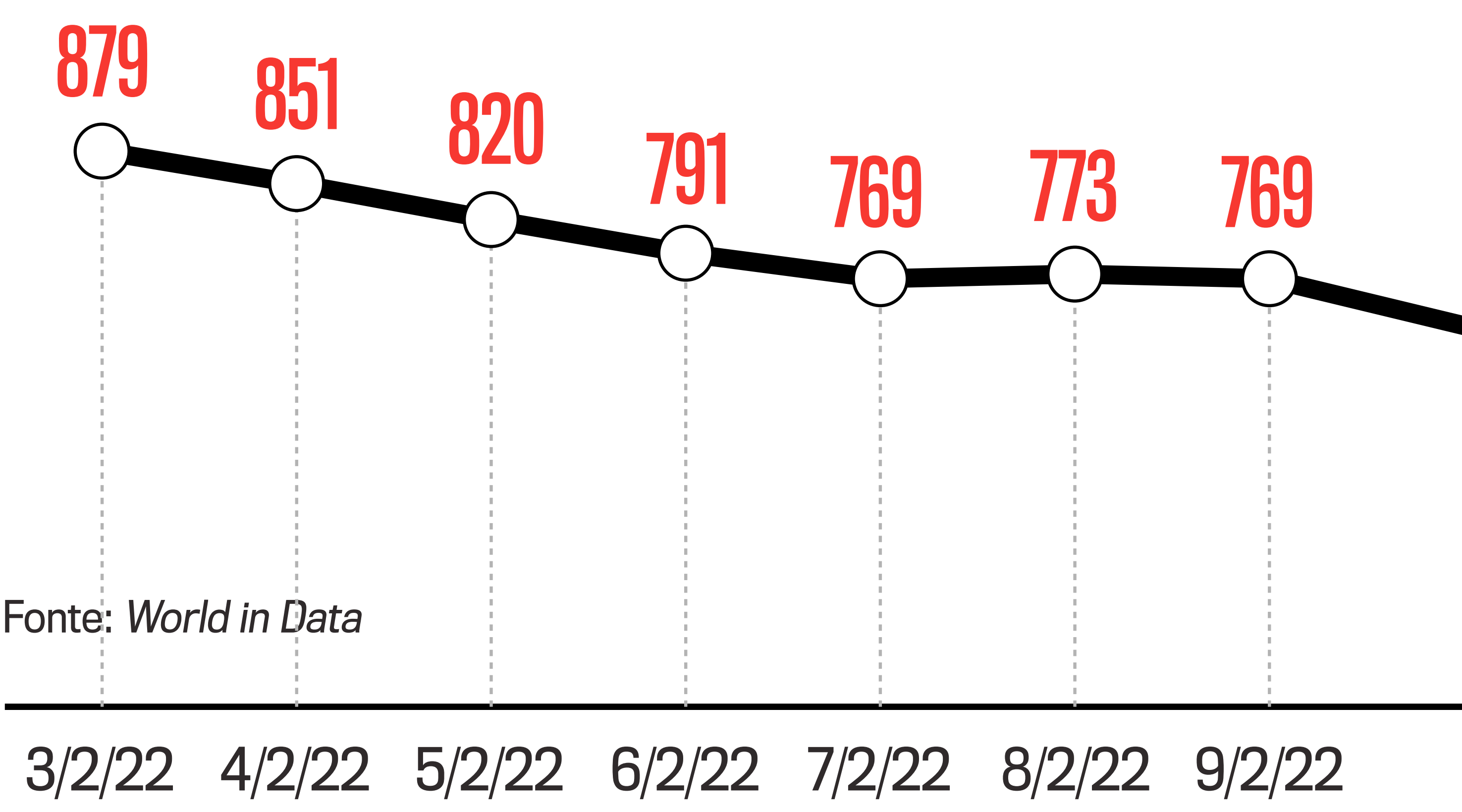
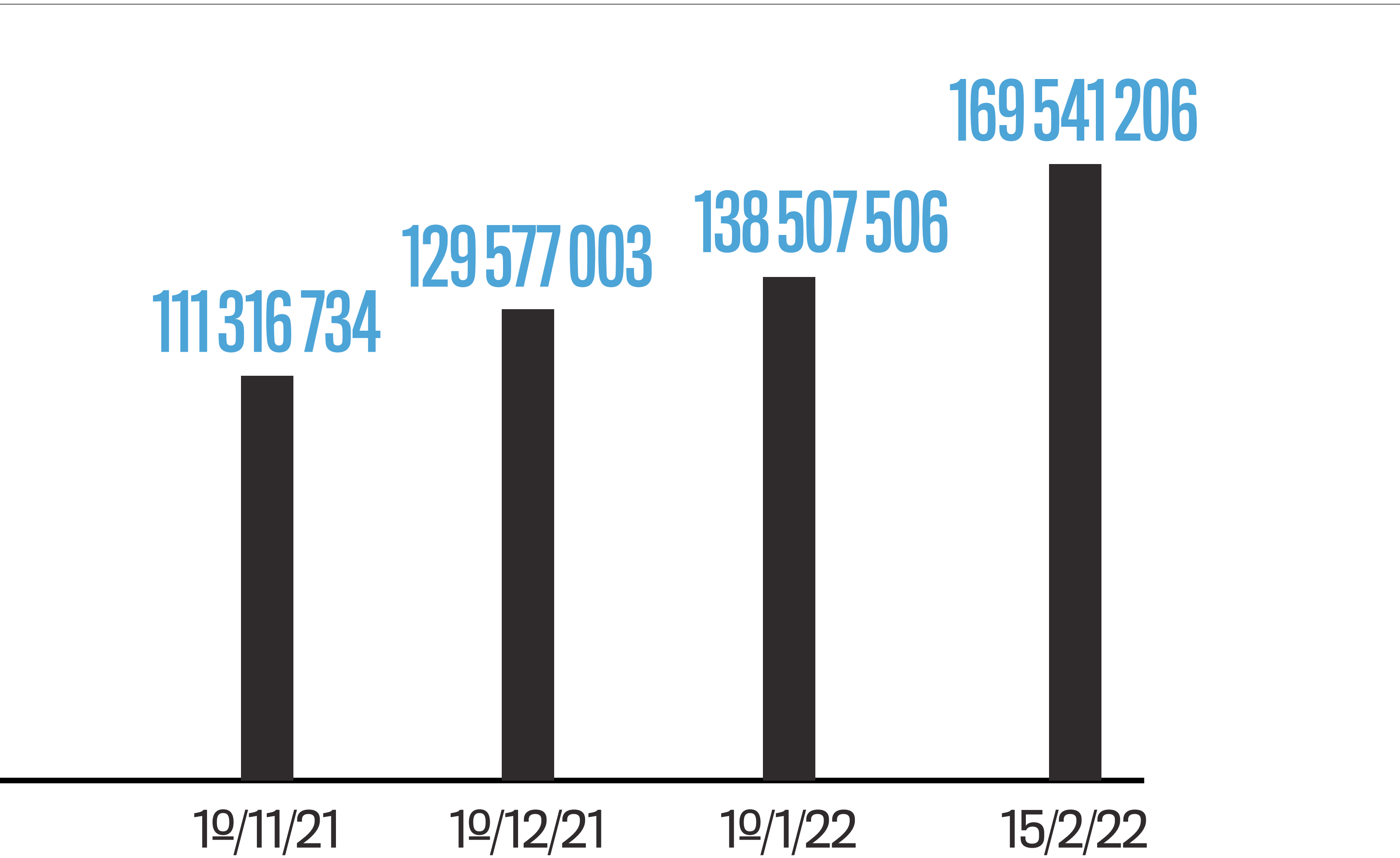
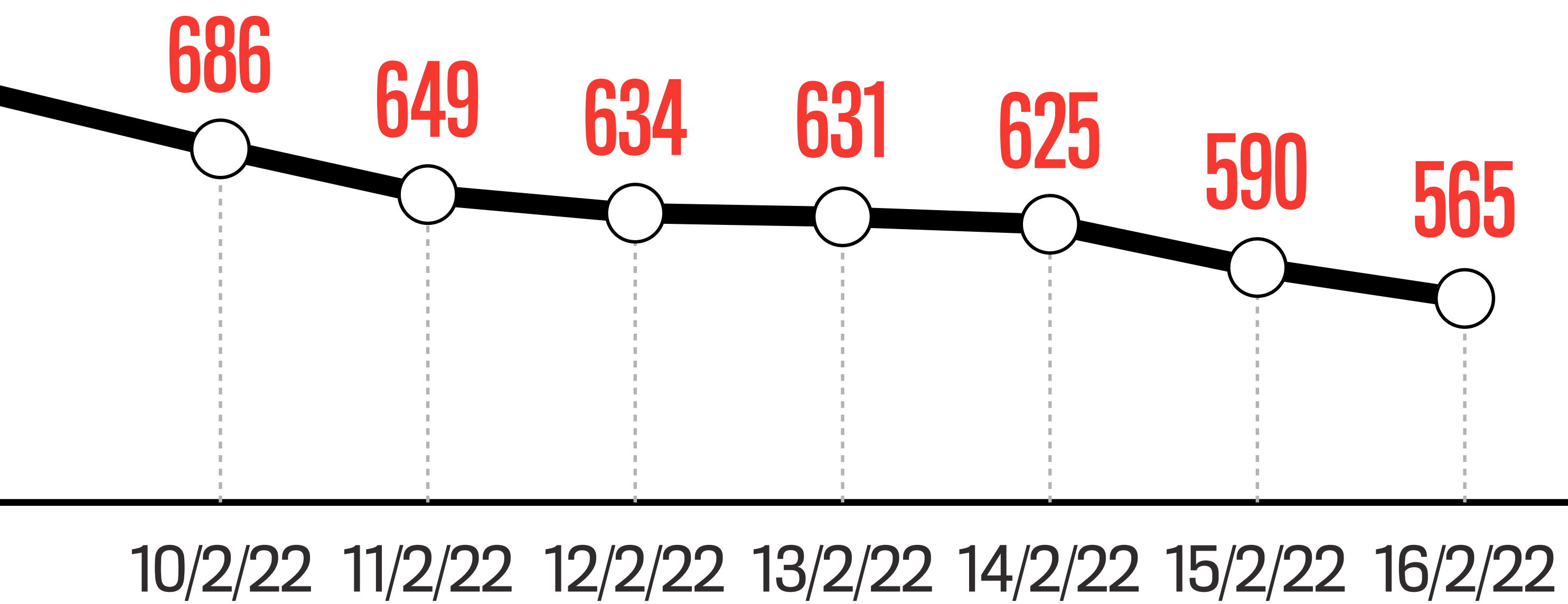
Data	Média móvel
3/2/22	879
4/2/22	851
5/2/22	820
6/2/22	791
7/2/22	769
8/2/22	773
9/2/22	769

Fonte: *World in Data*

111 316 734
129 577 003
138 507 506
169 541 206

1º/11/21 1º/12/21 1º/1/22 15/2/22

686 649 634 631 625 590 565

10/2/22 11/2/22 12/2/22 13/2/22 14/2/22 15/2/22 16/2/22

ALEXI ROSENFELD/GETTY IMAGES

UFA! Namoro em Nova York: o fim das restrições permitiu a celebração do Dia dos Namorados sem máscara

no Brasil nos índices de transmissibilidade do vírus. A taxa é o termômetro que afere a velocidade de propagação da doença. No dia 25 de janeiro deste ano, ela estava em 1,78, segundo o Imperial College of London. Isso significava dizer que, naquele momento, 100 pessoas infectadas poderiam contaminar outras 178. Seis dias depois, o índice caiu para 1,69 e na quarta-feira 16 marcava 1,22. Ainda é alto, convém prestar atenção — o ideal é que fique abaixo de 1 —, mas a tendência é claramente de redução no ritmo de transmissão. Dados do Instituto Todos pela Saúde revelaram, ainda, que o volume de testes positivos para Covid-19 caiu de 67% para 51% entre os dias 22 de janeiro e 12 fevereiro.

É CARNAVAL Nice, na Côte d'Azur francesa: a abertura das festividades momescas reuniu mais de 5 000 pessoas

É a primeira vez, desde março de 2020, quando a OMS decretou a pandemia, que o mundo vive um período aparentemente mais calmo e de futuro inexorável. Houve outros momentos de esperança, encerrados pelo surgimento de variantes mais agressivas. Agora, tudo indica, é diferente. Como mostra a história de outras pandemias, há um momento na trajetória dessas crises sanitárias afeito a indicar um ponto de inflexão a caminho do fim. É o que parece estarmos vivendo neste começo de 2022. "Este contexto, que até agora não havíamos visto nesta pandemia, nos dá a possibilidade de um longo período de tranquilidade", afirmou Hans Kluge, diretor da OMS para a Europa, no início do mês. "É uma trégua que pode trazer

SEBASTIEN NOGIER/EPA/EFE

LEVES E SOLTOS Balada na Itália: com quase 80% da população totalmente vacinada, a volta da diversão coletiva

uma paz duradoura", acrescentou o médico belga. Em outras palavras, a situação atual permite afirmar que a pandemia está no início do fim.

É sempre difícil fazer previsões de qualquer ordem, sobretudo em relação a questões de saúde pública. Mesmo as realizadas por sistemas de inteligência artificial, muito mais precisas do que as feitas pelos homens, estão sujeitas ao imponderável e à natureza do ser humano. Portanto, é bom ter em mente que o mundo não está completamente livre de ser novamente surpreendido por um acontecimento inesperado, mas é improvável que aconteça. Há conforto, agora, porque autoridades de saúde como Kluge e centenas de outros cientistas traba-

ALESSANDRO DI MARCO/EPA/EFE

MENOS RESTRIÇÕES

O avanço da vacinação permitiu a suspensão de medidas mais duras para conter o vírus em vários países

População totalmente vacinada

DINAMARCA

83%

ITÁLIA

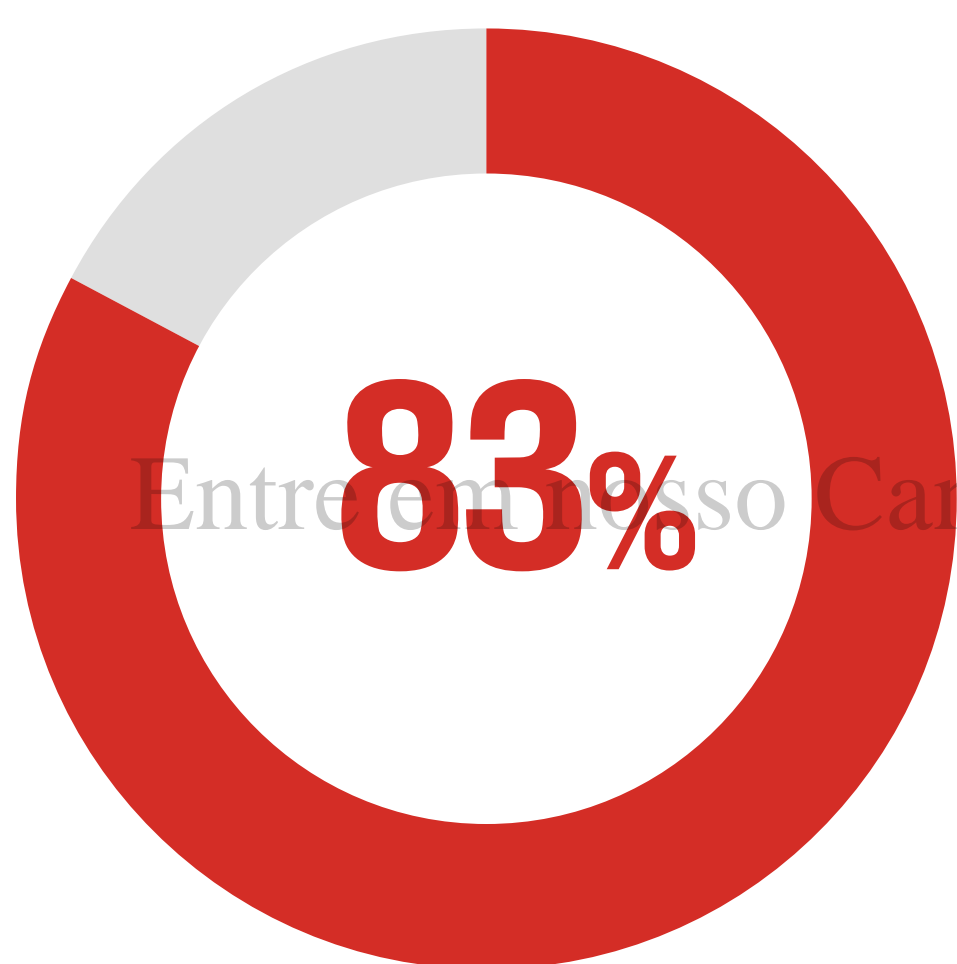
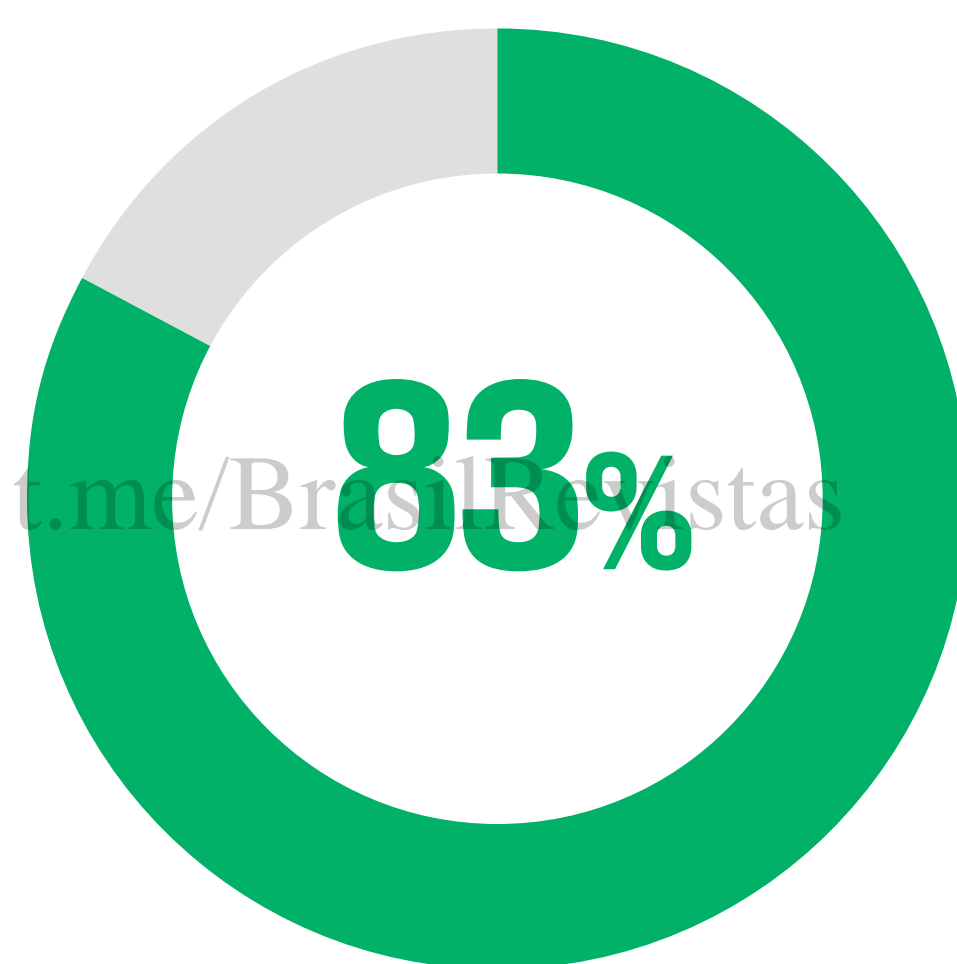
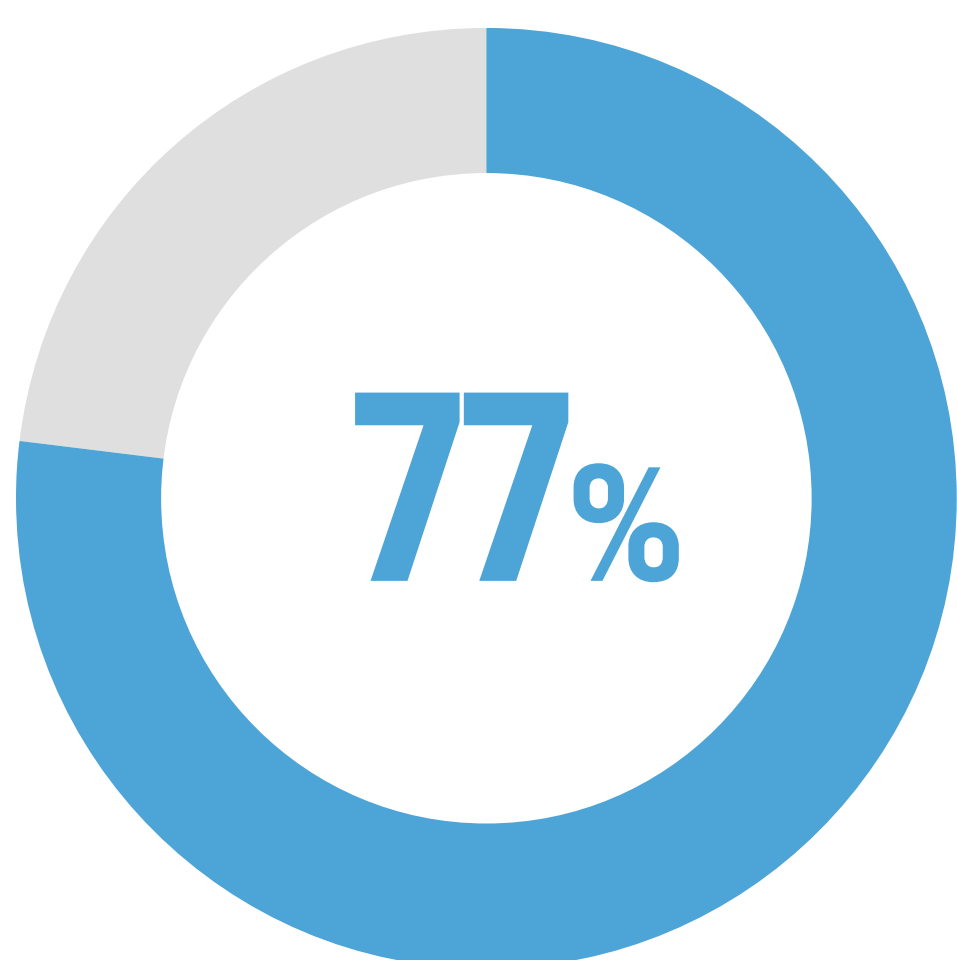
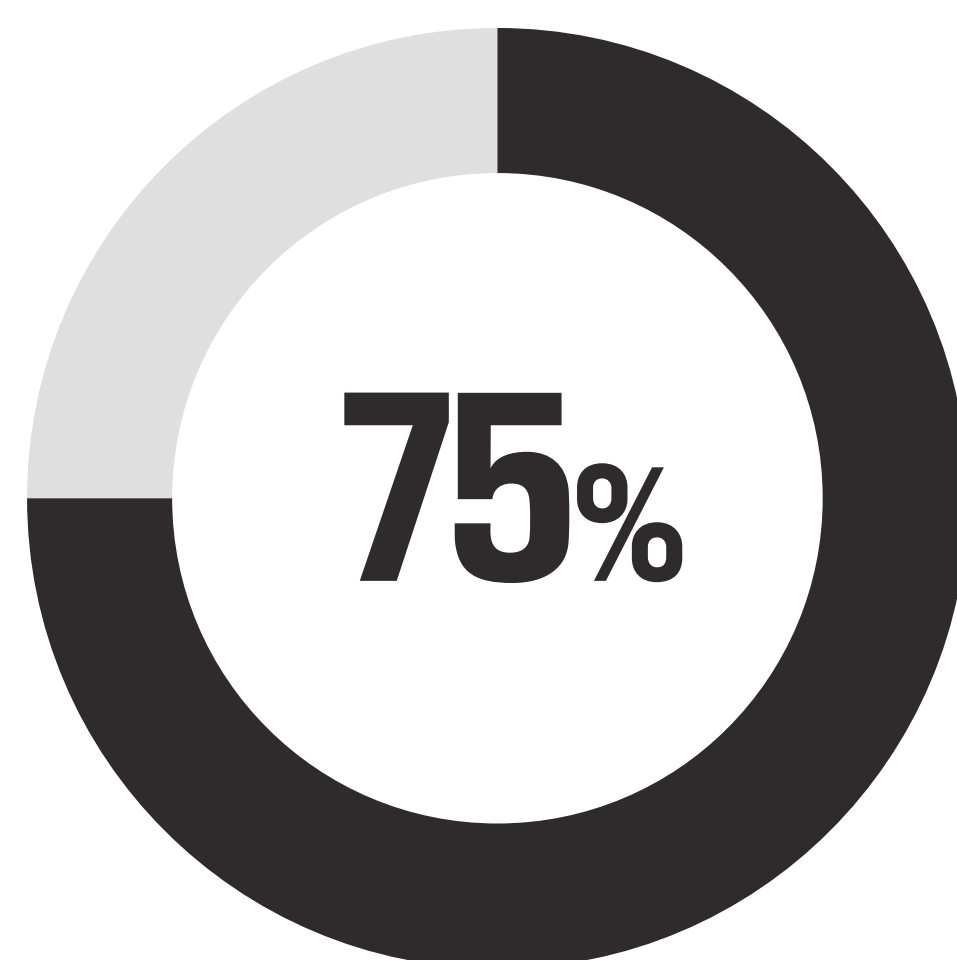
83%

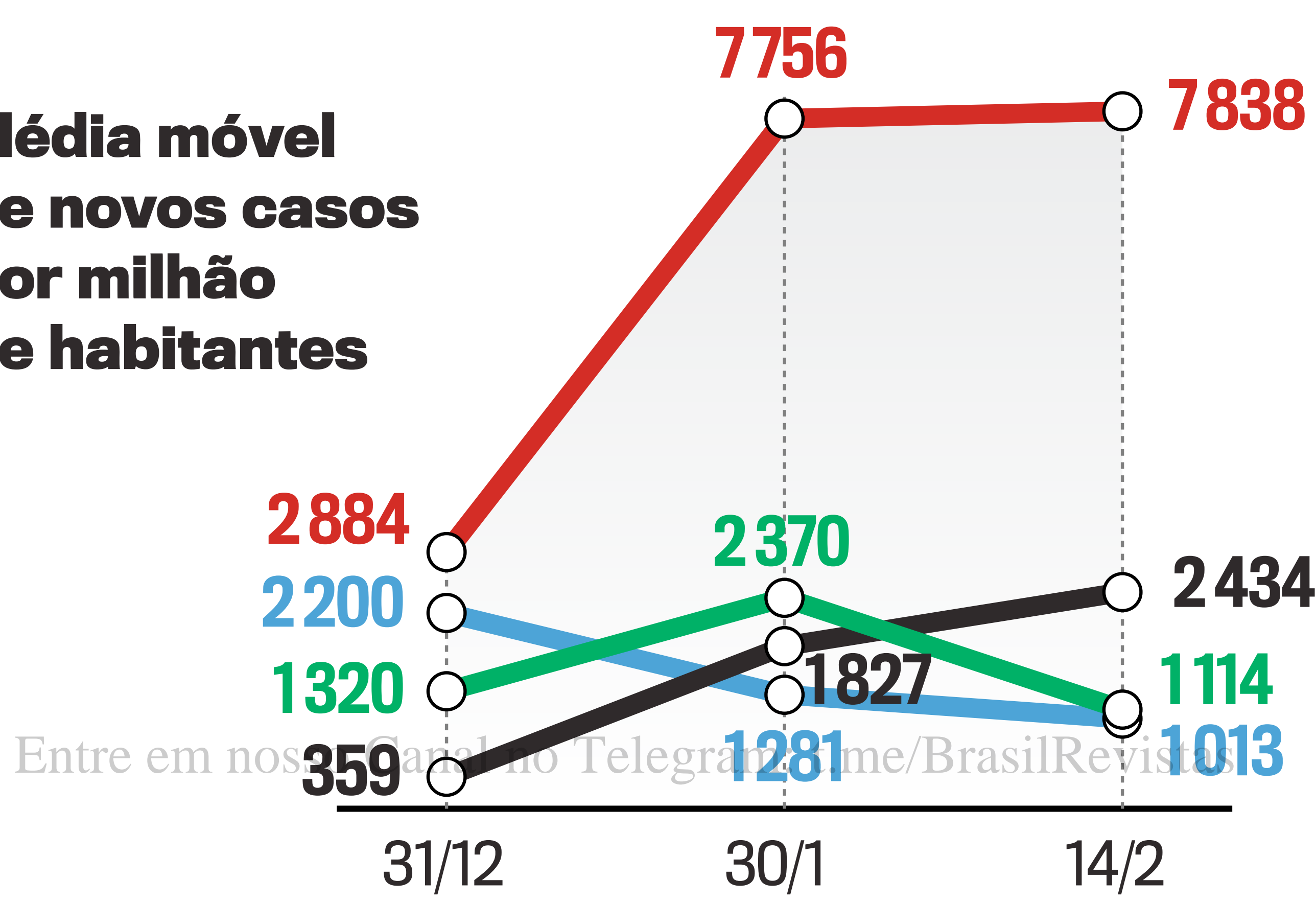
REINO UNIDO

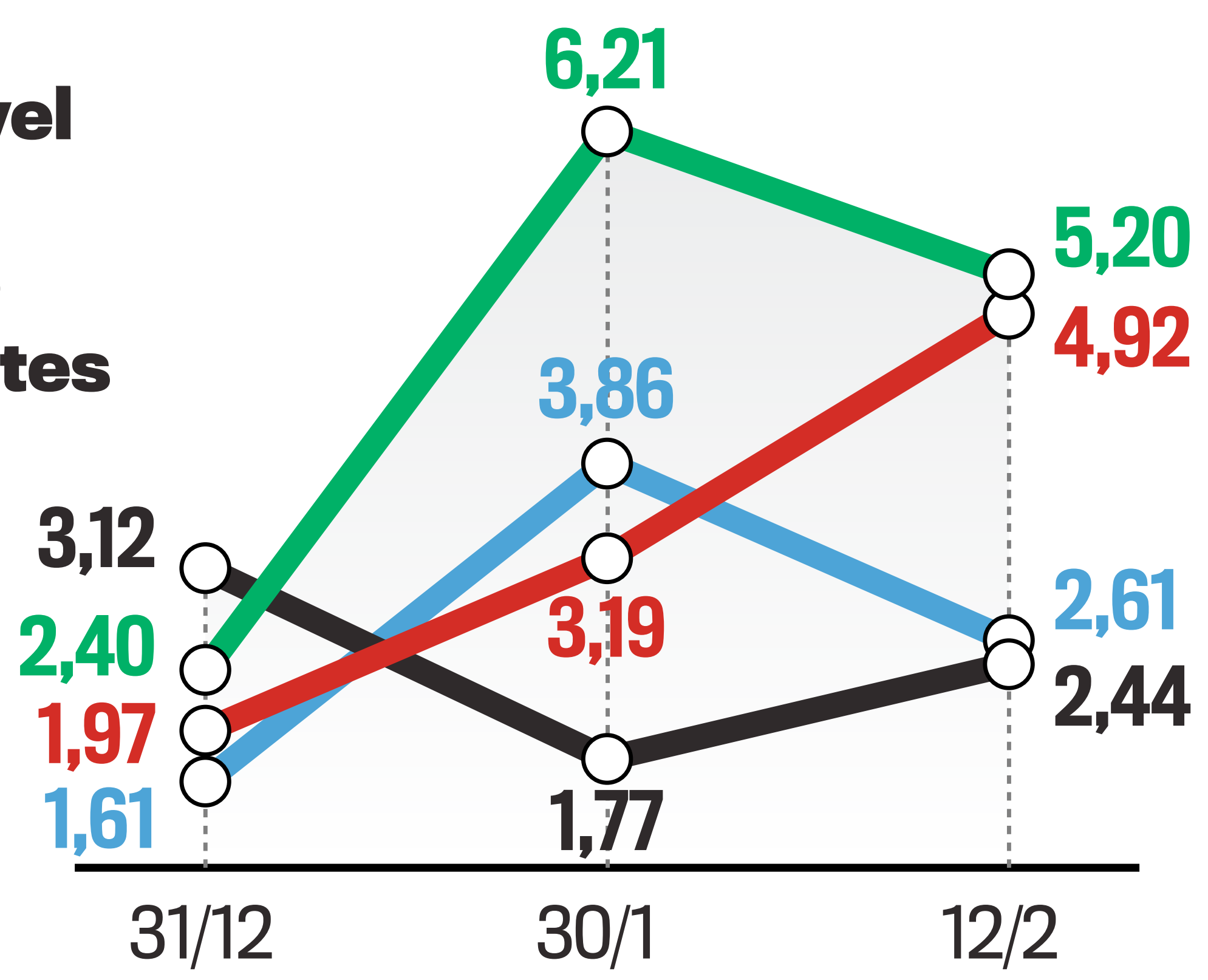
77%

ALEMANHA

75%

Fonte: *Our World in Data*

DINAMARCA
ITÁLIA
REINO UNIDO
ALEMANHA

Média móvel de novos casos por milhão de habitantes

7 756
7 838
2 884
2 370
2 434
2 200
1 320
1 827
1 114
359
1 281
1 013
31/12
30/1
14/2

Média móvel de óbitos por milhão de habitantes

6,21
5,20
4,92
3,86
3,12
2,40
3,19
2,61
1,97
2,44
1,61
1,77
31/12
30/1
12/2

A VIDA SEM MÁSCARAS Copenhague, na Dinamarca: a população retoma o hábito de passear nos centros comerciais

lham com uma equação matemática confiável. Os dados

à mão apontam para uma série de avanços que, até muito recentemente, era apenas quimera. A pandemia mudou, sim, de ritmo.

Pelo menos três condições são indispensáveis para o término de catástrofes provocadas por vírus: a existência de vacinas, a transformação natural do agente causador em direção a versões menos letais e a grande quantidade de pessoas naturalmente imunizadas, por terem contraído a doença. O mundo dispõe hoje das três premissas. A ômicron, reafirme-se, é mais contagiosa, mas menos agressiva. As derivações do vírus que provocou a primeira onda, em 2020, até a variante hoje prevalente, mais amena, fazem parte do processo de seleção natural. "Vírus precisam de um hospedeiro para replicar seu mate-

CARSTEN SNEJBJERG/GETTY IMAGES

REENCONTRO Volta às aulas no Brasil: apesar de breves interrupções, o país deixa para trás dois anos de ensino on-line

rial genético, não querem matar", explica o infectologista Renato Kfouri, presidente do Departamento de Imunizações da Sociedade Brasileira de Pediatria. Logo, prevalecem as cepas com alto poder de infecção, porém com baixa capacidade de provocar doenças graves e mortes. Esse mesmo poder de transmissibilidade expandiu o total de pessoas expostas, o que aumentou a parcela de indivíduos que naturalmente produziram anticorpos contra o SARS-CoV-2. "O nível de infecções sem precedentes sugere que mais da metade da população mundial terá sido contaminada pela ômicron entre novembro de 2021 e março de 2022", escreveu em artigo publicado há um mês na revista *The Lancet* o médico Christopher Murray, especialista em métricas da saúde da Universidade de Washington, nos Estados Unidos.

FABIANO ROCHA/AG. O GLOBO

Convém, contudo, louvar com estridência, à guisa de mantra, a relevância das vacinas. Sem imunizantes, estaríamos muito longe de enxergar qualquer possibilidade de fim. Eles ampliam a porcentagem da população protegida, circunstância que por si só reduz a possibilidade de surgimento de cepas, e, acima de tudo, salvam vidas, como prova a ciência repetidamente. Embora muitos ainda insistam em maldizê-las — recentemente, grupos antiva-

COMO TERMINARAM OUTRAS PANDEMIAS

Com vacinas, restrições, tratamentos ou pelo curso natural da evolução de vírus e bactérias, elas tiveram começo, meio e fim

Fontes: *Organização Mundial da Saúde (OMS), Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), Ministério da Saúde, Médicos sem Fronteiras*

	PESTE BUBÔNICA
AGENTE	Bactéria *Yersinia pestis*
QUANDO	A crise mais grave ocorreu entre **1346** e **1353,** na Europa
O QUE FOI FEITO	Adoção de medidas de higiene, quarentena, melhora do saneamento básico e incineração de corpos infectados

cina novamente protagonizaram um ato de suprema ignorância ao atacarem o infectologista americano Anthony Fauci, defensor de primeira hora das doses nos braços, comparando-o a Adolf Hitler —, as vacinas são responsáveis pela virada contra o coronavírus. No Brasil, um levantamento do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, de São Paulo, não deixa margem a dúvidas. Nos últimos três meses, 82% das mortes por Covid-19 foram registradas

	VARÍOLA	GRIPE ESPANHOLA	EBOLA
AGENTE	Vírus *Orthopoxvirus variolae*	Vírus *Influenza*	Vírus *Ebola*
QUANDO	Os primeiros relatos datam do século IV. O último caso foi registrado em **1977**	**1918** a **1919**	**2016**
O QUE FOI FEITO	Campanha maciça de vacinação. Em 1980, foi declarada a primeira doença erradicada do mundo	Uso de máscaras, isolamento de infectados, quarentena, fechamento de escolas, comércio e restrição de circulação	Rastreamento e isolamento de infectados e estruturação de centros de tratamento

PATRICK SEMANSKY/AP/IMAGEPLUS

EQUÍVOCO Fauci, pintado como Hitler: a esdrúxula comparação dos radicais

em pessoas não vacinadas ou que não haviam completado o ciclo de imunização. Porcentual semelhante se repete

mundo afora. A análise dos índices nacionais também deixa clara a queda na trajetória de óbitos com a subida da vacinação. Em 1º de junho de 2021, o país tinha 22,4 milhões de vacinados e a média móvel de mortes era de 1 881 por dia. Em 1º de janeiro deste ano, quando o número de imunizados atingiu 138,5 milhões, o índice caiu para média de 97. O início da vacinação infantil no país melhora o panorama — um mérito, ressalte-se, da população e do SUS, que seguem a imunização a despeito da irresponsabilidade do governo do presidente Jair Bolsonaro, que tudo faz para atrapalhar as campanhas.

A reunião das três circunstâncias — vacinas, vírus menos letal e grande número de pessoas imunizadas — cria o que estudiosos da Fiocruz consideram uma “janela de opor-

JUSTIN TANG/THE CANADIAN PRESS/AP/IMAGEPLUS

DESORDEM Manifestante agita a bandeira canadense em Ottawa: atestado de vacina disparou protesto na capital

O OPORTUNISMO DOS RADICAIS

País ordeiro e certinho até demais — a fama é de sem graça mesmo —, o Canadá tremeu nas últimas semanas, sacudido por uma onda de protesto como nunca se viu. De repente, quase que do nada, caminhoneiros insatisfeitos paralisaram a plácida capital, Ottawa, e fecharam o trânsito em alguns pontos da fronteira, um deles crucial para o comércio com os Estados Unidos. Governo e polícia congelaram (o que não é difícil por lá), sem saber como reagir, torcendo para a confusão ser vencida pelo cansaço. Não foi, e na segunda-feira 14 o primeiro-ministro Justin Trudeau invocou, pela primeira vez desde que foi criada, há cinquenta anos, a Lei das Emergências, que lhe dá poderes excepcionais de restrição de liberdades civis. “Não vamos permitir que atividades ilegais e perigosas sigam acontecendo. É hora de ir para casa”, disse.

O disparo para o protesto foi um decreto do governo exigindo apresentação de comprovante de vacina de todos os motoristas de caminhão que cruzassem a fronteira com os Estados Unidos. O pessoal chiou — mais por causa da burocracia do que por melindres ideológicos. Não tardou a se divulgar a ideia de um "comboio da liberdade" se dirigir para Ottawa e pressionar pelo fim da exigência. Os caminhões chegaram no dia 28 de janeiro — e, com eles, o caos. Em pouco tempo, outro bloqueio se instalou na ponte que liga a canadense Windsor à americana Detroit, por onde passam 8 000 caminhões por dia. A interdição de uma semana fechou fábricas e montadoras e esvaziou prateleiras em supermercados, até a polícia resolver agir: reforçada por mais 1 000 agentes, avançou pela barreira, prendendo quem resistia à ordem de sair e guinchando veículos. Depois disso, outros bloqueios menores na fronteira (em um deles foi

encontrado um pequeno arsenal) foram se esvaziando. Em Ottawa, no entanto, até a quinta 17 o protesto seguia forte.

Sem uma única barreira à vista, com uns poucos policiais observando (de tão criticado, o comandante de polícia Peter Sloly se demitiu), os motoristas estacionaram cerca de 400 caminhões nas ruas em volta do Parlamento e neles se acomodaram, com cama, aquecimento e outros confortos. A essa altura, o movimento já havia sido encampado pela direita obscurantista — com um número crescente de países suspendendo os últimos protocolos anticoronavírus e esfiapando uma de suas principais bandeiras, a turma tratou de aproveitar a chance que lhe apareceu de pôr a boca no trombone. Uma multidão de apoiadores se uniu aos caminhoneiros, exigindo desde o fim das restrições até a pura e simples deposição de Trudeau, em clima de festa. Galões de combustível circulavam por toda parte, embora abastecer os veículos parados esteja proibido, e

as buzinas soavam sem parar (outro ato proibido), para desespero dos 15 000 moradores da região.

Entre os líderes aparentes do movimento, que deram entrevistas coletivas em hotéis, circulam pouquíssimos caminhoneiros. Vários eram ex-policiais ou ex-militares, o que explicaria o azeitado esquema de organização, que incluiu distribuição de comida, banheiros portáteis e palavras de ordem rapidamente acatadas. O ex-presidente Donald Trump expressou apoio entusiasmado aos "grandes caminhoneiros canadenses", que também receberam incentivos do bilionário Elon Musk. O vazamento de dados de uma plataforma de arrecadação para o movimento revelou doações no total de 8 milhões de dólares, metade vinda do Canadá, metade dos Estados Unidos.

Em diversos países, mensagens nas redes sociais convocaram manifestações de apoio ao "comboio da liberdade", sem muita adesão — até porque, em muitos deles, as restrições já estão sendo suspensas. No próprio Canadá, diversas províncias, com a população vacinada e os contágios em queda, começam, elas também, a suspender a exigência de máscara e comprovante de vacinação. Para desidratar o "comboio da liberdade", Trudeau dispõe de poderes como o de quebrar sigilos e congelar transações bancárias, proibir protestos, cassar a carteira dos caminhoneiros rebeldes e impedi-los de entrar nos Estados Unidos, entre outras ações. A polícia avisou que vai prender pessoas e guinchar qualquer veículo que esteja perturbando a ordem. Enquanto o protesto resistir, porém, a direita furiosa vai espremer a pandemia até a última gota.

Lizia Bydlowski

tunidade". Para os especialistas, o cenário atual poderia promover inclusive um bloqueio temporário de transmissão do vírus no país. Margareth Portela, cientista da instituição, entende que a mudança do status do vírus de pandêmico para endêmico — permanece em circulação, mas sem causar perturbações nas atividades — não demora. "Deve ocorrer dentro de alguns meses", diz, ressaltando que se trata de um prognóstico, não de uma certeza. O americano Christopher Murray, ao contrário, foi categórico em seu artigo na *The Lancet*. Ele escreveu: "A Covid-19 se tornará outra doença recorrente com a qual as sociedades terão de lidar (...) A era de medidas extraordinárias tomadas para controlar a transmissão do SARS-CoV-2 vai acabar. Depois da onda ômicron, a Covid-19 vai retornar, mas a pandemia não".

Ancorados nessas evidências, muitos países e cidades começaram a levantar as restrições mais severas. Em Nova York, por exemplo, não é preciso mais usar máscara em locais abertos ou mesmo fechados. A Europa segue o movimento, animando moradores e visitantes, dando fôlego a uma economia que dá sinais de recuperação. Segundo informe da União Europeia, a taxa de emprego entre os países-membros atingiu os níveis pré-pandêmicos. No Reino Unido, desde 9 de janeiro caiu a exigência de máscara em lugares públicos, de limitação de público em bares e restaurantes e de apresentação de certificado de vacina. Até o fim de fevereiro, a última limitação — isolamento de quem testar positivo — deve caducar.

Na Itália, quem tomou a terceira dose ou tem esquema vacinal completo não precisa tirar nem apresentar passaporte sanitário, e o uso de máscara ao ar livre tornou-se facultativo. Baladas estão abertas e a partir de 1º de março eventos esportivos poderão contar com 75% de público. Na França, a partir de 28 deste mês o uso de máscara não será obrigatório em lugares fechados, exceto no transporte público e em locais que exigem o passaporte vacinal. A utilização ao ar livre deixará de ser obrigatória no início de março. Mesmo atravessando um pico de casos, a Dinamarca liberou tudo. "Damos adeus às restrições e dizemos alô para a vida que conhecíamos antes do coronavírus", celebrou a primeira-ministra Mette Frederiksen.

No país escandinavo, o volume de internações é administrável, a taxa de letalidade não passa de 0,22% e 85% da população está plenamente vacinada. O Brasil ainda não tem todas essas características, mas caminha para isso. A cobertura vacinal contra a Covid-19 hoje é de mais de 71% da população, um aspecto sobejamente positivo.

Depois de tanto tempo, a volta à vida como era antes ainda produz alguma ansiedade. "Acho arriscado essa de já não ter restrição e voltarmos ao modo como se vivia em 2019", diz Vitor Mori, pesquisador na Universidade de Vermont, nos Estados Unidos, e membro do Observatório Covid-19 BR, que reúne especialistas voluntários para monitorar o surto. De fato, o momento pede alguma cautela para que a transição da pandemia para a endemia se

dê de forma consistente, até para não corrermos o risco de voltar três casas nesse jogo nada divertido. Mas o caminho parece ser inexorável. Depois de dois anos, os sinais de uma melhora global estão finalmente no horizonte. A tragédia que marcou nossa geração, matando mais de 5,8 milhões de pessoas, acabará. Mas será muito importante lembrar para sempre como isso aconteceu: graças à ciência, com destaque para a vacina, e a todos aqueles que a defenderam. ■

SERGHEI TURCANU/ISTOCK/GETTY IMAGES

CONTRA A VONTADE Dilema: a maior parte das pessoas aceita fazer o que não quer para não desagradar aos outros

PALAVRINHA DIFÍCIL

Pesquisas confirmam que a maioria das pessoas, por mais que queira, não consegue dizer não, problema que pode afetar o desenvolvimento social

MATHEUS DECCACHE E **RICARDO FERRAZ**

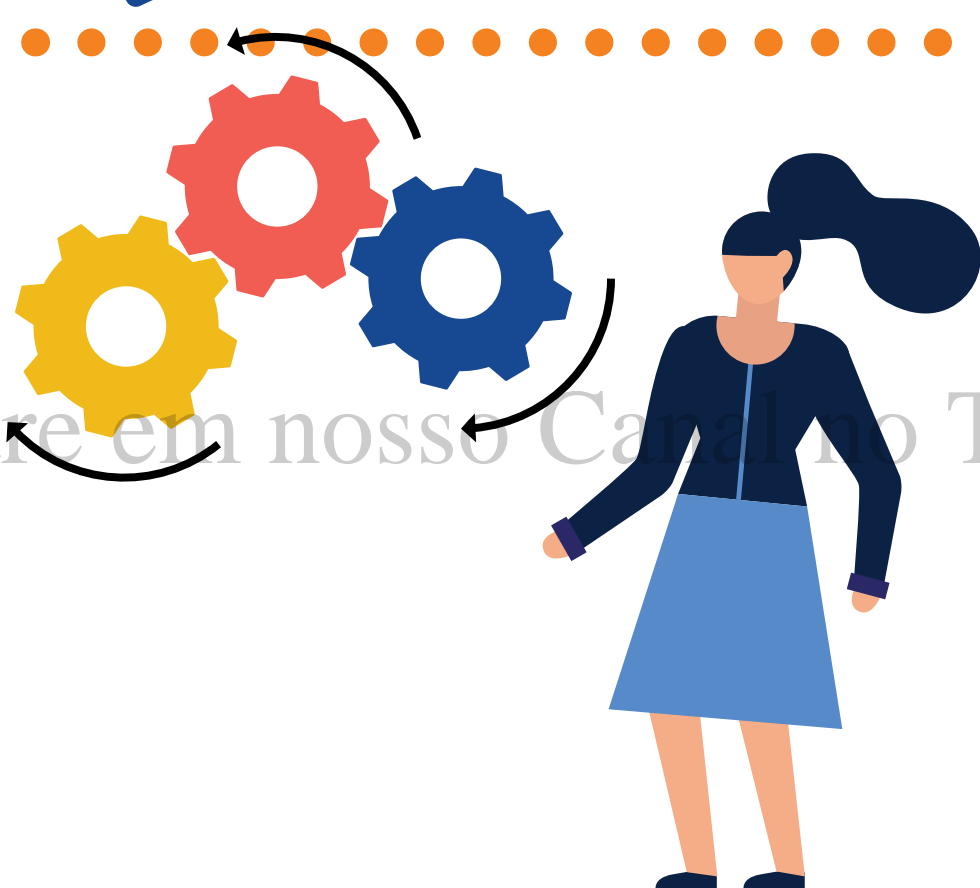
DIZER NÃO com clareza é uma das primeiras habilidades adquiridas pelos seres humanos. No início da vida, muito antes de aprender a falar, os bebês já são capazes de deixar claro que estão descontentes com a temperatura da água do banho, ou que já saciaram a fome e não querem mais mamar. Correntes da psicologia enxergam, inclusive, uma correlação direta entre o fato de a criança afastar a boca do peito da mãe com um movimento lateral do pescoço e o gesto de balançar a cabeça para os lados — linguagem não verbal de negativa compreendida da mesma forma em quase todas as culturas ao redor do mundo. Nada disso, no entanto, impede que, quando cresçam, muitas pessoas sejam incapazes de negar um

pedido, não importa de onde venha. A maioria, pelo jeito: estudo conduzido pelo departamento de psicologia comportamental da prestigiada Universidade Cornell, nos Estados Unidos, concluiu que as pessoas são mais afeitas a dizer sim do que não.

Ao longo de quinze anos, a pesquisadora Vanessa Bohns realizou experimentos sociais com cerca de 15 000 pessoas, seguindo um mesmo roteiro: sua equipe abordava estranhos na rua e pedia que fizessem alguma coisa inesperada. Cada entrevistador tinha um número certo de indivíduos a interpelar e, antes de se pôr a campo, antecipava quantos achava que iriam atender à sua solicitação. Os resultados surpreenderam. Em uma situação, jovens pediam para usar o celular de um desconhecido, dizendo

PREDOMÍNIO DO "AMÉM"

A tendência do ser humano a dizer sim se deve a fatores neurológicos e comportamentais. Alguns deles:

COOPERAÇÃO
Na vida em grupo, aceitar e colaborar são vantagens evolutivas

INSTINTO
O cérebro está programado para dar respostas rápidas, caso das afirmativas

INÉRCIA
As pessoas não são treinadas para tomar decisões discordantes

ACEITAÇÃO
É difícil superar o medo de desagradar aos outros e ser criticado por isso

que a bateria de seu havia acabado. A expectativa era a de que 90% recusassem, mas metade aceitou ajudar.

Em outro cenário, uma corrida de rua cujo objetivo era arrecadar fundos para uma instituição de caridade, a tarefa dos pesquisadores era se aproximar dos participantes e pedir doações até elas atingirem uma meta que ia de 2 000 a 5 000 dólares. A expectativa era precisar convencer 210 corredores, mas o objetivo foi alcançado com a abordagem de, em média, 122 deles. "É incrivelmente estranho, desconfortável e difícil encontrar palavras para decepcionar o outro, mesmo sendo alguém que não conhecemos e com quem não temos nenhuma relação afetiva", disse a VEJA a pesquisadora Bohns, que reuniu os experimentos no livro *Você Tem Mais Influência do que Pensa*, ainda sem tradução no Brasil.

A dificuldade de negar ajuda ou pedido tem raízes na pré-história, quando se percebeu que as chances de sobrevivência eram maiores se as pessoas se organizassem em bandos e colaborassem umas com as outras do que se vagassem sozinhas por ambientes inóspitos e cheios de perigo. A evolução do cérebro e o desenvolvimento do sistema límbico tornaram as interações cada vez mais complexas. "Agindo em conjunto, a humanidade se mostrou capaz de obter ganhos para sua sobrevivência. Por isso, se uma pessoa lhe pede um favor, a reação natural é colaborar com ela", explica Ariovaldo Silva Júnior, neurocientista da UFMG. Nos tempos modernos, esse condicionamento vi-

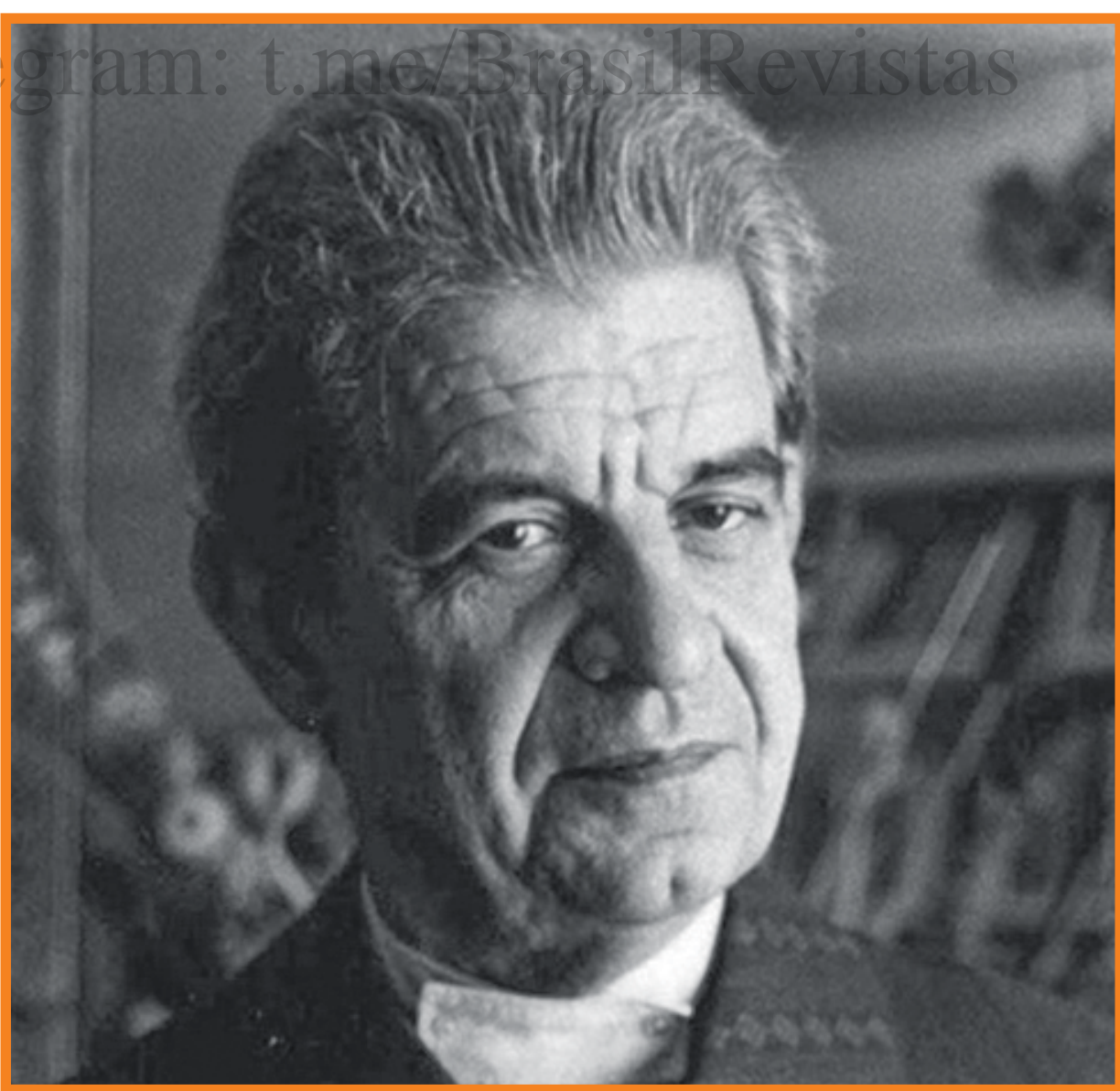
rou, em algumas pessoas, motivo de enorme angústia, sintoma de um distúrbio conhecido como ansiedade de insinuação. O problema se manifesta cada vez que o indivíduo se vê, de alguma forma, forçado a fazer algo que não quer, apenas para não se sentir rejeitado pelos pares. Albert Einstein, um dos mais brilhantes angustiados, escreveu. "Toda vez que diz sim querendo dizer não, morre um pedaço de você".

A NEGATIVA É INDISPENSÁVEL

A importância de se posicionar e impor limites, nas palavras de quem sabia o que dizer

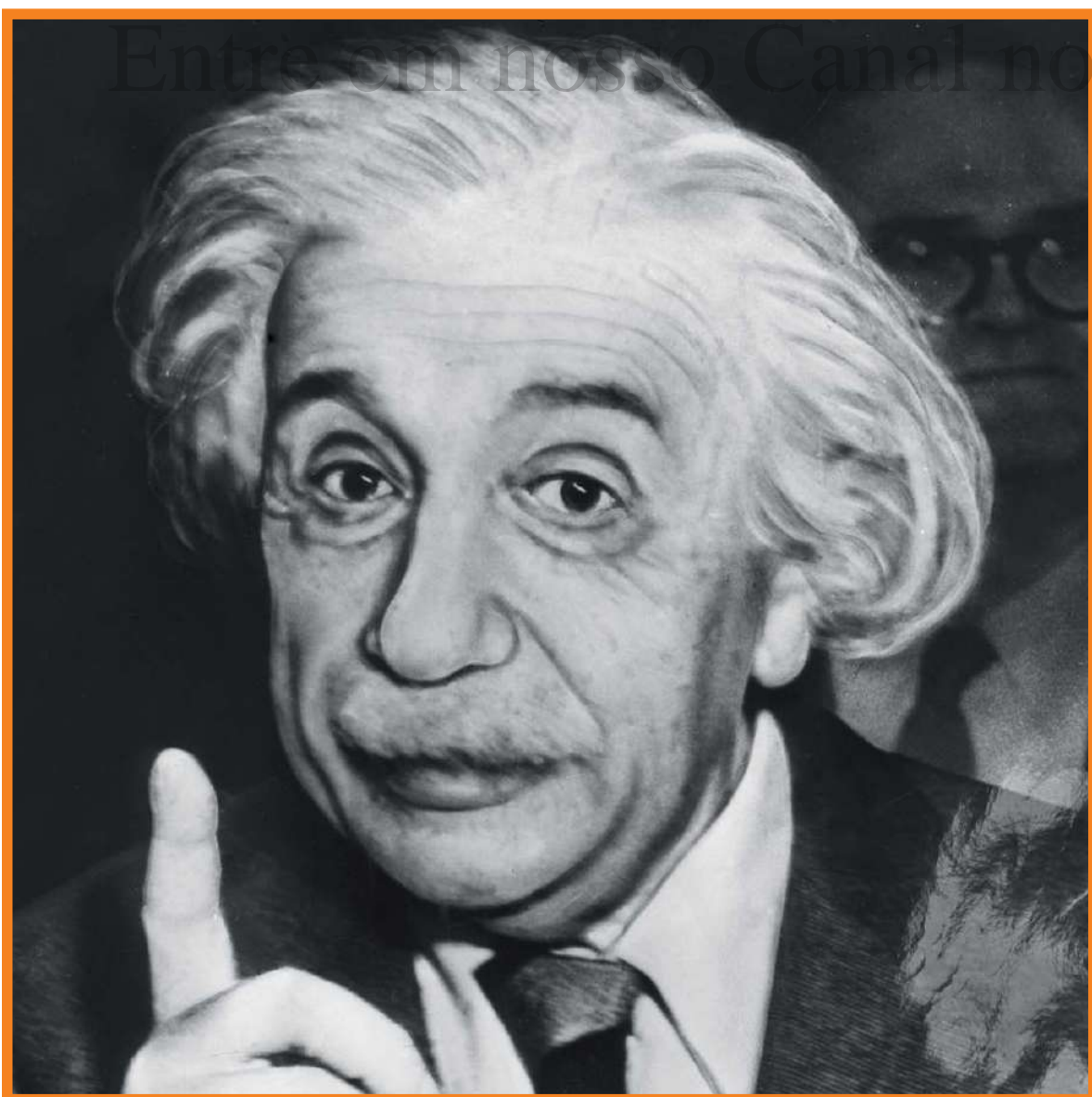
THE PRINT COLLECTOR/GETTY IMAGES

SIGMUND FREUD

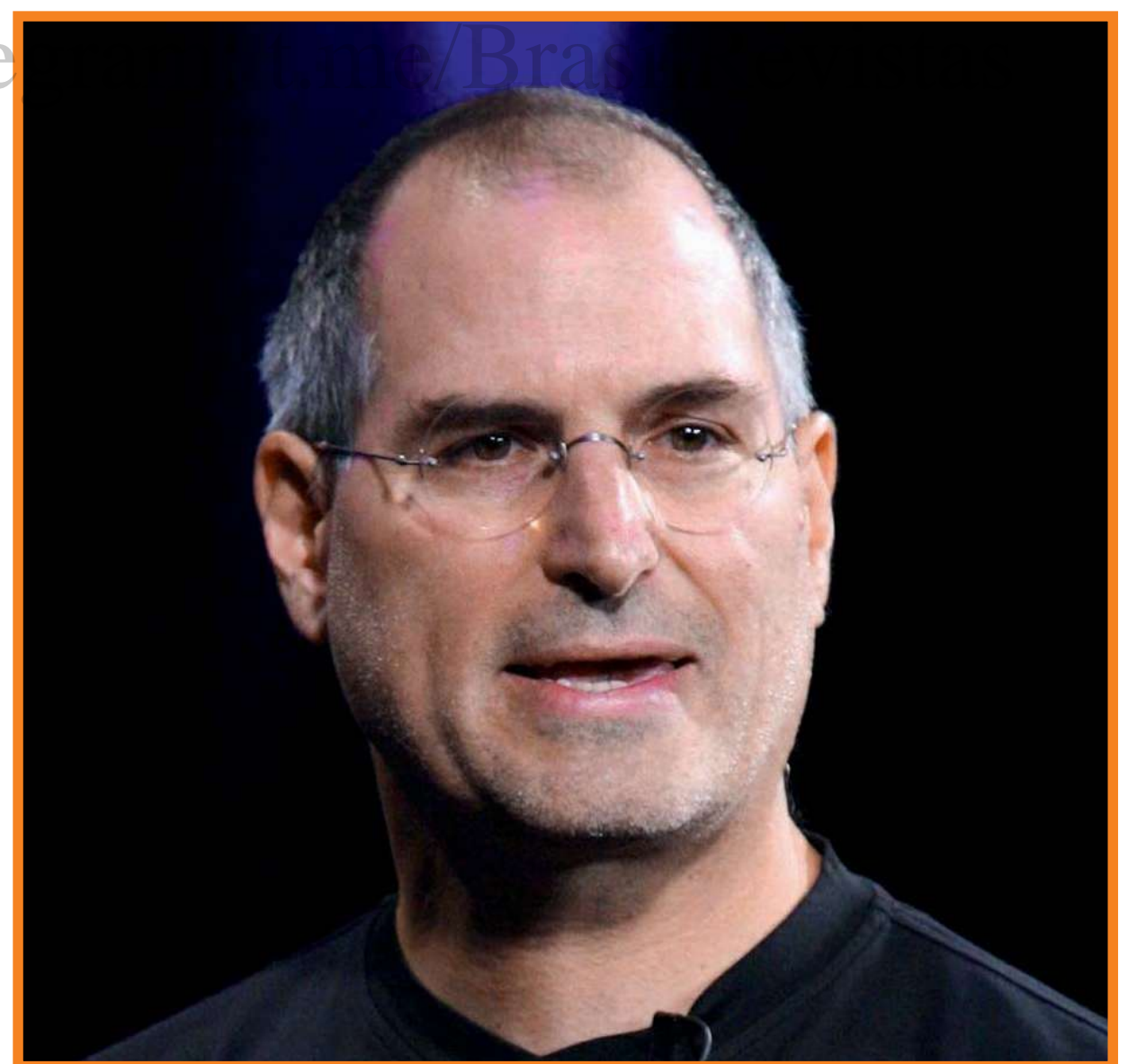
Para o pai da psicanálise, a construção da identidade depende das interações sociais: "O outro desempenha na vida do indivíduo o papel de associado ou de adversário".

REPRODUÇÃO

JACQUES LACAN

Segundo o psicanalista francês, a falha em dizer não decorre do medo de não ser compreendido: "Você pode saber o que disse, mas nunca o que o outro escutou".

Pesquisas mais recentes que mapearam o funcionamento da mente encontraram outras explicações para a dificuldade em dizer não. As decisões mais banais e cotidianas ativam um sistema neurológico automático e intuitivo, principalmente quando não oferecem nenhum tipo de risco — daí ser comum a pessoa só parar para pensar depois de responder positivamente a uma solicitação. Em 1978, Ellen Langer, professora de psicologia de Harvard, conduziu um estudo em que um pesquisador pedia para furar a fila em uma máquina de fotocópias e constatou que a maioria cedia, mesmo quando a justificativa para passar à frente não fazia sentido. “A tomada de decisão ra-

ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

ALBERT EINSTEIN

O físico tinha personalidade controversa e relação complicada com familiares e colegas: “Toda vez que diz sim querendo dizer não, morre um pedaço de você”.

TATSUYUKI TAYAMA/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

STEVE JOBS

O fundador da Apple se esmerava em mostrar à equipe o que não fazer: “Quando você pensa em se concentrar, se concentra em dizer sim. Errado. O foco é sobre dizer não”.

ALÉM DA CONTA Valeska: sempre prestativa, "mesmo deixando minhas questões em segundo plano"

cional e refletida depende do acesso a uma região específica do cérebro que precisa ser treinada", ensina a neuropsicóloga Adriana Fóz. Sem ter passado por esse treinamento, todo ano a contadora Isabel Cristina faz o imposto de renda para amigos do trabalho, de graça, e não consegue se livrar dos pedidos. "Eu me sinto muito mal em negar ou cobrar pelo serviço porque acho que as pessoas vão ficar chateadas comigo. É uma bola de neve, porque o volume só aumenta", desabafa.

Em que pesem as dificuldades, impor limites para si e para os outros é fundamental para a formação da identidade dos indivíduos e de seu posicionamento em sociedade. Em seus estudos, o pai da psicanálise Sigmund Freud postulava que a personalidade é moldada, entre outros

RICARDO BORGES

fatores, por desejos e necessidades das pessoas mais próximas. “Receber aprovação é uma habilidade necessária para a vida social, mas quando isso se torna exagerado há o risco de alienação da realidade”, alerta Paula Peron, professora de psicologia da PUC-SP. “Mesmo que não tenha capacidade de resolver o problema dos outros, dou um jeito de ser prestativa e acabo deixando as minhas questões em segundo plano”, admite a estudante de enfermagem Valeska Castro, 22 anos. Duas recomendações valiosas para quem não consegue dizer não: 1) pare e pense antes de responder e 2) se já sabe que o pedido virá, planeje a negativa com antecedência. “Tenha um roteiro com as palavras corretas para não desagradar ao

outro”, ensina Bohns. Negar o que não agrada, no fim das contas, fará bem a todos. Sim? ■

UM PASSO PARA A HUMANIDADE

Cientistas suíços criam sistema que permite jovem com grave lesão de medula voltar a andar. O êxito da experiência ilustra os avanços feitos na área nos últimos anos **CILENE PEREIRA**

DE PÉ Roccati *(à esq.):* depois de cinco anos, o italiano se exercita ao lado de outro paciente

JIMMY RAVIER/NEURORESTORE

NÃO DEMOROU muito para que o italiano Michel Roccati percebesse algumas sensações nas panturrilhas e coxas. Foi logo depois de acordar da cirurgia de quatro horas para a implantação dos eletrodos na medula espinhal que, ele sonhava, lhe devolveriam os movimentos dos membros inferiores perdidos havia cinco anos em decorrência de um acidente de moto. No começo, eram como se fossem pontadas. Depois, formigamentos, contrações musculares, até que ele ficou de pé e deu seus primeiros passos. Estava ainda no quarto do hospital quando o sonho se realizou. Ao lado dele se encontravam os cientistas do Instituto de Tecnologia de Lausanne e cirurgiões do hospital universitário da cidade suíça que o acompanharam na incrível jornada que ficará marcada como a primeira da história da me-

dicina a devolver a capacidade de andar a alguém com rompimento praticamente total da comunicação entre o cérebro e as pernas. O feito está descrito na edição da semana passada da *Nature*, uma das mais prestigiadas publicações científicas do mundo, e encheu de entusiasmo pacientes e pesquisadores.

Com toda a razão. É impossível imaginar a felicidade de Michel em ganhar de volta uma habilidade física tão importante e é igualmente difícil chegar perto de entender a expectativa gerada em outros milhões de pessoas incapacitadas de andar. Nunca a ciência chegou tão perto de algo tão fabuloso. A curta caminhada de Michel representa, portanto, um salto imenso em uma área médica que até décadas atrás pouco avançava. E ela só foi possível graças a uma associação de fatores que inclui a compreensão de como funciona o sistema

EVOLUÇÃO Testes: em Lausanne, pessoas com outras lesões caminham

que permite a realização dos movimentos — da intenção à execução —, a sofisticação da medicina bioeletrônica e o desenvolvimento da inteligência artificial.

O caso do jovem italiano resume tudo isso. Depois do acidente, Michel perdeu a sensibilidade nas pernas porque um trecho do cordão de fibras nervosas que liga o cérebro a outras partes do corpo foi gravemente atingido. É por essa estrutura que o cérebro recebe e transmite informações por meio de sinais elétricos. Com a comunicação rompida, as ordens cerebrais não chegam aonde deveriam. Há tempos se tenta consertar a ponte por meio do implante de eletrodos. Os dispositivos emitiriam disparos elétricos nas regiões afetadas, restabelecendo a conversa entre o cérebro e o restante do organismo. Explicando assim, parece simples, mas a prática mostrou que eles precisam disparar sinais na intensidade e o ritmo corretos. Antes de tudo, é necessário criar recursos capazes de ler, traduzir e especificar as intenções dos movimen-

EPFL JAMANI CAILLET

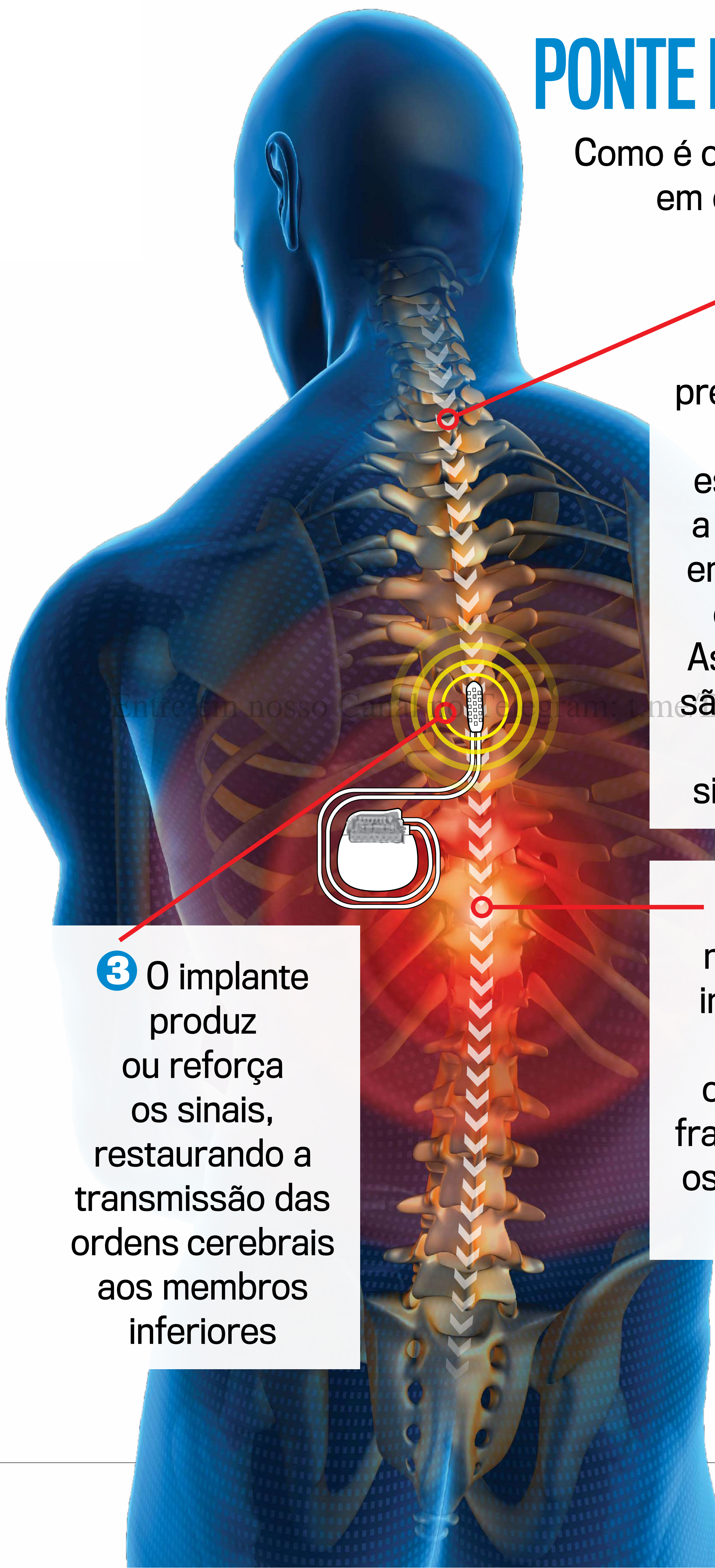
ISTOCK/GETTY IMAGES

PONTE ELÉTRICA

Como é o tratamento em estudo

1 Fibras nervosas presentes dentro da medula espinhal fazem a comunicação entre o cérebro e as pernas. As informações são transmitidas por meio de sinais elétricos

2 Lesões na estrutura interrompem ou tornam os estímulos fracos demais e os movimentos cessam

3 O implante produz ou reforça os sinais, restaurando a transmissão das ordens cerebrais aos membros inferiores

tos. Não se percebe, mas o ato de andar implica o acionamento de vários grupos musculares e articulações e tudo deve ser sincronizado. O esquema criado pelos suíços envolve o uso de inteligência artificial para fazer as leituras e interpretações dos desejos manifestados por Michel e os eletrodos são acionados somente quando necessário. “Ativamos a medula espinhal do mesmo jeito que o cérebro faz”, explica o neurocientista Grégoire Courtine, idealizador do projeto.

Outros dois grupos desenvolvem sistemas semelhantes. Um está na Clínica Mayo e o outro na Universidade de Louisville, ambas nos Estados Unidos. Há três anos, os times publicaram resultados bastante promissores. Na Mayo, um paraplégico andou em esteira ergonômica 43 semanas após treinamento muscular e estimulação elétrica. Em Louisville, duas de quatro pessoas que recebiam estimulação elétrica contínua ficaram aptas a caminhar com ajuda de andadores depois de quinze a 85 semanas. Na Suíça, a resposta de Michel foi imediata. Uma das primeiras coisas que fez ao deixar o hospital foi ir a um bar tomar uma bebida de pé, no balcão. Ele retomou a autonomia para andar — usa um andador como auxílio — e segue firme no programa de fortalecimento muscular. Enquanto isso, o time suíço prepara outros pacientes para os experimentos e toma o cuidado de ressaltar que não se chegou à cura das lesões medulares e que, neste momento, o aparato usufruído por Michel não é acessível. Mas avisam que o passo do rapaz foi apenas o primeiro. Assim, eles cuidam de entregar a dose correta de realidade e esperança a quem espera a chance de ficar de pé novamente. ■

MAR DE LAMA

Traficantes usam submarinos para levar drogas da América Latina para a Europa e os Estados Unidos. Sistema de transporte avançado dificulta o trabalho das autoridades

SABRINA BRITO

FOTOS COLOMBIAN ARMY/AFP

DEBAIXO DE ÁGUA
Forças colombianas interceptam submergível clandestino: a tripulação de quatro homens, três colombianos e um equatoriano, transportava 4 toneladas de cocaína avaliadas em 750 milhões de reais

O COLOMBIANO Pablo Escobar consagrou nos anos 1980 o estereótipo do narcotraficante excêntrico e sanguinário. Escobar não tinha medo de se expor e, graças ao seu instinto irrefreável para chamar a atenção — seja com zoológicos particulares, seja com coleções de carros clássicos e aviões —, se tornou um dos criminosos mais midiáticos de todos os tempos. A nova geração de contrabandistas de drogas da Colômbia é muito diferente. Sorrateiros e discretos, os traficantes atuais agem nas sombras e utilizam recursos tecnoló-

gicos avançados para levar cocaína e afins de um país a outro. Nesse contexto, eles atingiram níveis de sofisticação inimagináveis para brucutus como Escobar. Em vez de comboios de caminhões, aviões de pequeno porte, porões de navios e mulas humanas, passaram a usar submarinos para abastecer o mercado de drogas mundo afora.

Há alguns dias, as Forças Armadas da Colômbia apreenderam um submarino que estava a caminho da América Central. No interior do submergível, que tinha acabado de entrar em águas colombianas, havia 4 toneladas de cocaína, com valor estimado em cerca de 750 milhões de reais — foi a maior apreensão de drogas no país em dois anos. Segundo os militares, a carga pertencia ao Bloco Ocidental Alfonso Cano, grupo guerrilheiro dissidente das Farc. Os tripulantes, três colombianos e um equatoriano, foram presos. O surpreendente é que estratégias como essa são cada vez mais comuns entre os traficantes.

Nos últimos dois anos, as forças policiais colombianas capturaram dois narcossubmarinos e outros dez foram avistados, sem que tenha sido possível interceptá-los. Trata-se de uma operação complexa e arriscada. As naves dos traficantes só são encontradas por radares de alta complexidade e, mesmo se forem identificadas, em geral elas escapam na imensidão dos oceanos. Há progressos em vista. Em janeiro, Óscar Moreno Ricardo, responsável pelo lançamento de semissubmergíveis pela costa do Oceano Pacífico, foi preso na Colômbia. Ricardo passou duas

décadas desenvolvendo e aperfeiçoando os veículos, que empregou no transporte de cocaína colombiana para os Estados Unidos. Nesse período, ele treinou marinheiros — eles são obviamente indispensáveis no transporte subaquático.

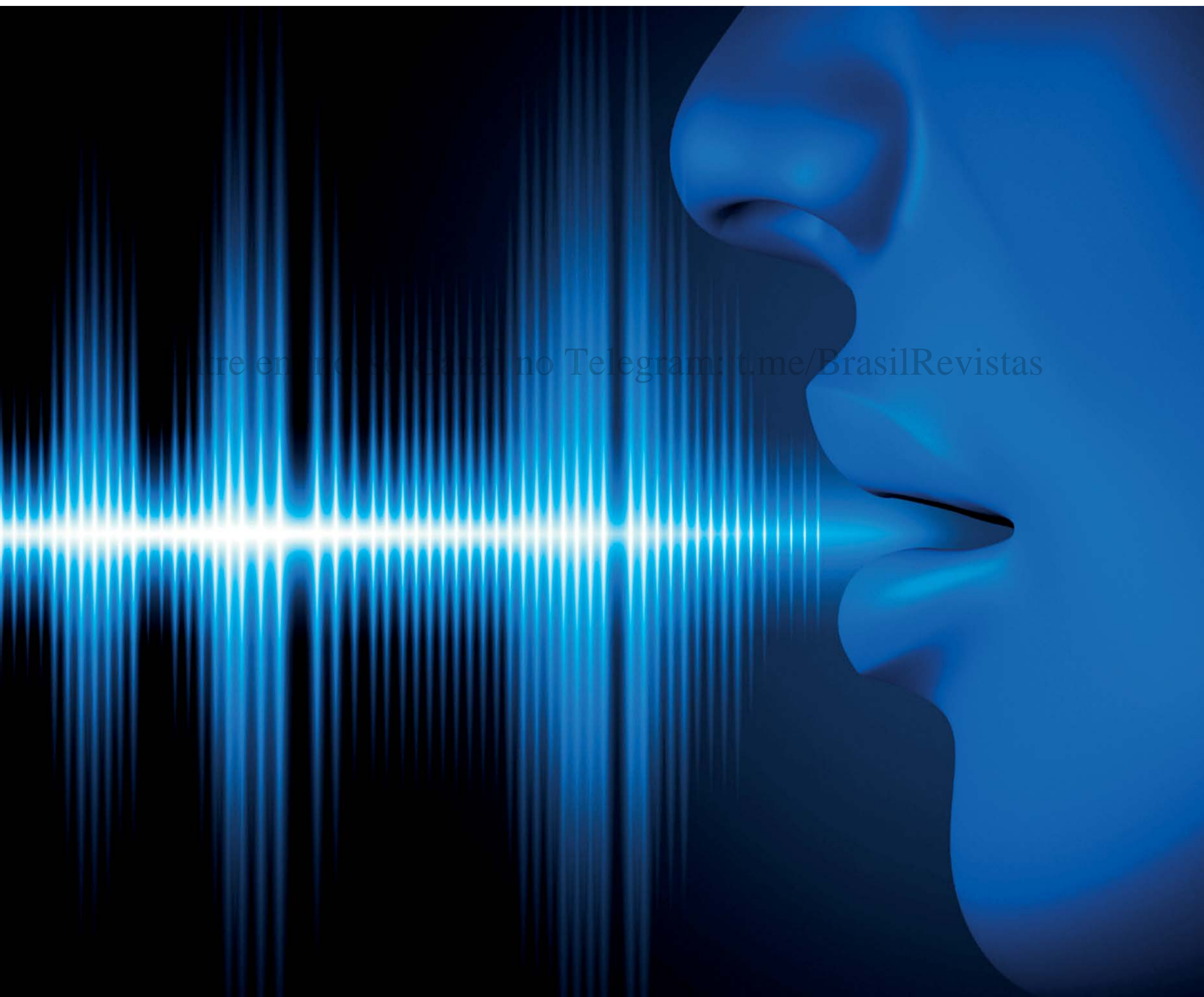
A sofisticação do tráfico acompanha outra tendência. Em uma década, o uso de entorpecentes no mundo aumentou 22%. A pandemia piorou o quadro. De janeiro a junho de 2020, em pleno regime de quarentena, a quantidade de drogas apreendidas nas fronteiras brasileiras subiu 12,5 vezes, segundo estudo do Centro de Excelência para a Redução da Oferta de Drogas Ilícitas (CdE), uma parceria do governo brasileiro com a ONU. Acredita-se que o isolamento e o distanciamento social tenham agravado vícios e aprofundado o sentimento de solidão e impotência, que muitas pessoas combatem com o uso de substâncias ilegais. Nos Estados Unidos, o número de casos de overdose cresceu 42% no primeiro ano de pandemia.

REGISTRO NACIONAL DA COLÔMBIA/POLÍCIA NACIONAL COLOMBIANA

PRECURSOR Pablo Escobar: o colombiano usava porões de navios para transportar entorpecentes

Os colombianos continuam a fazer fortuna com o tráfico, assim como Pablo Escobar no passado. Dados recentes apontam que 1 quilo de cocaína pode ser adquirido por cerca de 1 000 dólares no país produtor, em geral na América Latina, e revendido por 70 000 dólares em nações da Europa, o maior consumidor de drogas ilegais no planeta. "Um mercado tão rentável leva à especialização, inovação e modernização de métodos e rotinas, com grupos dedicados ao plantio e manipulação, transporte, revenda no atacado e muito mais", diz Vinicius Teles, titular da Delegacia Estadual de Repressão a Narcóticos de Goiás. Em um cenário tão desafiador, é fundamental que as autoridades empenhadas em coibir o trânsito de drogas, seja por que meio for, consigam se antecipar aos criminosos para quebrar o círculo vicioso, o jogo de gato e rato que chegou agora o fundo do mar. Investir em forças policiais bem treinadas, em inteligência e equipamentos mais modernos ajudaria bastante. ■

VOZ ATIVA

Com a ajuda da inteligência artificial, a fala humana já pode ser replicada por robôs — e de maneira idêntica à original. Apesar dos benefícios, o risco de fraudes preocupa **ANDRÉ SOLLITTO**

DA BOCA PARA FORA

Realismo tecnológico: mercado bilionário

SHUTTERSTOCK

DESDE O FIM do século XVIII, o ser humano tenta usar a tecnologia para replicar a voz. O exemplo mais antigo de que se tem notícia é o dispositivo criado por Wolfgang von Kempelen, oficial da corte austríaca e inventor amador. A máquina falante de Kempelen, como ficou conhecida, usava um fole, tubos, pedaços de madeira e uma caixa de ressonância para replicar a emissão vocal a partir da circulação de ar — é mais ou menos o mesmo processo do corpo humano. O sistema, embora primitivo, era capaz de emitir alguns fonemas e até palavras simples, como "mama" e "papa". Duzentos e cinquenta anos depois da invenção de Kempelen, a tecnologia de reprodução da voz humana avançou tanto que, agora, é quase impossível para um leigo diferenciar um discurso real, feito por uma pessoa de carne, osso e cordas vocais, de outro criado em computador.

O notável desenvolvimento de vozes sintéticas deu origem, por sinal, a um mercado bilionário — e perigoso. De acordo com dados do instituto de pesquisa MarketsandMarkets, o setor movimentou 8,3 bilhões de dólares em 2021 e deverá alcançar 22 bilhões de dólares até 2026. É uma área que inclui assistentes virtuais como Siri e Alexa, sistemas de atendimento virtual de bancos e até celebridades que emprestam a voz para aplicativos. O perigo reside na possibilidade de replicar vozes reais para, por exemplo, fins políticos, fraudes ou ataques a reputações.

O documentário *Roadrunner,* sobre o chef Anthony Bourdain, suscitou debates sobre o tema. Nele, o diretor Morgan

Neville usou inteligência artificial para transformar frases que Bourdain escreveu, mas nunca falou, em narrações em off. Sem especificar o que era original e o que era *fake,* Neville foi acusado de enganar o público. Embora tenha dito que a família deu a autorização necessária, a polêmica persiste.

No vale-tudo da arena política, as vozes sintéticas podem causar enormes estragos. O cineasta Jordan Peele, do aclamado *Corra!*, criou um vídeo do ex-presidente americano Barack Obama usando a tecnologia *deepfake*, que mescla imagens reais com falas falsas, para alertar sobre os riscos. "Estamos entrando em uma era em que nossos inimigos podem fazer com que qualquer um pareça dizer qualquer coisa", disse a voz *fake* de Obama.

Nesse contexto, plataformas como WhatsApp e Telegram, nas quais mensagens de áudio são amplamente usa-

VAL KILMER
Recuperado: sua voz, prejudicada pelo câncer, foi recriada

EUROPANEWSWIRE/GADO/GETTY IMAGES

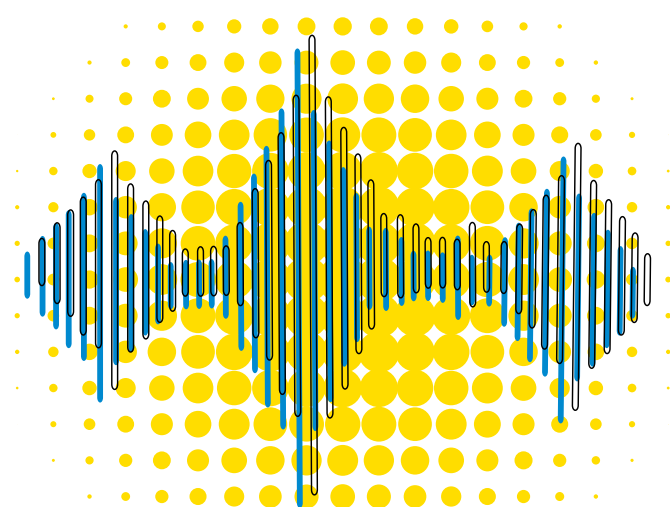
das, representam um perigo adicional. No Brasil, nunca é demais lembrar, há uma eleição presidencial no horizonte e provavelmente o artifício das vozes *fake* será usado por políticos mal-intencionados. “Toda eleição é impactada por ações de guerrilha”, diz Marcelo Vitorino, professor de marketing político da ESPM. “É preciso ter em mente que quem usa esse tipo de ação pretende uma coisa: asfixiar o debate político real, que é o que interessa ao eleitor.” Ele lembra que, ao contrário dos vídeos, em que (ainda) é possível identificar as alterações, no caso das vozes a tarefa requer a análise minuciosa de peritos.

Alheio à polêmica, o mercado está em alta. Empresas como a Speech Morphing, com sede em San Jose, na Califórnia, oferecem serviços de criação de clones vocais.

O cliente grava centenas de frases, algumas delas sem sentido em uma conversa normal, mas que ajudam a treinar a máquina. A partir dessas gravações, a inteligência artificial reconhece padrões e particularidades de cada discurso, criando uma versão sintética capaz de dizer qualquer coisa, com entonações diferentes. O nível de sofisticação, de fato, impressiona. É possível escolher sonoridades mais ou menos humanas, a depender dos objetivos. Um eletrodoméstico inteligente pode ter uma voz mais robótica, enquanto um assistente voltado para idosos ou crianças emite sons que confortam. Até a respiração pode ser replicada, se for necessária para oferecer mais realismo.

CLONE VOCAL

Como funciona o
processo de criação

A pessoa que terá sua
voz clonada digitalmente
grava centenas de
frases diferentes

Áudios antigos,
discursos e outros
registros também podem
ajudar a treinar a máquina

Algumas sentenças
podem não fazer sentido,
mas apresentam a
variedade de possibilidades
da oralidade humana

Por meio de inteligência
artificial, padrões de fala
e até emoções são
analisados e replicados

O software pode, então,
usar essa biblioteca para
gerar novas frases, com
diversas entonações

A tecnologia tem sido explorada também na área da saúde. O ator Val Kilmer, conhecido por interpretar Batman no cinema, foi diagnosticado com câncer na garganta em 2015. Após anos de tratamento, se curou da doença, mas ficou com sequelas. Além de usar uma sonda para se alimentar, sua voz desapareceu. Foi graças aos avanços na criação de vozes sintéticas que ele recuperou parte da capacidade de se expressar. A partir de gravações antigas, incluindo falas de filmes, os algoritmos produziram quarenta modelos diferentes da voz de Kilmer, até que ele escolheu aquela que mais se aproximava do real. A semelhança é extraordinária. As novas tecnologias, vale ressaltar, são capazes de realizar feitos únicos — e positivos. O que não é certo é usá-las para propagar mentiras. Cada vez mais será preciso manter os ouvidos bem atentos. ■

CHOQUE DE REALIDADE

Preocupações ambientais, aumento da demanda e forte potencial econômico levam a indústria financeira a investir no compartilhamento de veículos elétricos **SABRINA BRITO**

RENATO SUZUKI/DIVULGAÇÃO

SUSTENTÁVEL
As scooters elétricas do Santander: menos gás carbônico na atmosfera

NOS ÚLTIMOS anos, a mobilidade urbana brasileira passou por uma revolução. A chegada de aplicativos de transporte e de serviços de compartilhamento de bicicletas e patinetes elétricas mudou a paisagem das cidades, facilitou o jeito de se locomover e abriu novas frentes de negócios. Depois, a pandemia fez com que muita gente buscasse modos alternativos de se movimentar, sem depender de transportes públicos lotados. Nesse cenário de mudanças, grandes bancos estão assumindo o papel de oferecer soluções alinhadas às demandas da sociedade. Dessa vez, a transformação será movida a eletricidade.

No fim de janeiro, o Santander lançou um serviço de aluguel de scooters elétricas que poderão ser emprestadas por hora mediante o pagamento de uma taxa de 5,90 reais pelos

DIVULGAÇÃO

FUTURO Jaguar I-Pace: até 2050, 30% da frota em circulação será elétrica

A MOBILIDADE ACELERA

As novas opções que estão chegando ao mercado

SCOOTERS DO SANTANDER		CARROS ELÉTRICOS DO ITAÚ
Fabricadas pela montadora **Riba,** não ultrapassam 50 km/h	**Modelos**	De veículos premium (**Jaguar I-Pace** e BMW i3) a mais acessíveis (JAC iEV40)
5,90 reais pelos primeiros dez minutos e 0,75 real por minuto adicional	**Preço**	Ainda não definido
O serviço já está em operação com cinquenta veículos em São Paulo	**Quando irá às ruas**	O projeto está em fase de teste com 800 colaboradores do banco. Depois será oferecido ao público em geral

primeiros dez minutos e mais 75 centavos de real por minuto adicional. Por enquanto, a frota conta com cinquenta scooters espalhadas por São Paulo, mas o projeto será ampliado em breve. Para alugar o veículo, que tem velocidade máxima de 50 quilômetros por hora e é rastreado em tempo real, o cliente precisa ser maior de idade, possuir CNH com habilitação para motocicletas e usar capacete.

Além do custo baixo, outro elemento que pode impulsionar o uso das scooters é a preocupação ambiental. "O projeto faz parte de nosso compromisso de zerar as emissões líquidas de carbono até 2050", afirma Carolina Learth, responsável pela área de sustentabilidade do Santander Brasil. Antes de lançar a iniciativa para a população, o Santander fez em agos-

to do ano passado um projeto-piloto em parceria com a rede de pizzarias Domino's. Ao longo do teste, entregadores da franquia em São Paulo trocaram as motos barulhentas por 36 scooters elétricas, mais sustentáveis — uma moto comum polui até dezessete vezes mais do que um carro —, e silenciosas. De acordo com o Santander, em um ano as scooters deixarão de lançar 20 toneladas de gás carbônico na atmosfera.

Não é de hoje que a indústria financeira está de olho em projetos de mobilidade. No Itaú, maior banco privado da América Latina, a iniciativa mais conhecida é o aluguel de bicicletas. Lançada há onze anos em parceria com a startup Tembici, ela proporcionou 25 milhões de viagens desde então. Só em São Paulo, a instituição mantém 2 500 bikes. O próximo passo será mais ambicioso: um programa de compartilhamento de carros

CRIS FAGA/FOX PRESS PHOTO/FOLHAPRESS

PEDALADAS Itaú: 2500 bicicletas para alugar apenas na cidade de São Paulo

elétricos em que o motorista retira o veículo em uma estação, destrava as portas do automóvel com ajuda de um aplicativo e devolve o veículo em outro local. Chamado de Vec Itaú, o programa está sendo testado por 800 funcionários do banco e logo depois será colocado no mercado. As tarifas não foram definidas, mas a escolha de modelos de luxo, como BMW i3 e Jaguar I-Pace, sugere preço elevado para ter acesso ao serviço.

As grandes instituições bancárias não investem em mobilidade apenas porque desejam o bem do planeta. Isso pode até estar por trás do movimento — certamente está —, mas o impulso que estimula os bancos é obviamente financeiro. “Mobilidade é um setor estratégico porque gera muito valor para a economia e para a sociedade”, afirma Paulo

André Domingos, superintendente de produtos digitais da área de veículos e mobilidade do Itaú. “As cidades inteligentes do futuro exigirão a disponibilidade de diversos modais de transporte, e nós queremos contribuir com isso.”

Em outras palavras: os bancos não querem perder o bonde da história. Nesse caso específico, os “bondes” são elétricos. O setor está aquecido. De acordo com a Agência Internacional de Energia (IEA), as vendas globais de carros elétricos mais do que dobraram em 2020, chegando a 6,6 milhões de unidades. Estima-se que, até 2050, a frota de veículos elétricos leves corresponderá a 30% dos carros em circulação. Hoje, o índice é de 1%. O mundo vai mudar e os bancos querem ser protagonistas da transformação. ■

JOGO TRUNCADO

Plataformas de streaming lideram as transmissões de futebol no Brasil, mas o travamento do sinal e a variedade de formatos e preços incomodam torcedores

ALESSANDRO GIANNINI

NOVOS TEMPOS O que vai para as telas: pouco espaço para monopólio

PAULO PAIVA/AGIF/AP/IMAGEPLUS

COM OS CAMPEONATOS regionais de 2022 em andamento, os torcedores já têm uma ideia clara do que significou descentralizar a transmissão dos jogos de futebol, uma tendência que se repete em diversos países. As opções se multiplicaram, principalmente no Paulistão e no Carioca, com jogos na TV aberta, mas também nos canais por assinatura, no pay-per-view, nas plataformas de streaming criadas pelas federações, nos canais dos próprios clubes e pela internet afora — até os *influencers* Gaules e Casimiro, que ganharam espaço "comentando" games, fazem parte da nova onda. Tudo muito democrático e acessível, certo? Errado. Além de ter ficado mais difícil saber onde a partida do seu time vai passar, a variedade de formatos e preços afasta os espectadores. Mais ainda: muitas plataformas estão despreparadas — e nem foram testadas corretamente — para receber centenas de milhares de usuários ao mesmo tempo. Resultado: muitas reclamações de instabilidade e travamento.

Tome-se o exemplo do Paulistão. Apesar de ter perdido a relevância de tempos atrás, o torneio ainda é um dos mais renhidos do país. Entre os dezesseis participantes, estão cinco clubes da Série A do Brasileiro: Bragantino, Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo. Quem quiser assistir aos jogos do campeonato regional deste ano terá pelo menos sete alternativas, que vão da TV Record ao YouTube, passando pela plataforma da Federação Paulista de Futebol, o Paulistão Play, e pelo canal de entretenimento HBO Max, sem contar as exibições patrocinadas pelos times. Do amplo leque de possibili-

MAPA DA MINA

Os principais campeonatos de futebol do calendário e onde o torcedor pode ver os jogos

CAMPEONATO CARIOCA

(25/1 a 3/4)

RECORD TV

Cariocão Play (Ferj)

Casimiro (Twitch)

Ronaldo TV (Twitch)

Gaules (Twitch)

CAMPEONATO PAULISTA

(26/1 a 3/4)

RECORD TV

PLAYPLUS

R7

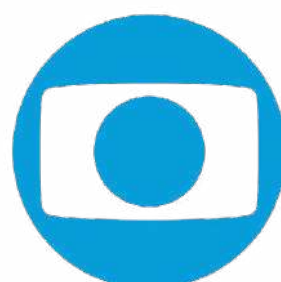
YouTube

HBO max

PREMIERE

PAULISTÃO PLAY (FPF)

CAMPEONATO MINEIRO

(25/1 a 3/4)

sportv

Futebol Mineiro TV

N Sports

O TEMPO SPORTS

(jogos do Cruzeiro como mandante)

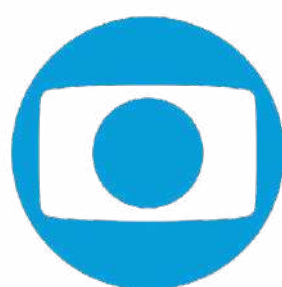
CAMPEONATO GAÚCHO

(26/1 a 3/4)

rbs tv · sportv · ge · PREMIERE

COPA DO BRASIL

(23/2 a 19/10)

Globo · sportv · prime video

SUL-AMERICANA

(6/4 a 1º/10)

CONMEBOL TV

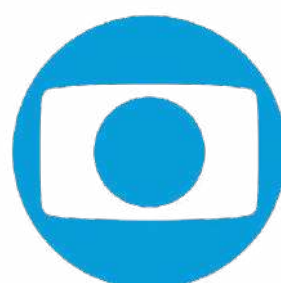
LIBERTADORES DA AMÉRICA

(23/2 a 29/10)

sbt · ESPN · FOX SPORTS · CONMEBOL TV · facebook · STAR+

COPA DO MUNDO

(21/11 a 18/12)

Globo · sportv

dades, porém, brotam tropeções: tecnológicos, com transmissões instáveis e cheias de interrupções, e práticos, dada a dificuldade de saber quem passa o que e quando.

Os obstáculos se espalham por outros estaduais. A segunda rodada do Cariocão 2022 escancarou a fragilidade de um modelo que tem atores ainda sem experiência. As transmissões dos jogos entre Volta Redonda e Flamengo e Vasco e Boavista foram pontuadas por quedas de sinal no Cariocão Play, plataforma da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj). Depois, a entidade se desculpou publicamente e cobrou melhorias da Sportsview, responsável pela exibição. A empresa, por sua vez, pediu explicações para a Broadmedia, que atuou na parte técnica. A justificativa: problemas nos cabos de fibra óptica da Embratel. Os torcedores que pagaram de 129,90 reais (pacote completo) a 29,90 reais (jogo avulso) ficaram revoltados e inundaram as redes sociais pedindo a volta do modelo antigo.

Em Minas, também houve confusão, no incômodo vai não vai, com interrupções na transmissão e na recepção do sinal, na vitória do Cruzeiro por 3 a 0 contra a URT, em um sistema apoiado pelo jornal *O Tempo*. “A aposta nesses novos modelos de distribuição, cortando o intermediário, deve ser encarada como de médio e longo prazo, não algo que vai gerar lucro de cara”, escreveu no Twitter o especialista em gestão de inovação Felipe Ribbe, ex-executivo da área no Atlético Mineiro e que trabalhou com transmissões de partidas esportivas no SporTV durante quatro anos. “Se o foco for lucrar agora, po-

REPRODUÇÃO

INFLUENCER Casimiro, o Cazé: jogos do Cariocão 2022 na plataforma Twitch

de ter certeza de que o produto será ruim." Resumo da ópera: não é fácil, longe disso, entregar material de qualidade.

Houve um pouco de pressa. A transmissão de esportes no streaming ainda tem muito a evoluir no Brasil. É decisivo notar, no entanto, que o modelo soa definitivo, e parece não haver possibilidade de recuo: em 2012 a receita publicitária e de assinaturas do setor representava 4% do mercado de mídia global. Atualmente, responde por 32%. Antes do sucesso, porém, será fundamental melhorar a internet brasileira, e a chegada do 5G pode ser útil. "Também é preciso que essas plataformas criem novas receitas de publicidade e trabalhem de forma complementar com a TV", diz o consultor esportivo Amir Somoggi.

As dores do parto são comuns em qualquer atividade, mas não atenuam a chiadeira. “No início, é normal o estranhamento”, diz Diego Vieira, chefe de Esportes da WarnerMedia Brasil, que administra a HBO Max, detentora dos direitos de transmissão do Paulistão e da Champions League. “Num cenário efervescente, no qual existem cada vez mais players qualificados, faz sentido que o detentor do torneio busque os meios de torná-lo cada vez mais desejado e amplie o leque de possibilidades.” A concorrência é boa. Por ora, contudo, as transmissões têm sido uma bola fora. ■

AO AR LIVRE É MELHOR

Fazer exercícios físicos é bom e indicado a todos. Mas praticá-los em ambientes externos promove mais benefícios do que se pensava, inclusive para a perda de peso **SABRINA BRITO**

RELAX Correr em parques ou ruas tranquilas: atalho para a redução da ansiedade e menos atenção para a dor e o cansaço

E+/GETTY IMAGES

DURANTE boa parte da pandemia, a prática de exercícios físicos se restringiu basicamente à sala, à varanda ou ao quintal. Melhor do que ficar parado, é verdade, mas muito do estímulo para treinar e o prazer sentido depois se perderam nos longos períodos nos quais foi preciso contar apenas com a própria companhia e uma boa rede de internet. No entanto, não foi somente a angústia daqueles dias a responsável pela transformação gradual da atividade em algo maçante até mesmo para os adeptos fiéis. Sabe-se que um dos fatores para maior adesão aos treinos é a socialização, impossível diante da obediência às medidas de isolamento impostas. Agora, um novo estudo traz à luz um bom motivo pelo qual foi tão fácil abandonar os exercícios entre

quatro paredes depois de tanto tempo tentando achar disciplina e vontade para mais uma sessão à frente da tevê. De acordo com uma pesquisa realizada por três universidades espanholas, fazer ginástica em recintos fechados nem de longe traz os benefícios físicos e mentais das atividades executadas ao ar livre. E, como tudo o que é bom, esse jeito de se exercitar alimenta um círculo virtuoso em que as sensações resultantes são tão aprazíveis que, quando se tenta de outro jeito, não é a mesma coisa.

O estudo, publicado no periódico científico *Journal of Sports Science & Medicine,* levou em conta a participação de praticantes da cidade de Granada, na Espanha, para comparar os efeitos de praticar atividades físicas dentro e fora de ambientes fechados. A análise das respostas foi feita com base

nos resultados de exames de ressonância magnética cerebrais e de testes de estresse feitos com os participantes. Os cientistas concluíram que o estresse durante os exercícios era menor naqueles que optaram pela prática ao ar livre. Nos exames de imagem, por exemplo, quando em contato com imagens da natureza, os voluntários apresentaram atividade intensa de áreas do cérebro envolvidas no sistema de recompensa e prazer, disparando uma cadeia de efeitos bioquímicos que atenuam a ansiedade e asseguram melhora geral de humor.

Além disso, a pesquisa indica que ambientes externos estimulam o estado mental de relaxamento e a maior emissão das ondas cerebrais alfa, ligadas à redução de sintomas da depressão. O efeito positivo é tão notável que, de acordo com

o estudo, vantagens são percebidas até mesmo quando o espaço externo é observado através de uma janela. Outros trabalhos apontaram que se exercitar em parques, ruas tranquilas e praças pode resultar em uma queima de calorias 10% maior do que dentro de academias ou em casa. Uma hipótese para explicar o fato seria a de que, a céu aberto, é mais fácil distrair-se com o que está ao redor em vez de focar a atenção no cansaço ou na dor na hora da execução dos movimentos. Dessa forma, fica tranquilo finalizar as séries ou o tempo estipulado de corrida.

As modalidades mais comuns de serem vistas sendo praticadas ao ar livre são caminhadas, corridas e ciclismo. Contudo, muitas outras podem ser adaptadas para a prática fora de casa. “Não há contraindicação sobre o que deve ou não

ser praticado em locais abertos”, explica Cláudia Forjaz, professora do Departamento de Biodinâmica da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. “É possível fazer quase todo tipo de ginástica e de esporte”, diz. É claro que se deve evitar lugares barulhentos e poluídos e prestar atenção às condições de segurança do lugar ou do trajeto a ser seguido. Quem corre ou caminha, por exemplo, pode estar sujeito a torções ou fraturas dependendo do tipo de solo que percorre, assim como os que pedalam precisam escolher os percursos menos disputados com carros e pedestres. Há vida lá fora. ■

LUCILIA DINIZ

ATRAÇÃO VITAL

Como fazer a oportunidade vir
ao nosso encontro

HÁ UMA ENORME distância entre perseguir e atrair algo. Podemos sair em busca de um sonho ou criar condições ideais para que ele se realize. Perseguir o objeto de um sonho é uma coisa. Atraí-lo é outra. É uma diferença tão sutil quanto fundamental, se damos a devida atenção à nossa qualidade de vida. A distinção se aplica a qualquer sonho — um novo trabalho ou projeto de vida, uma viagem de aventura, a conquista de um amor. Lançar setas em direção a tais alvos é como correr atrás da felicidade — uma receita para a frustração. Afinal, ninguém consegue ser feliz quando se empenha nisso.

Acredito que, talvez devido a características de nossa formação, valorizamos demais a proatividade. Sempre ouvimos que "se a montanha não vai a Maomé, Maomé vai à montanha". Se o ditado popular for usado para combater a preguiça, então ele cumpre o seu papel educativo. O perigo surge quando a tal montanha é não uma empreitada, mas uma aspiração. Nesse caso, deslocar-se decididamente em direção a ela pode apenas expor nossas inseguranças.

Já a atração opera a partir de um outro pressuposto: o de que um aguçado estado de recepção é mais eficiente para

chegarmos aonde queremos. O segredo para atrairmos as oportunidades talvez seja desenvolver a plena confiança de que, mais dia, menos dia, elas virão ao nosso encontro. Não há nada de místico nessa colocação. Empresários argutos e políticos pragmáticos não desprezam essa dimensão nas mais importantes decisões. Eles sabem que, para além de suas convicções, em geral é inútil remar contra a maré. O melhor a fazer, uma vez esboçada a meta, é evitar a ansiedade e deixar a vida fluir. Basta estarmos sempre atentos à nossa bússola interior para os resultados aparecerem, às vezes quando menos se espera, quase sempre sem angústias ou sofrimentos desnecessários.

Agindo assim, aumentamos a chance de pôr em marcha um círculo virtuoso, em que uma primeira conquista leva à seguinte, e assim por diante. Pense, por exemplo, numa pessoa que queira emagrecer. Ela poderá perseguir esse objeti-

“Basta estarmos sempre atentos à nossa bússola interior para os resultados aparecerem”

vo com afinco, dedicando-se à contagem das calorias dos alimentos, à análise dos rótulos de embalagens e à radicalização na exclusão de determinados itens do cardápio, por mais que agradem a seu paladar. Em outras palavras, essa pessoa vai partir para um imenso sacrifício em nome daquilo que acredita ser um bem maior — a silhueta mais fina.

A estratégia alternativa para chegar ao mesmo fim é a da atração. Em vez de se sujeitar ao sufoco de uma dieta maluca, com assaltos noturnos à geladeira, por que não cuidar da cabeça, aquietar a mente, buscar o equilíbrio corporal? A perda do peso, desde que corresponda a uma vontade genuína, virá como consequência natural, sem que se tenha de abrir mão das alegrias de viver — o que inclui uma dieta saudável e deliciosa. ■

“

RACISMO NÃO É SÓ SER CHAMADO DE MACACO

O tenor Jean William, 36 anos, teve de superar a discriminação para se impor no mundo da ópera

”

SOU UM HOMEM NEGRO brasileiro, e quem disser que não existe racismo no país não conhece o Brasil. Por isso, quando vi um policial apontando uma arma para mim, no fim de janeiro, foi assustador. Eu estava no banco do motorista do meu carro, um Jeep Renegade, com um amigo, para fazer a travessia da balsa entre Santos e Guarujá, quando eles nos mandaram descer com as mãos para cima. Perguntaram se o automóvel era meu, se eu estava

carregando drogas e se já havia sido preso. Revistaram meus bolsos e o veículo. Quando finalmente se convenceram de que eu não era bandido, disseram que me abordaram porque eu poderia ter feito alguma “manobra brusca”, e depois foram embora sem revelar o verdadeiro motivo daquilo tudo. Não entendi nada. Ficamos com muito medo e envergonhados, com todo mundo nos observando. Decidi denunciar a ação e só fui descobrir a suposta razão da abordagem três dias depois, pela imprensa. O motivo teria sido a averiguação da placa do meu carro, que estaria clonada. Com essa justificativa, ainda que tardia — e que eu prefiro acreditar que seja verdadeira —, não posso afirmar que a ação da polícia foi motivada por

discriminação, nem passaria pela minha cabeça fazer uma acusação sem provas. Mas é fato que o racismo no Brasil é estrutural. Li comentários de pessoas dizendo que eu tive sorte porque o policial não atirou, nem me agrediu fisicamente. Quer dizer: as pessoas ficam esperando que a gente sofra ainda mais para ser considerado racismo? Não estou acostumado a ter uma arma apontada para mim. Eu era um alvo ali. Senti muita angústia.

Infelizmente, desde criança, eu sofri diversos episódios de racismo. Nasci em Barrinha, uma cidade de 30 000 habitantes no interior de São Paulo. Fui criado pelos meus avós, que também eram negros e pobres. Meu avô trabalhava na lavoura de cana e minha avó era faxineira de hospital. Sempre gostei de cantar e era conheci-

do por lá como “o menino que canta”. Na adolescência, formei uma banda de rock e, num concurso, ganhei uma bolsa de estudos de canto lírico. No curso, brinquei com a professora que eu sabia imitar o Pavarotti e ela notou que eu, realmente, tinha voz de tenor. Decidiu, então, trabalhar minha técnica vocal. Anos depois, fui estudar canto lírico na Universidade de São Paulo. Na época, outra professora me disse que eu tinha uma voz bonita, mas não deveria seguir carreira lírica porque não havia “príncipes negros na ópera”. Já me disseram também que não combinaria um “pretinho cantando em italiano”. Racismo não é só ser chamado de macaco.

Minha grande oportunidade veio em 2009, quando

uma amiga me apresentou ao maestro João Carlos Martins. Ele me convidou para ir à sua casa fazer uma audição para uma vaga na Bachiana Filarmônica do Sesi-SP. Chegando lá, me surpreendi com a presença do padre Marcelo Rossi. Antes do teste, nós três almoçamos juntos. Logo depois da audição, o maestro me convidou para cantar já no dia seguinte, como solista na filarmônica. Ele é uma grande inspiração para mim e me colocou no mercado de trabalho. Desde então, eu já cantei para o papa Francisco na Praia de Copacabana, com uma plateia de 3 milhões de pessoas. Também cantei para o príncipe de Mônaco, fiz dueto com a Laura Pausini e, claro, com o próprio maestro. Já viajei o mundo a trabalho, inclusive para uma apresentação no Lincoln Center, em Nova York. Passei a aces-

sar ambientes que seriam impossíveis se não fosse pela minha formação e meu talento. Recentemente, fui homenageado na minha cidade, com um teatro com o meu nome. Pretendo continuar cantando e trabalhando para democratizar a arte, porque eu venho de um lugar onde a música clássica não era comum, e seu impacto positivo transformou minha vida. ■

Depoimento dado a Felipe Branco Cruz

LUZ NO FIM DO TÚNEL

Com a inspiradora *Estação Onze,* da HBO Max, séries de TV questionam o pessimismo das tramas apocalípticas nas quais a humanidade exibe seu pior lado — e abraçam a ideia de que, mesmo no caos, a vida e as pessoas valem a pena

RAQUEL CARNEIRO

MAIS QUE SOBREVIVER Mackenzie Davis em *Estação Onze:* a arte aplaca os traumas e o caos

IAN WATSON/HBO MAX

São muitos os fantasmas, reais e alegóricos, que assombram Hamlet, o príncipe que dá nome à monumental peça de Shakespeare. Com a morte precoce do pai, o personagem encara uma ruptura da ordem estabelecida: sua mãe se casa com seu tio, que assume o posto de rei, adiando a chegada de Hamlet ao trono. O jogo político e a paparicação no palácio mudam. Pior de tudo: ele descobre que foi o tio quem assassinou seu pai para tomar a coroa. Hamlet está em luto, desiludido e sem perspectiva. Seu mundo desabou de forma abrupta — e os membros da Sinfonia Itinerante entendem bem como o príncipe se sente. A trupe de teatro shakespeariana da minissérie ***Estação Onze,*** da HBO Max, encena

Hamlet com o vigor e a entrega de quem também viu sua realidade ruir, só que concretamente: vinte anos se passaram desde que 99% dos seres humanos do planeta morreram em questão de horas, vítimas de um vírus incontrolável que deu fim à civilização. Com o intuito de recuperar as marcas que definem uma sociedade, o grupo abraça a missão de manter a arte viva — em especial, a obra do maior dramaturgo da história. O lema da trupe é autoexplicativo: "Porque sobreviver não é suficiente".

Séries que imaginam o Apocalipse compõem um filão mais e mais prolífico à medida que o século XXI avança com suas incertezas e angústias, da crise das democracias ao caos da pandemia. Dentre as inúmeras visões aterradoras do futuro disponíveis na TV e no streaming, *Estação*

KIRSTY GRIFFIN/NETFLIX

FÚRIA E FOFURA *Sweet Tooth:* crianças híbridas dão graça ao fim do mundo no drama da Netflix

Onze surge como espécime peculiar. Ela propõe uma perspectiva do fim dos tempos radicalmente diferente da propalada por uma *The Walking Dead,* por exemplo. Ao longo de onze temporadas, a trama distópica sobre zumbis explorou com intensidade o substrato pessimista que costuma embalar essas produções. No mundo dilacerado de *The Walking Dead,* não são só os monstros que assustam: o homem é o lobo do próprio homem. Ainda na seara dos mortos-vivos, *All of Us Are Dead,* hit coreano da Netflix, aprofunda a premissa sombria: a civilização desaba quando os instintos humanos são liberados em forma bruta.

Adaptação do livro homônimo da canadense Emily St. John Mandel, de 2014 — logo, a pandemia da obra em nada se relaciona com a atual —, *Estação Onze* oferece um vislumbre do Apocalipse não menos devastador, mas com uma distinção fundamental: aqui, persiste um fio de esperança na humanidade. É como se seus criadores dessem um voto de confiança ao tão vilanizado ser humano, que ainda seria capaz de resgatar a pureza e o altruísmo lá no fundo da alma quando tudo desmorona à sua volta.

Ao exaltar a empatia em meio ao caos, *Estação Onze* se tornou um dos expoentes do subgênero batizado na língua inglesa de *cosy catastrophe* (catástrofe aconchegante, em português). A série não está sozinha em uma seara na qual o

fim do mundo é pretexto para filosofar sobre as razões que fazem a civilização ainda valer a pena. É o caso da adorável *Sweet Tooth*, da Netflix, na qual crianças meio humanas, meio bichos são protegidas por adultos íntegros, enquanto os maus as caçam, julgando que são elas as culpadas pelo vírus que matou bilhões. Já na comédia *Good Omens*, do Prime Video, da Amazon, um anjo e um demônio, divertidíssimos, boicotam o Apocalipse — pois estão demasiadamente inebriados com os pequenos prazeres criados pelos homens, como o rock'n' roll, os carrões, os livros e até os sushis. Excelentes, ambas as séries vão ganhar continuações neste ano. A elas se soma *O Último Homem da Terra*, da Star+. Em quatro temporadas, a comédia segue a surreal peregrinação de um homem solitário em busca de companhia.

CHRIS RAPHAEL/AMAZON PRIME

BOICOTE DIVINO Michael Sheen e David Tennant, em *Good Omens:* anjo e demônio se unem contra o Apocalipse

Atualmente em produção, uma adaptação da trilogia *MaddAddão,* de Margaret Atwood (de *O Conto da Aia),* vai reforçar a leva: ao narrar a história de sobreviventes de uma tragédia química, a afiada Atwood fala de personagens que encontram, quem diria, uma vida melhor após o cataclismo.

O termo *cosy catastrophe* foi cunhado por Brian Aldiss (1925-2017), autor inglês que criou o conto *Superbrinquedos Duram o Verão Todo,* inspiração para o filme *AI: Inteligência Artificial* (2001), de Steven Spielberg. Interessado mais

nas angústias existenciais que na desordem social, Aldiss dotou a ficção científica de tramas nas quais os protagonistas descobrem insuspeitas vantagens ou acham refúgio em meio a desastres que vão de ataques alienígenas a mudanças climáticas. A definição vem sendo ampliada, abraçando livros, filmes e séries em que as qualidades das pessoas sobressaem a seus defeitos na hora do caos.

Em *Estação Onze,* é a relação dos personagens com a arte que produz efeito reconfortante. Recebidos como celebridades nos vilarejos por onde passam, os integrantes da Sinfonia Itinerante pós-apocalíptica nasceram de uma inquietação da autora do livro que deu origem à minissérie: ao perguntar a seus amigos do que mais sentiriam falta caso o

mundo acabasse, a canadense Mandel percebeu que ela mesma teria saudades de Shakespeare. A estrela da trupe é Kirsten, vivida com igual brilho por Matilda Lawler na infância e Mackenzie Davis na vida adulta. Apresentada no primeiro episódio como atriz infantil em uma montagem do *Rei Lear,* Kirsten perde rapidamente tudo o que lhe é familiar: o teatro, os pais e seu mentor, Arthur (Gael Garcia Bernal), um astro do cinema que se arrisca nos palcos em busca de credibilidade — mas cuja estreia teatral ocorre justamente no dia em que o vírus se espalha.

Sozinha quando a turbulência se instala, Kirsten é salva por um espectador do espetáculo, Jeevan (Himesh Patel). Abrigada no apartamento do irmão dele, o escritor Frank (Nabhaan Rizwan), a menina aplaca as dores escrevendo

uma peça baseada na história em quadrinhos *Estação Onze*, sobre um misterioso astronauta solitário — obra que ganhou de Arthur dias antes da tragédia. Como essa experiência se conectará com as referências shakespearianas no futuro de Kirsten, é um novelo que vai se desenrolando em lances poéticos no decorrer da história. Se o mundo tem de acabar, que seja um final feliz. ■

FERA ANGELICAL

Com seu primeiro álbum, a cantora Agnes Nunes se confirma como um talento precoce da MPB: por trás da voz de menina, há uma compositora madura e eloquente contra o racismo

SEM MEDO
Agnes Nunes: música como antídoto às ofensas a seu cabelo black

INSTAGRAM @AGNESNUNES

NASCIDA no interior da Bahia e criada no agreste paraibano, a cantora Agnes Nunes passou boa parte da vida longe do mar — e com pavor dele. Foi só no ano passado, em viagem a seu estado natal, que ela criou coragem para enfrentar o oceano. “Quando eu saí da água, estava renovada. Fui direto compor”, diz. O batismo nas ondas teve duplo significado. Daí veio a inspiração para a música *Menina Mulher,* também título de seu recém-lançado primeiro álbum. Ao superar o medo, Agnes, de 19 anos, encontrou ainda uma metáfora para explicar seu precoce — e impressionante — amadurecimento.

Se há uma coisa que chama atenção em Agnes (além da beleza), é a rara conjunção que ela personifica: eis uma cantora com timbre e vivacidade de menina, mas domínio vocal e veia compositora de gente grande. Ela começou com apenas 12 anos — e logo seu canto suave, com um quê de angelical, foi somando fãs no YouTube. No disco de estreia, seu repertório de samba ganha toques de jazz e R&B nos arranjos do produtor chileno Neo Beats. Agnes mal botou os pés no mar da MPB e já conquistou caciques como Caetano Veloso e Seu Jorge. “Quando a ouvi, pensei: ‘Essa menina tem voz de anjo’”, declarou Ivete Sangalo, que gravou com ela a faixa *Tudo Vai Dar Certo* para seu novo programa na HBO Max, *Onda Boa*. “Agnes é uma joia. Seu trabalho autoral acrescenta muito à música”, disse a VEJA o ator Lázaro Ramos, que a convidou para cantar um samba de Cartola na trilha de seu primeiro filme como diretor, *Medida Provisória*.

Basta prestar atenção nas letras para perceber que Agnes não é só mais uma voz bonita na MPB. Com notável franqueza, ela canta sobre temas pessoais, da origem simples à feminilidade — e empresta sua voz à luta contra o racismo. A música, aliás, foi uma válvula de escape quando, na adolescência, a cantora era atacada por causa do seu visual black power no interior paraibano. "As pessoas me perguntavam o que eu escondia dentro do meu cabelo. Era horrível", diz. Com 2,7 milhões de seguidores no Instagram e mais de 32 milhões de visualizações no YouTube, Agnes lançou recentemente uma série de conversas com seis artistas negras sobre as dificuldades que enfrentaram — uma delas era Elza Soares, morta no mês passado. "Essas mulheres

sofreram mil vezes mais que eu, e abriram alas para outras cantoras pretas." Que a maré continue assim. ■

Felipe Branco Cruz

QUAL É, GAROTO Alana Haim e Cooper Hoffman se conhecem: ela é mais velha e *blasée*, ele é uma graça e persistente

DE VOLTA PARA CASA

Alegre, terno e colorido, *Licorice Pizza* é uma carta de amor do diretor Paul Thomas Anderson ao seu San Fernando Valley e uma reconstituição da vertigem deliciosa de crescer

MGM PICTURES

É DIA DE FOTO na escola e Gary Valentine (Cooper Hoffman) se fascina com a garota que, com ar de tédio, bate os saltinhos pelos corredores oferecendo pente e espelho para os alunos que queiram se arrumar. Gary tem 15 anos, Alana (Alana Haim) tem 25, e ela dá risada quando ele a convida para jantar. Mas vai, porque ele é doce e cheio de iniciativa e de planos, e ela, ao contrário, anda sem rumo, como os pais e as irmãs a lembram em todas as oportunidades. É o início de uma grande amizade — que Gary não perde a esperança de transformar em romance. Ator de comerciais e de pontas, Gary não para de conceber novos estratagemas, como um insólito negócio de colchões de água que vai a pique por causa das doideiras de um cabeleireiro superstar (Bradley Cooper, ótimo); Alana salva a todos dirigindo o caminhão de entregas em alta velocidade, de ré, pelas encostas sinuosas de Los Angeles. E o tempo todo ela se pergunta, mas como raios esse bando de adolescentes virou a minha turma?

Passado no início dos anos 70, *Licorice Pizza* (Estados Unidos, 2021), em cartaz nos cinemas, é mais uma carta de amor do dire-

AS INDICAÇÕES

MELHOR FILME

DIREÇÃO
PAUL THOMAS ANDERSON

ROTEIRO ORIGINAL

tor Paul Thomas Anderson aos subúrbios de San Fernando Valley em que ele cresceu e onde, na adolescência, sonhava impressionar as amigas da irmã mais velha. Ao contrário de outras histórias de Anderson nessa paisagem, como *Boogie Nights* ou *Magnólia*, aqui não há solidão e desilusão. *Licorice Pizza* é todo terno e alegre, uma reconstituição da vertigem deliciosa de crescer, e um suspiro de alívio por estar de volta a casa após rodar *A Trama Fantasma* em Londres. San Fernando não é cool, diz ele, mas é uma inspiração que não se esgota.

Licorice Pizza não é revolucionário ou ambicioso como *Sangue Negro* e *O Mestre*, mas há poucos cineastas que filmam assim, como quem fala uma primeira língua, e são capazes de tecer uma trama a partir do pequeno e do pessoal e fazê-la ressoar tão longe, ou tão alto, quanto Anderson. Famílias — de nascimento e também de escolha — formam o filme, e não só no enredo e na equipe: o excelente Cooper é filho de Philip Seymour Hoffman, que tantas vezes trabalhou com o diretor, e a formidável Alana, ladeada aqui pelas irmãs Danielle e Este, com quem compõe a banda pop Haim (e pelos pais de verdade), é de certa forma cria de Anderson, que dirigiu a maior parte dos seus clipes. *Licorice Pizza* (vale dizer que nem pizzas nem alcaçuz entram no enredo) é talvez um tiquinho mais longo do que o estritamente necessário. Compreende-se: é difícil largar tantas boas companhias. ■

Isabela Boscov

O PODER DO MELODRAMA

Em *Mães Paralelas*, de Almodóvar, duas mulheres estabelecem uma ligação ao dar à luz que vai além do que elas suspeitam — e que ganha vida na atuação visceral de Penélope Cruz

O ACASO Milena Smit, como a adolescente Ana, e Penélope Cruz, como a fotógrafa Janis: múltiplos papéis maternos

DIVULGAÇÃO

JANIS (Penélope Cruz) e Ana (Milena Smit) conhecem-se na maternidade. Uma é fotógrafa, está na virada dos 40 anos e espera ansiosa pelo nascimento da filha. A outra é adolescente, está aterrorizada e carece de mais apoio do que encontra na mãe (Aitana Sánchez-Gijón), uma atriz que acaba de ganhar uma grande chance. Nos dois casos, a gravidez foi um acidente — essa é a palavra que elas usam, não necessariamente dando a ela definição idêntica. Janis conforta e encoraja Ana; ambas dão à luz no mesmo dia e, embora tenham vidas tão diferentes entre si, sua ligação vai se estender para bem além desse momento, como deixa claro o título ***Mães Paralelas*** *(Madres Paralelas,* Espanha, 2021), o novo filme de Pedro Almodóvar que, depois de uma passagem limitada pelos cinemas, estreia na Netflix em companhia de vários trabalhos anteriores do diretor. Trata-se, é claro, de melodrama na veia — gênero em que o espanhol costuma demonstrar excelência singular e para o qual encontra-se revigorado desde *Dor e Glória* (2019), que encerrou uma década de cansaço criativo.

As voltas que o destino dá em Janis e Ana são progressivamente complicadas e inesperadas, e a própria Janis mal

AS INDICAÇÕES

ATRIZ
PENÉLOPE CRUZ

TRILHA SONORA ORIGINAL

compreende como pode ceder assim a reações tão contrárias ao seu caráter. Mas Penélope Cruz, em uma grande atuação, torna as decisões dela viscerais, e a um só tempo cruéis e dignas de compaixão: há uma multiplicidade de papéis maternos contidos nas circunstâncias de Janis — para as meninas que nasceram, e para a frágil Ana (essa relação, entretanto, vai se transformar radicalmente).

Mães Paralelas não tem o polimento de *Dor e Glória.* A subtrama relativa aos desaparecidos da ditadura franquista é mais anexada ao enredo central do que entretecida nele com causa e efeito, como em outros trabalhos de Almodóvar, e as mães são circunscritas aos estereótipos básicos da amantíssima, da desnaturada e da que tudo dá mas também tudo quer.

Mas há uma beleza particular no uso que Almodóvar dá ao melodrama: nas suas mãos, ele é um instrumento de persuasão — um recurso para fazer o espectador ir adiando seu juízo sobre as personagens até o ponto em que julgá-las deixa de fazer sentido e o que ele quer, simplesmente, é compreendê-las. ■

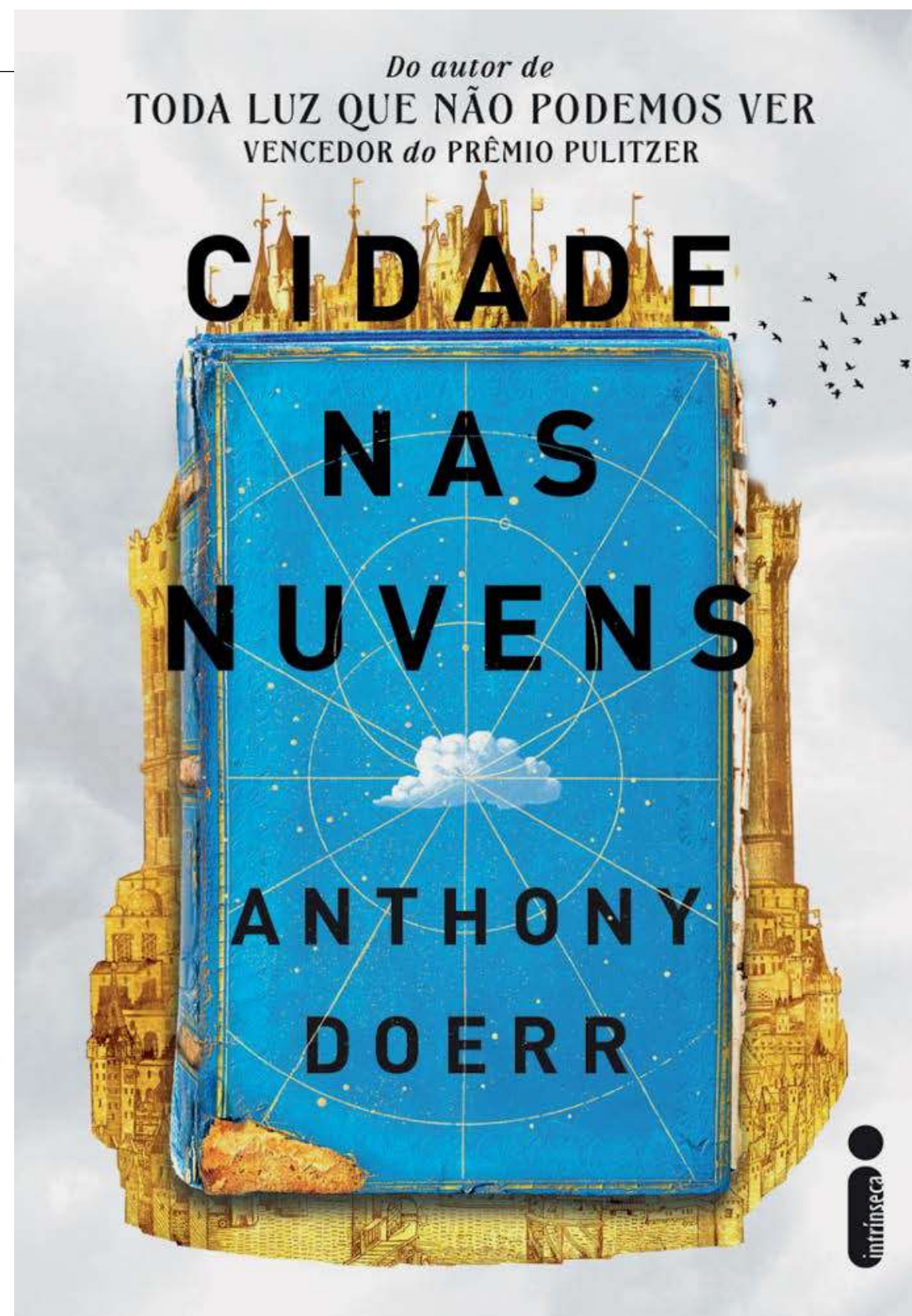
Isabela Boscov

DISCO

GOOD MORNING GORGEOUS, **de Mary J. Blige (Warner; disponível nas plataformas de streaming)**

Aos 51 anos e com três décadas de carreira, a nova-iorquina Mary J. Blige chega a seu 15º álbum mais relevante que nunca — na semana passada, a cantora roubou a cena no concorridíssimo show do intervalo do Super Bowl, a final do futebol americano. Dona de nove Grammys e duas vezes indicada ao Oscar, Mary é uma das poucas artistas de R&B surgidas nos anos 1990 a se manter na ativa até hoje. Depois de falar no último álbum de seu traumático divórcio, agora ela volta celebrando a solteirice com letras sinceronas e vozeirão cada vez mais maduro (e melhor). Em *Here With Me,* aposta no soul em uma estilosa parceria com o baterista Anderson Paak. Já em *Amazing,* feita com o badalado DJ Khaled, ela debanda para o trap, num aceno para a nova geração.

INSTAGRAM @THEREALMARYJBLIGE

VOZEIRÃO Mary J. Blige: gogó potente e letras sinceronas para celebrar a solteirice

LIVRO

CIDADE NAS NUVENS, **de Anthony Doerr (tradução de Marcello Lino; Intrínseca; 752 páginas; R$ 79,90 e R$ 54,90 em e-book)**

Aos 13 anos, Anna convive com os bombardeios à cidade de Constantinopla, no século XV. Para distrair a irmã, ela lê a história de Éton, um pastor que queria ser pássaro para viver em um paraíso nas nuvens. Imaginada pelo vencedor do Pulitzer Anthony Doerr, a história interliga Anna e outros quatro personagens em distintos planos temporais: um garoto de sua época que mora em uma fazenda próxima, um jovem americano revoltado de 2020, um ex-prisioneiro de guerra também nos Estados Unidos atuais, e uma adolescente de um futuro próximo, que vive em uma nave e nunca conheceu a Terra. Com a fábula de Éton como fio condutor, Doerr traça uma narrativa coesa intercalando realidades paralelas. Dedicada aos bibliotecários, a obra usa da resiliência humana para mostrar que uma história bem preservada é capaz de atravessar e inspirar gerações.

WILSON WEBB/APPLE TV

DUAS VIDAS *Severance:* memória dividida para separar o lado profissional do pessoal

TELEVISÃO

SEVERANCE **(Disponível na Apple TV+)**

Minimalista e datado, o escritório onde Mark (Adam Scott) trabalha chega a ser opressivo com suas divisórias brancas, mesas vazias e nenhuma janela. Ele e os poucos colegas ao lado não parecem se importar com o ambiente claustrofóbico. Para conquistar uma vaga ali, o grupo se submeteu a um procedimento cirúrgico que dividiu suas memórias em dois "compartimentos", um para a vida pessoal e outro para a profissional. Ao entrar no elevador, eles logo esquecem como é a vida lá fora, se possuem família, hobbies ou qualquer outra distração. Enquanto fora do trabalho, eles não se lembram de absolutamente nada do que fizeram nas oito horas comerciais. Quando um ex-funcionário diz ter revertido o procedimento, a empresa teme que segredos internos sejam revelados. Em clima de suspense, mas com tiradas de humor ácido, a série dirigida por Ben Stiller foi descrita como um mix de *The Office* com *Black Mirror* — mas é a assustadora distopia tecnológica que sobressai aqui. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 27#] GALERA RECORD

2 **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [3 | 43#] PARALELA

3 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [8 | 173#] VÁRIAS EDITORAS

4 **TORTO ARADO**
Itamar Vieira Junior [2 | 55#] TODAVIA

5 **NAS PEGADAS DA ALEMOA**
Ilko Minev [7 | 8#] BUZZ

6 **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [6 | 12#] GALERA RECORD

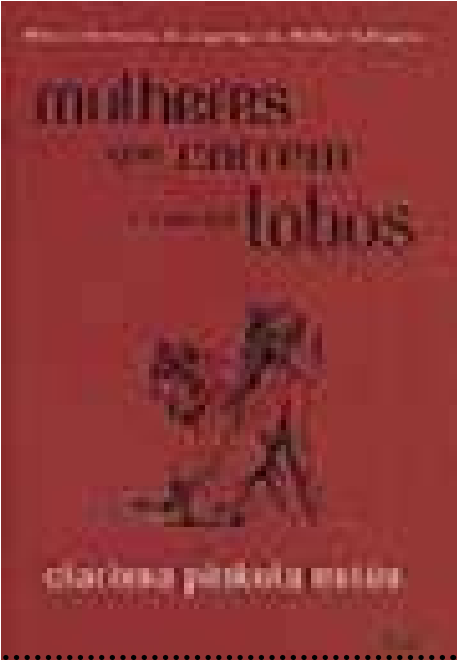
7 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [9 | 8#] RECORD

8 **A GAROTA DO LAGO**
Charlie Donlea [4 | 125#] FARO EDITORIAL

9 **BOX – GEORGE ORWELL**
George Orwell [5 | 19#] PRINCIPIS

10 **TETO PARA DOIS**
Beth O'Leary [0 | 46#] INTRÍNSECA

NÃO FICÇÃO

1 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 93#] ROCCO

2 **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [2 | 259#] VÁRIAS EDITORAS

3 **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [5 | 149#] OBJETIVA

4 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [4 | 259#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

5 **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
Tori Telfer [3 | 55#] DARKSIDE

6 **LULA, VOLUME 1**
Fernando Morais [6 | 10] COMPANHIA DAS LETRAS

7 **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [7 | 17#] ÁTICA

8 **A BAILARINA DE AUSCHWITZ**
Edith Eva Eger [9 | 10#] SEXTANTE

9 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [8 | 24#] VÁRIAS EDITORAS

10 **POLÍTICA É PARA TODOS**
Gabriela Prioli [0 | 16#] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [2 | 65#] HARPERCOLLINS BRASIL

2 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [1 | 144#] CITADEL

3 **PAI RICO, PAI POBRE**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [3 | 78#] ALTA BOOKS

4 **DO MIL AO MILHÃO**
Thiago Nigro [5 | 153#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [4 | 354#] SEXTANTE

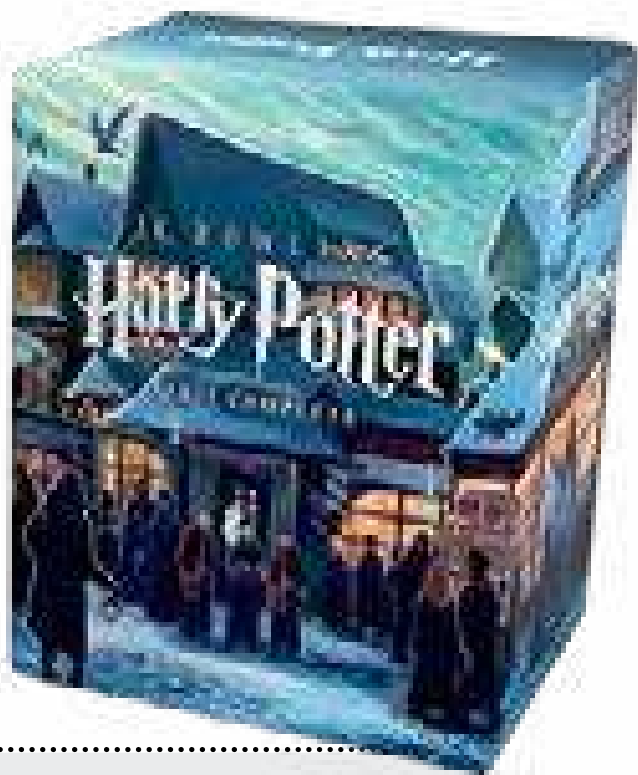
6 **O PODER DO HÁBITO**
Charles Duhigg [7 | 260#] OBJETIVA

7 **CORAGEM PARA CRESCER**
Marcos Freitas [0 | 2#] GENTE AUTORIDADE

8 **A CORAGEM DE SER IMPERFEITO**
Brené Brown [9 | 60#] SEXTANTE

9 **MINDSET**
Carol S. Dweck [0 | 103#] OBJETIVA

10 **TALVEZ VOCÊ DEVA CONVERSAR COM ALGUÉM** Lori Gottlieb [6 | 5#] VESTÍGIO

INFANTOJUVENIL

1. **COLEÇÃO HARRY POTTER**
   J.K. Rowling [7 | 102#] ROCCO
2. **AMOR & GELATO**
   Jenna Evans Welch [1 | 31#] INTRÍNSECA
3. **OS DOIS MORREM NO FINAL**
   Adam Silvera [5 | 5#] INTRÍNSECA
4. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
   Antoine de Saint-Exupéry [4 | 336#] VÁRIAS EDITORAS
5. **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
   Colleen Hoover [0 | 4#] GALERA RECORD

6. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
   Casey McQuiston [3 | 46#] SEGUINTE
7. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
   J.K. Rowling [6 | 330#] ROCCO
8. **A RAINHA VERMELHA**
   Victoria Aveyard [0 | 89#] SEGUINTE
9. **MALALA – A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA**
   Adriana Carranca [0 | 20#] COMPANHIA DAS LETRINHAS
10. **KIT UM DE NÓS**
   Karen M. McManus [10 | 4#] GALERA RECORD

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** A Página, Aeromix, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem – E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

DORA KRAMER

QUESTÃO DE ESTILO

OS ARQUITETOS da campanha do presidente Jair Bolsonaro parecem convencidos de que as traquinagens com o Tesouro não serão suficientes para reconstruir as relações dele com o eleitorado a fim de garantir um desempenho capaz ao menos de torná-lo competitivo na tentativa de reeleição. Pelo que andam dizendo, o candidato só terá salvação se o presidente mudar seu estilo.

Para suavizar a crítica ao comportamento de Bolsonaro, a ordem é atribuir a desventura eleitoral ao fato de ele não ter se vacinado e, por isso, agora se empenham em convencê-lo a se imunizar. O bruto, claro, resiste, embora provavelmente não por muito tempo. A julgar por essa versão edulcorada sobre a razão das desventuras presidenciais, uma vez vacinado, Bolsonaro estaria pronto a enfrentar Luiz Inácio da Silva e quem mais vier pela frente em condições de igualdade ou até mesmo bastante favoráveis em outubro.

De duas, uma: ou esse pessoal está delirando num exercício forte de autoengano ou a ideia é a de exercitar a arte da enganação para cima dos brasileiros. Não os que se deixam engambelar com entusiasmo, mas aqueles que integram o contingente de decepcionados que só faz crescer nos últi-

mos três anos. Processo agravado pelas atitudes da chefia na crise sanitária, mas iniciado bem antes disso.

Sim, porque a rejeição é ao modo Bolsonaro de ser. O registro disso aparece nas pesquisas de opinião como resultado de um desmonte ao qual se dedicou com afinco ao longo do mandato. E da vida. Ganhou imensa gravidade quando ele se colocou no campo oposto à imensa maioria da população no combate à Covid-19, mas não se circunscreve às vacinas.

Desnecessário rememorar ponto a ponto o conjunto de uma obra fresca na memória geral e ainda em execução. O estilo faz a pessoa. Aí se localiza a impossibilidade de se alterar a imagem de Bolsonaro com a aplicação de passes de mágica a poucos meses da eleição. Se mesmo diante da im-

probabilidade vier a conquistar um segundo mandato, não terá sido por causa de uma transformação, mas porque o eleitorado resolveu renovar a aposta no estilo do homem. Que, de resto, não dispõe de ferramentas nem de vontade genuína de se reinventar.

Ninguém muda aos 66 anos de idade. Antes disso tampouco. Fernando Collor aos 43 tentou abandonar a autossuficiência que o fez acreditar que poderia aprontar à vontade e ainda assim governar contra tudo e contra (quase) todos, principalmente menosprezando os políticos. Pediu socorro ao PFL — uma espécie de Centrão da época —, mas era tarde. Sua marca de arrogância e improbidade estava impressa em cada um dos 441 votos favoráveis ao impeachment aprovado pela Câmara dos Deputados em 29 de setembro de 1992.

“Rejeição a Bolsonaro é obra de uma vida que não pode ser mudada em passes de mágica”

Dilma Rousseff, aos 68 anos de idade, também tentou amenizar os efeitos de sua completa inapetência para ouvir. Seja os roncos das ruas (em 2013) ou os reclamos do Congresso durante seu primeiro e parte do segundo mandatos.

Buscou abrigo nas asas do PMDB — líder do figurino Centrão em voga na ocasião —, mas já havia deixado passar a oportunidade de se redimir. O carimbo da soberba e da rudeza no trato estava assinalado nos 367 votos que aprovaram o impeachment no dia 17 de abril de 2016.

Hoje em dia os aliados de Bolsonaro não são os únicos a acreditar na possibilidade de se operar transmutações de estilo. Os companheiros de João Doria na empreitada presidencial também se mostram dispostos à tarefa da conversão. De que maneira farão isso com um político cuja autoconfiança extremada gera uma antipatia forte a ponto de superar suas boas realizações, realmente é um mistério. Inclusive porque o governador de São Paulo não se ajuda. Por exemplo, ao chamar de “jantar de derrotados” um encontro

de correligionários donos de estradas muito mais longas e ligações mais estreitas que as dele na política.

O maior obstáculo ao êxito de mudanças tardias reside nos erros cometidos na companhia da empáfia e cujos efeitos nefastos não puderam ser devidamente compreendidos porque a personalidade de seus autores impediu que fossem corrigidos. Quando acordam se veem numa situação praticamente irreversível. Em geral, Inês é morta, pois o prazo de que dispõem para consertar o mal autoimpingido é muito menor que o tempo gasto na exibição de seus defeitos por eles presumidos como vistosas qualidades. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA